

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

**Do conto à aldravepeia: uma proposta de ampliação do repertório
literário através da produção de textos poéticos**

JOSEANI ADALEMAR NETTO

Juiz de Fora
2020

JOSEANI ADALEMAR NETTO

Do conto à aldraveia: uma proposta de ampliação do repertório literário através da produção de textos poéticos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Pedrosa Botelho

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Netto, Joseani Adalemar.

Do conto à aldravipeia - : uma proposta de ampliação do repertório literário através da produção de textos poéticos / Joseani Adalemar Netto. – 2020.

164 f.

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Pedrosa Botelho
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Aldravia. 2. Aldravipeia. 3. Letramento Literário. 4. Literatura. 5. Ampliação de repertório. I. Pedrosa Botelho, Professora Doutora Patrícia, orient. II. Título.

**Do conto à aldraviceia - uma proposta de ampliação do repertório literário através
da produção de textos poéticos**

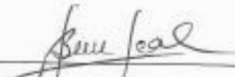
JOSEANI ADALEMAR NETTO

Trabalho de Conclusão Final de
Mestrado submetido ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras, da
Universidade Federal de Juiz de Fora -
UFJF, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Mestre em Letras.

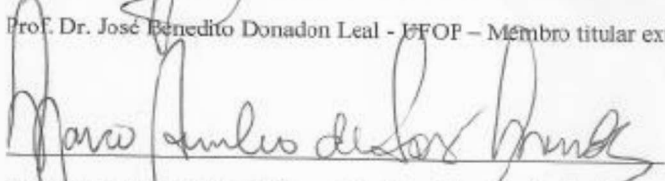
Aprovado em 12/03/2020



Prof.ª Dra. Patricia Pedrosa Botelho - presidente e orientadora



Prof. Dr. José Benedito Donadon Leal - UFOP - Membro titular externo



Prof. Dr. Marco Aurélio de Sousa Mendes - Membro titular interno

Dedico este trabalho à memória dos meus queridos pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

pelo dom da vida.

Aos meus amados pais que, mesmo não presentes fisicamente, estão a zelar por mim a toda hora.

Aos meus lindos filhos e sobrinho, Beatriz Netto Hauck, Breno Netto Lamy e Bernardo Venâncio Netto, pelo companheirismo, amor e paciência.

Ao meu irmão, João Marcos Netto, minha outra metade nesta vida, pelo incentivo, pelo exemplo de retidão.

À minha amiga Christiana Franck Cardoso Ferreira, pelo reencontro no ProfLetras, pela força, pela ajuda, pelas constantes palavras de incentivo, por segurar “minhas barras”, por acreditar em mim e por perdoar minhas falhas.

Ao meu querido genro Daniel Brandão e ao amigo Leandro Honorato, especialistas na arte da informática, por me auxiliarem nas dúvidas tecnológicas que eu não fui capaz de resolver.

À querida amiga Alice Gervason por acreditar em meus poemas, por incentivar minhas ações e tornar minha vida mais leve.

Às amigas Carla Amorim e Alyne Vieira pelas conversas, carinho e ajuda em momentos difíceis. Carla, minha salvadora!

Aos criadores da poética aldravista, Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, Hebe Rôla, J. S. Ferreira e J. B. Donadon-Leal por reconhecerem meu trabalho educativo através das aldravias e acreditarem que é possível transformar o mundo em um lugar mais poético e harmonioso.

À minha estimada orientadora, Dr^a Patrícia Pedrosa Botelho, não só pela qualidade de sua orientação, precisão em seus comentários e sugestões, mas também por entender minhas dificuldades, pela paciência em aguardar o momento certo para as broncas e o momento certo para humanamente me “colocar em seu colo” sem perder o profissionalismo e uma de suas mais lindas qualidades: o amor ao próximo.

Aos professores do corpo docente do ProfLetras da UFJF, Elza de Sá Nogueira, Érika Kelmer Mathias, José Carlos Gonçalves, Lucilene Hotz Bonzato, Marco Aurélio de Sousa Mendes, Natália Satlher Sigiliano, Neusa Salim Miranda e Thaís Fernandes Sampaio, por enriquecerem minha vida

com conhecimentos que irão reverberar para sempre em minha prática educacional.

Ao querido Carlos, pela gentileza e qualidade de seu atendimento.

À minha família Jotacê, pelas energias positivas que, com certeza, me deram mais força para prosseguir com meus sonhos.

Aos meus alunos e alunas, pelo comprometimento durante nossas aulas.

Aos pais e mães por confiarem seus filhos ao meu trabalho como professora.

Aos meus amigos amados do ProfLetras que caminharam comigo e juntos fizeram desse momento um momento de realização.

Aos diretores da escola em que leciono, Angélica Isabel da Silva e Douglas Tavares da Silva Teixeira, por confiarem e apoiarem meu trabalho, por serem presentes em todas as etapas do projeto, sempre dispostos em auxiliar, acreditando no poder transformador da educação.

À professora Flávia Cristina dos Reis Abud (AEE), que esteve ao meu lado em todas as intervenções, auxiliando-me para que houvesse realmente a inclusão dos nossos alunos com deficiência.

A todos que, direta ou indiretamente, participaram comigo dessa jornada acadêmica.

Gratidão.

no
jogo
da
vida
escrevo
aldravias

RESUMO

O presente projeto partiu da experiência adquirida com aldravias pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Anita Soares Dulci, em Santos Dumont. Foi inserido no conteúdo de Língua Portuguesa o estudo desse gênero literário desde 2016, assim, não é desconhecida dos alunos a estrutura que marca a escrita de aldravias: uma estrofe de seis versos, constituídos por uma única palavra cada. Procura-se pensar a sistematização do estudo das aldravias, neste projeto, como um dos caminhos para a ampliação do repertório literário e linguístico dos alunos. A partir da escrita de aldravias, pretende-se dar a eles a oportunidade de um olhar mais apurado sobre as palavras e seu uso no universo literário. Sendo assim, para ampliar esse conhecimento já adquirido e como orientação de ensino relevante para esse público, apresenta-se a aldravipeia, poema composto por 20 aldravias, contendo uma palavra-chave que norteia toda a sua produção. Essa proposta está atenta às teorias sobre o letramento e a ampliação de repertório literário que levem à produção autônoma e criativa de aldravipeias. Antes da produção escrita desse gênero, propõe-se a leitura e a interpretação do conto investigativo, de Ágatha Christie, *A aventura do pudim de Natal*, como base para a ampliação do repertório literário dos alunos participantes desse projeto e como motivação para a escrita de aldravipeias. Também será apresentada aos alunos, com o intuito de refletirem sobre o léxico e a semântica, uma aldravipeia da autora Angela Cristina Fonseca, *Olhares*. Vale dizer ainda que este projeto ancora-se nos pressupostos teóricos da *Sequência Básica e Expandida* de Rildo Cosson, *Letramento Literário – Teoria e prática*. Outros autores como Tereza Colomer, Mikhail Bakhtin, Antônio Cândido, Neusa Salim Miranda, Antônio Nóvoa fazem parte do arcabouço teórico para a construção de uma metodologia voltada para a reflexão sobre o ensino da Língua Portuguesa no que tange à ampliação do repertório linguístico e literário dos alunos através da produção de textos poéticos.

Palavras-chave: Aldravia. Aldravipeia. Letramento literário.

ABSTRACT

The project started with the experience acquired with *aldravias* by the students of the 7th year of Elementary School II who are enrolled at Escola Municipal Anita Soares Dulci in Santos Dumont. The study of this literary genre has been included in the Portuguese language content since 2016, so the structure that marks the writing of *aldravias* is not unknown: a stanza of six verses, consisting of a single word each. We try to think of the systematization of the study of *aldravias*, in this project, as one of the ways to expand the students' literary and linguistic repertoire. From the writing of *aldravias*, it is intended to give them the opportunity to have a more accurate look at words and their use in the literary universe. Thus, to expand this knowledge that has already been acquired and as a relevant teaching guide for this audience, the *aldravipeia* is presented, a poem composed of 20 *aldravias*, containing a keyword that guides all of its production. This proposal is attentive to theories about literacy and the expansion of literary repertoire that lead to autonomous and creative production of *aldravipeias*. Before the written production of this genre, it is suggested to read and make interpretations towards Agatha Christie's *A aventura do pudim de Natal* as a basis for expanding the literary repertoire of the students participating in this project and as motivation for the writing of *aldravias*. It will also be presented to students in order to reflect on the lexicon and semantics of *aldravipeia* by the author Angela Cristina Fonseca that is called *Olhares*. It is worth mentioning that this project is based on the theoretical assumptions of *Sequência Básica e Expandidade* Rildo Cosson, *Letramento Literário – Teoria e prática*. Other authors such as Tereza Colomer, Mikhail Bakhtin, Antônio Cândido, Neusa Salim Miranda, Antônio Nóvoa are part of the theoretical framework for the construction of a methodology aimed at reflecting on the teaching of the Portuguese language in terms of expanding the linguistic and literary repertoire of students through the production of poetic texts.

Keywords: Aldravia. Aldravipeia. Literary literacy.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
1.1- UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O MOVIMENTO ALDRAVISTA E O GÊNERO ALDRAVIA.....	10
1.2- ALDRAVIAS EM SALA DE AULA	14
2- JUSTIFICATIVA	17
2.1- SOBRE LEITURA E LEITORES.....	19
3- OBJETIVO GERAL	38
3.1-OBJETIVOS ESPECÍFICOS	38
4- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	39
4.1-LETRAMENTO LITERÁRIO.....	39
4.2- A LEITURA EM FOCO	40
4.3- A ESCRITA: UMA ATIVIDADE AUTORAL E SIGNIFICATIVA.....	45
5- CONTEXTO DE PRODUÇÃO	50
6- METODOLOGIA	52
6.1- PERFIL DOS ALUNOS	53
6.2- PERFIL DA PROFESSORA-PESQUISADORA.....	55
7- INTERVENÇÃO	56
8- CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	99
9- CONCLUSÃO	101
10- REFERÊNCIAS	104
11- ANEXO	107
12- APÊNDICE	159

1 INTRODUÇÃO

1.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O MOVIMENTO ALDRAVISTA E O GÊNERO ALDRAVIA

Afinal, construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser.

(COSSON, Rildo, 2006, p.24)

Por serem as aldravias um gênero literário ainda pouco conhecido das pessoas e de modo geral pouco trabalhado nas escolas, com aproximadamente nove anos de existência, faz-se necessário um breve histórico para detalhar a noção de aldravia, em que momento ela surge, qual movimento literário é o responsável por torná-la um gênero relevante para nossa Literatura e por que ela se apresenta como mais um instrumento facilitador da aprendizagem. Assim, espera-se que o leitor deste trabalho se familiarize com o gênero e os termos que serão daqui por diante utilizados, facilitando sua leitura e compreensão dos objetivos e intervenções que serão, mais adiante, detalhados.

As aldravias são textos poéticos metonímicos construídos a partir de seis versos univoculares que compõem uma única estrofe. De acordo com o ABC das aldravias criado em outubro de 2010, há critérios para a criação aldravista que não visam limitar o fazer poético, mas dar a ele um caminho, guiá-lo. Assim sendo, as aldravias são escritas em letras minúsculas a não ser quando se tratam de nomes próprios. Não é necessário o uso de pontuação, pois o poema é construído a partir de palavras-versos que devem já indicar sua entonação ou pausa, porém quando a palavra-verso não contempla a entonação a que se quer dar como em uma pergunta ou exclamação, fica a critério do poeta exercitar sua licença poética, usando os sinais adequados. É importante pensar que, na construção de uma aldravia, o poeta sugere, indica,

dá pistas através das palavras para que o leitor possa completar os vários sentidos que o poema pode ter. A pontuação poderá tomar o lugar de uma palavra quando assim for significativo, ditando novamente a liberdade de expressão do escritor. Nomes próprios que sejam duplos, como “Santos Dumont” e formas pronominais ligadas por hífen são considerados um único vocábulo. A metonímia, como figura de linguagem que sugere o todo a partir de suas partes, é mais valorizada do que a metáfora cuja construção se faz de maneira mais simples. O uso da metonímia leva o poeta a pensar as palavras/versos como o indício do que se quer dizer, dando ao leitor a possibilidade de múltiplas interpretações. Essa figura de linguagem permite ao poeta e ao leitor caminharem por entre os vários sentidos de uma palavra que, colocada em posição de verso diz mais do que seu significado literal, ampliando o repertório linguístico/semântico de ambas as partes, promovendo uma leitura para além do registro dicionarístico dos vocábulos. Neste aspecto a metonímia torna-se essencial para a compreensão das aldravias.

Por serem as aldravias um novo gênero literário, pouco conhecido no universo acadêmico das universidades, torna-se necessário um breve histórico sobre o seu surgimento, a sua importância para a Língua Portuguesa e para a Literatura Brasileira, bem como sua relevância em sala de aula para a ampliação não só do repertório literário do aluno, mas também como um dos caminhos para seu letramento linguístico e suas atividades de escrita e reescrita poética.

Antes de surgirem as aldravias como expressão poética e estética, surge o Movimento Aldravismo:

Aldravismo vem de aldrava, termo que designa o utensílio com o qual se bate nas portas para que estas sejam abertas. Assim, o Aldravismo pode ser caracterizado pela arte que chama a atenção, que insiste, que abre portas para as interpretações inusitadas dos eventos cotidianos, em relatos daquilo que só o artista viu.

(LEAL, 2014, p. 12)

O Movimento Aldravismo é a junção de propostas provocativas de poetas na cidade de Mariana, Minas Gerais, com intenção de criar uma Literatura possível de interagir com o leitor, ou seja, o leitor passa a ser parte atuante e muito mais significativa na construção dessa Literatura, deixando de ser apenas leitor passivo de textos poéticos. Para Bakhtin, (...) “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos

precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 300). Sabe-se que o leitor é importante para o autor no processo de criação literária e deve ser considerado como parte atuante dessa criação através da leitura ou leituras que é capaz de fazer dos textos produzidos, conferindo a eles sentido. A partir dessa consideração é possível perceber a concepção principal sobre a literatura que é a “literatura metonímica, em que o produtor apresenta um indício, uma parcela da coisa representada e o leitor/espectador é livre para compor seu complemento de significação” (LEAL, 2014, p. 12).

A busca constante por uma identidade e por uma arte independente faz com que surja o Movimento Aldravista nascido também do desejo de se fazer uma Literatura capaz de acompanhar as necessidades de um novo tempo sem ignorar, porém, nossas raízes literárias e artísticas. Um movimento que possa ser simples e conter quantas formas de leitura ele suporte. Uma Literatura que possa trazer novas discussões sobre o fazer poético sem abandonar a tradição, responsável por hoje se discutir uma Literatura que abra espaço para o futuro. Por esse motivo, o Movimento Aldravista passa a configurar-se de extrema importância para a Literatura Contemporânea, principalmente para a Literatura produzida em Mariana, Minas Gerais, berço dasaldravias.

Muito importante considerar que o Movimento ora chamado de Aldravismo, ora de Aldravista vai sendo, aos poucos, cerzido através de manifestos que não estão preocupados em estar ou não inseridos em uma escala acadêmica, mas de conviver de forma respeitosa com os cânones literários já reconhecidos de nossa Literatura. É o século XXI surgindo com novas necessidades artísticas e literárias, buscando uma base que possa sustentar os desejos do indivíduo contemporâneo e que busca a representação do sujeito e do mundo através da arte. Independente dos cânones, a Literatura vem sendo construída dia a dia através de novos poetas e escritores que muitas vezes ficam escondidos em seus recantos, os mais longínquos, e para podermos revelá-los é preciso uma busca incessante. Independente do que consumimos como material ditado pelas Academias, a Literatura vem sendo construída e reconstruída através de materiais que circulam por pequenos espaços. É nesse ambiente latente de escritas que o Movimento Aldravismo surge.

Vale salientar que a pequena cidade de Mariana se torna o cenário propício para o nascimento de uma nova forma de escrever, pensar e se expressar – as aldravias - por ser ela o berço dos Inconfidentes e de grandes poetas como Alphonsus de Guimaraes e Cláudio Manoel da Costa. Andreia Donadon Leal (2014) artista plástica, poeta e escritora marianense, que deu nome a esse novo gênero literário, em sua dissertação de Mestrado, apresenta os primeiros poetas que fundaram o Movimento Aldravista:

Os fundadores do Movimento Aldravista conheceram-se em projetos anteriores, como o do jornal PoeZine (1994-95) (...) No PoeZine, pela primeira vez, aparecem numa mesma publicação, os nomes de Lázaro Francisco da Silva, Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal, J. S. Ferreira, Luiz Tyller Pirolla e Hebe Rôla.

(LEAL, 2014, p. 22)

Esses poetas, então, foram descobrindo suas afinidades e as possibilidades de trabalhos feitos em conjunto. Gabriel Bicalho logo se destaca como líder desse grupo de poetas e abre cada vez mais espaço para discussões e novas criações.

Em 2000, a publicação do *Jornal Aldrava Cultural*, idealizado por Gabriel Bicalho, torna a história aldravista real, concreta e já de uma certa maneira amadurecida pelos anos de discussões feitas até aqui. Em outubro de 2000, surge a *Associação Aldrava Letras e Artes* (mantenedora do *Jornal Aldrava Cultural* e da *Editora Aldrava Letras e Artes*) como associação de artistas e escritores, para a produção e promoção das artes literárias, plásticas e musicais. Esses eventos representam o amadurecimento dos projetos anteriores.

O *Jornal Aldrava Cultural* passou a publicar os manifestos e poéticas de autores que não eram conhecidos no panteão das Academias.

Aos poucos, o Aldravismo vem ganhando espaço e consolidando-se como um movimento de proposição de algo novo, tornando-se referência, ou seja, passando a nossa Literatura a ser o modelo para o outro.

[...] a atitude metonímica do Aldravismo parece constituir foco de atenção na sua produção artística, incluindo-se aí a das

artes visuais. O ápice dessa obsessão pela metonímia levou os aldravistas à busca da arte da síntese. Este ponto foi alcançado em dezembro de 2010, com a criação de uma nova forma poética, a Aldravia – poema sintético de seis versos univocabulares.

(LEAL, 2014, p. 74)

Esta nova forma de poesia, segundo nos fala Leal (2014), destaca o ano em que foi levada a público “foi lançada em dezembro de 2010, no *Jornal Aldrava Cultural* número 88 e em 30 de abril de 2011, (...) no livro *Germinais – Aldravias {nova forma, nova poesia}*, primeiro livro de aldravias” registrado com ISBN (LEAL, 2014, p.107).

As aldravias nascem da necessidade contemporânea de se dizer muito, usando poucas palavras, acompanhando o cotidiano veloz e efêmero a que nós estamos subordinados. Todavia, as aldravias não são efêmeras no que se diz respeito aos sentidos que elas provocam nem mesmo velozes quando pensamos nos efeitos que produzem. Elas se perpetuam na medida em que transmitem os discursos sociais do cotidiano através de seis palavras dispostas em uma estrofe apenas, afinal de contas, “[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 294). É a insinuação que toma forma de discurso através da metonímia – uma parte que diz sobre o todo.

O ano de 2010 lança para o Brasil e para o mundo uma nova forma de fazer poesia que vem a cada dia interessando mais não só aos poetas e escritores mas também aos educadores que fazem uso dessa arte para trabalhar em sala de aula várias questões relacionadas à Língua Portuguesa, como o léxico e a semântica e, sobretudo, questões como o fazer poético e suas características, além da metonímia, principal figura de linguagem utilizada na construção de aldravias.

1.2 AS ALDRAVIAS EM SALA DE AULA

A Escola Municipal Anita Soares Dulci, em Santos Dumont, é a escola em que o projeto foi aplicado e a turma alvo os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II.

Esses alunos já estão familiarizados com o fazer poético em seis palavras-versos, visto que as aldravias fazem parte do conteúdo programático das aulas de Língua Portuguesa desde o 6º ano. A Escola Municipal Anita Soares Dulci é, também, a sede da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas Infantojuvenil, que tem como uma das funções ampliar o repertório literário dos alunos que participam da Academia e estender suas atividades aldravísticas também aos alunos de toda a escola desde o 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

Há que se pensar que os alunos do ensino fundamental, séries finais, trazem para a escola uma bagagem de experiências extracurriculares que merecem a atenção do professor, mas também necessitam ampliar essas experiências através de outros repertórios de linguagem e de leitura, proporcionados pelas aulas de Língua Portuguesa.

A escolha das aldravias justifica-se não só pelo fato de os alunos já conhecerem o gênero, mas principalmente pelo fato de que, através delas, é possível trabalhar questões relevantes como a semântica e o léxico na construção de um texto poético, favorecendo a inserção de outros gêneros como os contos e a ampliação de todo um repertório de leitura que facilitará a escrita e reescrita de poemas e de aldravipeias¹.

No presente projeto, procurou-se pensar como objetivo geral a ressignificação do estudo do texto narrativo para através dele ser apresentado o gênero: aldravipeia. Assim, os alunos terão a oportunidade de participar de aulas de leitura que levarão ao momento da escrita de forma significativa e dinâmica. Aprenderão sobre o conto investigativo e como transformá-lo em poemas como as aldravipeias, ampliando sua competência leitora e escritora. É importante, portanto, que o aluno possa aprimorar seu olhar para ostextos.

Assim pensando, este projeto propõe em um primeiro momento o trabalho com o conto de Ágatha Christie, *A aventura do pudim de Natal*, partindo do conhecimento prévio dos alunos para ampliar seu repertório, introduzindo o conto investigativo, em que outros elementos da narrativa entram em cena, como o clímax. Para isso, é muito importante que o professor tenha em mente quais os objetivos a serem alcançados, que tipo de motivação levará o aluno a compreender o texto em todas as suas particularidades, como será feita a mediação entre o leitor e o conto. Essas são tarefas que

¹ As aldravipeias são um conjunto de 20 aldravias em que uma palavra-chave permeia toda a construção poética, promovendo a ligação entre as estrofes de forma a dar sentido a esse conjunto poético.

promoverão o protagonismo do professor, visto que este deverá ser autor de sua prática, evidenciando as necessidades a serem trabalhadas a partir do conhecimento de sua turma, de sua realidade. No capítulo sobre a metodologia a ser aplicada, o passo a passo de como trabalhar o texto investigativo e as aldravipeias ficará mais claro.

As aldravipeias exploram a polifonia, deixando claramente perceber o trabalho criativo do poeta que experimenta, a partir de uma mesma palavra, as inúmeras possibilidades que ela contém. Trabalhar com as aldravipeias tendo o conto investigativo como material a ser explorado poeticamente é um desafio não só para os alunos, mas também para a professora que terá de exercitar seu protagonismo docente como construtora do material a ser ofertado e explorado pelos alunos, além de criar um ambiente propício para o aprendizado.

A princípio pode parecer que a leitura do conto investigativo de Ágatha Christie e sua transformação em aldravipeia não faça sentido, por serem gêneros diferentes em sua composição, porém o conto investigativo além de motivar a leitura dos alunos, traz uma ambientação que leva à reflexão de atitudes, sentimentos, sensações e ações que promovem a construção polifônica de uma aldravipeia. Haverá, sem dúvida, um diálogo interessante entre os gêneros trabalhados, o aluno/escritor e os textos que serão produzidos, configurando-se entre eles atitudes responsivas. Para Bakhtin, (...) é “impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Os alunos terão ao seu dispor toda uma história que os levará ao exercício da escrita poética em diálogo com a narrativa estudada e com vários outros enunciados que exigirão desse leitor atitudes que respondam positivamente ou não ao que está sendo dito, mudando muitas vezes de posição, ora leitor, ora escritor. Um dos desafios está em fazer com que ocorra um amálgama entre narrativa e poesia. A este desafio propomos a intervenção que será exposta mais adiante.

Os alunos terão de retirar do conto de Ágatha Christie as palavras que considerarem mais significativas e que remetam ao suspense da história lida. As palavras retiradas serão o material à disposição de cada aluno, ou grupo de alunos, para a construção de 20 estrofes com 6 versos univoculares que dialoguem com o texto trabalhado em sala de aula.

Vale salientar que este trabalho está inserido no macroprojeto: “Perspectivas práticas no ensino de leitura e produção textuais”, coordenado pela Professora Doutora Patrícia Pedrosa Botelho, no âmbito do Mestrado Profissional em Letras, Profletras, da Universidade Federal de Juiz de Fora. O microprojeto organizado para ser aplicado em sala de aula, no ano de 2019, teve por intento principal o desenvolvimento de proposta interventiva focada no ensino de Língua Portuguesa, através de estratégias literárias para a construção de textos poéticos do gênero aldravieira, buscando aprofundar também o estudo que leve ao letramento literário e linguístico para alunos do 7º ano do ensino fundamental II, da Escola Municipal Anita Soares Dulci, explorando a polifonia e a metonímia.

2 JUSTIFICATIVA

Durante muito tempo, a gramática e a preocupação com a estrutura formal dos textos escritos eram o centro do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mas com os avanços no campo da Linguística, muitos estudos trouxeram uma nova perspectiva para esse ensino e essa aprendizagem. Desde a segunda metade do século XX a Língua Portuguesa ensinada nas escolas não pôde mais ser concebida como uma prática meramente transmissora de regras e normas gramaticais. Não se quer dizer que a gramática não seja um elemento importante para ser ensinado. Contudo, o professor de Língua Portuguesa não pode mais se ater em apenas transmitir conhecimentos técnicos. O mundo atual exige um sujeito capaz de interagir socialmente e, para isso, estudos “sobre letramento investigam as práticas sociais que envolvem a escrita, seus usos, funções e efeitos sobre o indivíduo e a sociedade como um todo” (BEZERRA, 2007, p. 39). Sendo assim, o estudo de textos e sua produção escrita também perpassa os conhecimentos linguísticos, de maneira contextualizada e muito mais significativa para os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, afinal de contas, “a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes” (Idem,p.41).

Através da leitura e da escrita o aluno exercita suas potencialidades individuais e coletivas que o levarão à compreensão do mundo ao seu redor. Percebe-se que a escola nem sempre valoriza o trabalho com a leitura e com a escrita, repetindo posturas e exercícios consagrados por uma tradição pedagógica cerceadora da liberdade criativa e que não são significativos para o aluno, levando muitas vezes ao fracasso, alvo de críticas e discussões.

A Escola Municipal Anita Soares Dulci, desde 2016, é sede da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas Infantojuvenil (ABRAAI-SD), por isso seus alunos estão em contato com o gênero aldravia a partir do 6º ano. Aulas e oficinas de leitura e escrita já vêm sendo realizadas pela professora de Língua Portuguesa desde 2016, quando a ABRAAI-SD foi fundada na escola. Essa realidade precisa ser ainda mais explorada, buscando possibilidades outras que possam ampliar o universo linguístico e literário dos alunos.

Assim, o estudo do texto, suas dimensões literárias e linguísticas, é um convite para que o aluno amplie seu repertório e o professor seja autor de sua prática, indo para além de aulas de memorização gramatical. O estudo da gramática continua sendo importante, como já foi dito, não podemos abandoná-lo, mas ele precisa ser feito de maneira a levar em consideração o contexto em que os enunciados estão postos, não mais de forma separada ou fragmentada em relação ao texto. A leitura do conto investigativo e sua interpretação colocam o leitor diante de situações que confrontam a realidade e a ficção. A escrita de aldravias e aldravipeias promove a sensibilidade no trabalho com as palavras, retira o indivíduo que escreve do senso comum e o coloca em um outro espaço: o espaço linguístico-literário que requer dele um olhar mais apurado para o mundo e maior eficácia em como se expressar através da Língua.

A proposta que se apresenta está de acordo com o que diz os PCNs a respeito do texto literário e seu estudo:

[...] o tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que

contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

(BRASIL, 1998, p. 27)

Para que haja uma mudança significativa na prática em sala de aula, no que concerne ao ensino e à aprendizagem da Língua e do texto literário, é que este projeto traz o estudo do conto investigativo de Ágatha Christie, *A aventura do pudim de Natal*, e das aldravieiras, o conjunto de 20 aldravias que trabalham as palavras em suas mais diversas significações. Um diálogo capaz de fomentar discussões sobre questões linguísticas como polifonia, intertextualidade e metonímia, corroborando um ensino mais significativo da Língua Materna.

Para que o presente projeto pudesse ser desenvolvido de maneira mais efetiva, foi aplicado aos alunos um questionário intitulado *Sobre leitura e leitores*, que se encontra nos anexos deste trabalho, de verificação da relação do aluno com a leitura. Os alunos responderam ao questionário no dia 29 de maio de 2019 e as análises foram feitas em forma de gráfico com comentários da professora-pesquisadora e se encontra no subitem 2.1. Esse questionário facilitou conhecer os alunos e suas práticas de leitura para assim, propor as intervenções de forma a dar mais sentido às aulas de Língua Portuguesa, colaborando para uma abordagem literária mais interessante e próxima da realidade dos discentes.

2.1 SOBRE LEITURA E LEITORES: QUESTIONÁRIO APLICADO NA TURMA DO 7º ANO PAULO FREIRE, ESCOLA MUNICIPAL ANITA SOARES DULCI.

Os alunos responderam em sala de aula a várias perguntas sobre os hábitos e as motivações que os levam a ler, acesso aos livros, idas a bibliotecas, forma como os livros são avaliados em sala de aula etc.

O público-alvo dessa pesquisa abarca alunos do Ensino Fundamental II, do 7º ano, Turma Paulo Freire, Escola Municipal Anita Soares Dulci. A turma é composta por 34 alunos, em idade regular para o ano/série em que se encontram. Os alunos demonstram atenção e interesse aos assuntos levados para a sala de aula, gostam, em sua maioria, de participar das atividades que são propostas. Dentre os alunos matriculados e frequentes nessa turma, há 4

alunos que possuem laudo médico, sendo observadas as seguintes peculiaridades: um dos alunos possui paralisia cerebral espástica que afeta os membros inferiores (cadeirante); um aluno possui déficit de atenção, déficit de processamento auditivo, ansiedade e distúrbio do sono; um aluno possui TDAH e um dislexia. Apesar dessas peculiaridades, foi possível perceber que os alunos se interessaram pelas atividades propostas e participaram, dentro de suas limitações de todo o processo de intervenção, desde o primeiro dia de aula.

Dos 34 alunos com faixa etária entre 12 e 13 anos, que participaram do projeto, 31 alunos responderam ao questionário e assinalaram na pesquisa informações como “sexo” e “idade”, como pode ser observado nos gráficos 1 e 2 que se apresentam a seguir.

GRÁFICO 1 - I

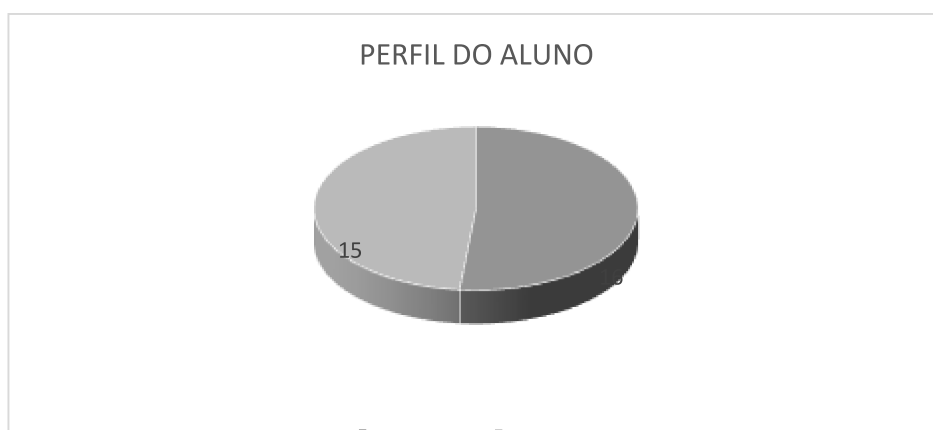
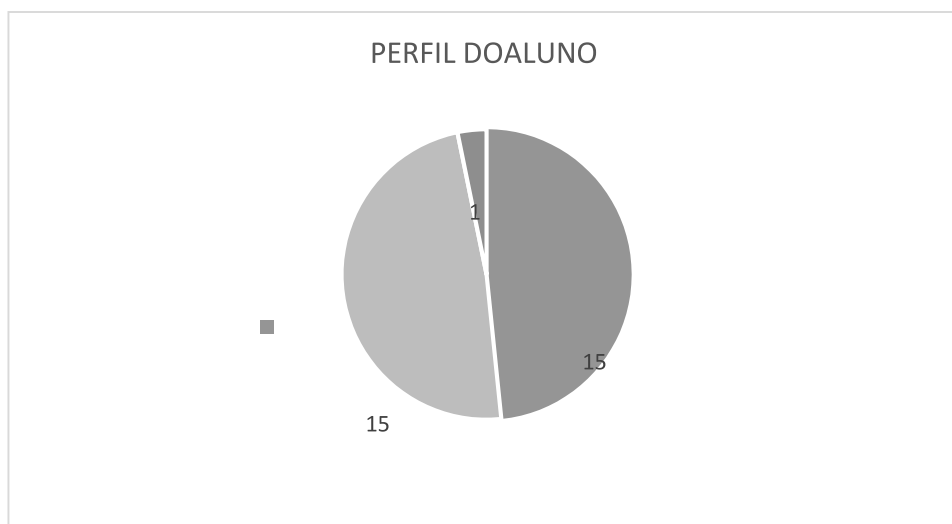


GRÁFICO 2 - II

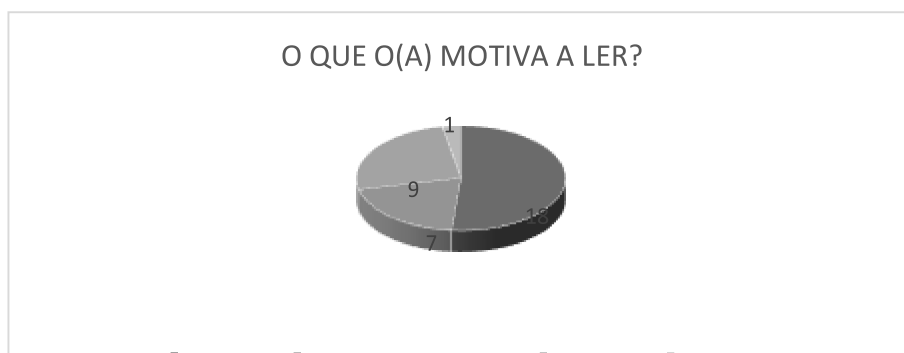


No gráfico 2, a partir das informações coletadas, traçamos a faixa etária dos alunos participantes do projeto, sendo 15 alunos com 12 anos, 15 alunos com 13 e 1 aluno não respondeu.

Analisando as questões e respostas dos alunos, verificamos que em relação à leitura, há um equilíbrio entre o número de alunos que responderam ter o hábito da leitura e os que responderam não ter esse hábito. O que se apreende desse resultado é a necessidade de incentivar mais os alunos quanto à leitura, oferecendo-lhes mais oportunidades que possam motivá-los a ler com mais frequência e, assim, tentar modificar esse quadro para um número maior de alunos leitores, seja em sala de aula, seja extraclasse.

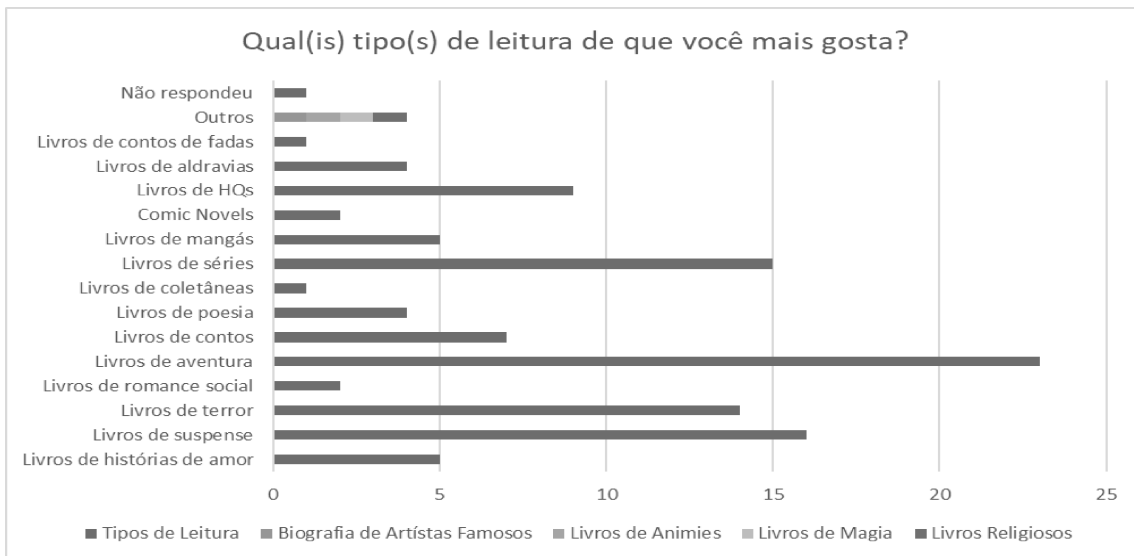
O gráfico seguinte, número 3, “O que o(a) motiva a ler?”, mostra que a maioria (18 alunos) lê por prazer, 7 alunos pela exigência escolar, 9 não souberam responder e um respondeu que sua motivação é melhorar a leitura. Alguns alunos marcaram mais de uma opção de resposta, contabilizando mais respostas que alunos.

GRÁFICO 3 - III



No item quais tipos de leitura de que você mais gosta, mais de uma opção poderia ser marcada. Essa questão é muito importante porque a resposta a ela justifica a escolha de um conto de investigação como a primeira leitura a ser feita com os alunos e que será retomada quando for feita a produção textual.

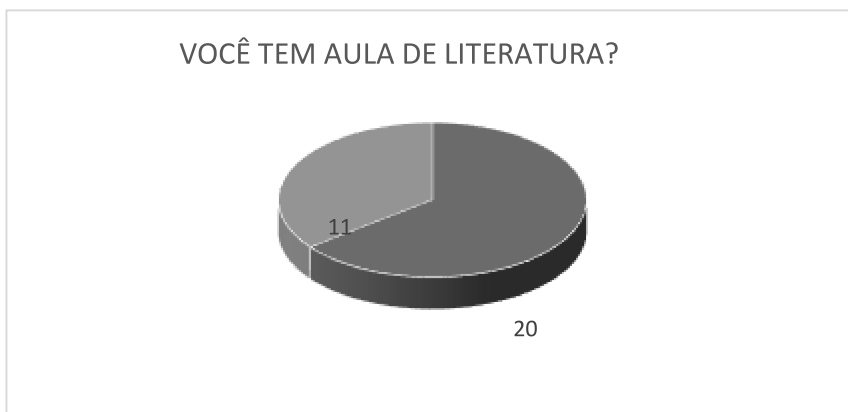
GRÁFICO 4 - IV



Podemos dizer que as leituras que envolvem o terror, o suspense, a aventura e os livros de séries são os preferidos dos alunos, por isso a escolha do conto de Ágatha Christie, *A aventura do pudim de Natal*, como o texto base para o projeto de ampliação do repertório leitor dos alunos aqui proposto.

É interessante notar que não há uma aula específica de Literatura na grade de disciplinas da escola, porém, 20 alunos responderam ter aulas de Literatura e 11 alunos responderam não ter essas aulas.

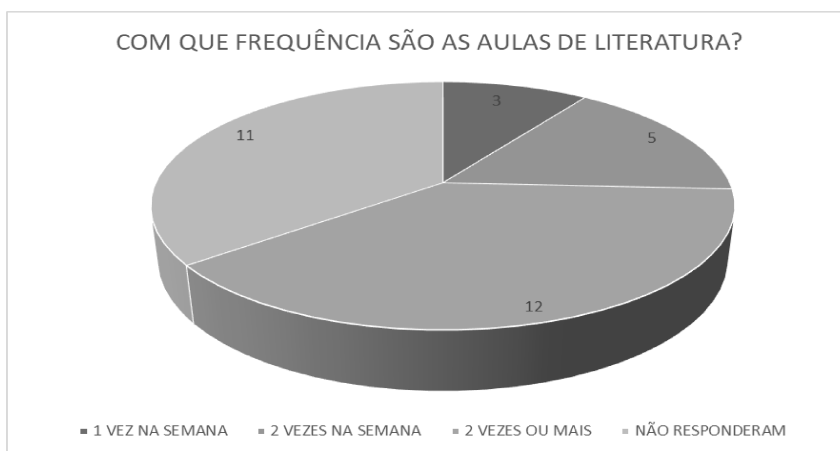
GRÁFICO 5 - V



O que chama a atenção, nesse gráfico 5, é que após responderem à pergunta “Você tem aula de Literatura?” os alunos foram interrogados a dizerem com que frequência as aulas são ministradas. 3 alunos responderam que têm aulas de Literatura uma vez na semana, 17 disseram ter aulas de Literatura duas ou mais vezes na semana e 11 alunos não responderam sobre a

frequência das aulas, como se observa no gráfico 6. Essas respostas apontam para o não conhecimento dos alunos sobre o que venha a ser Literatura.

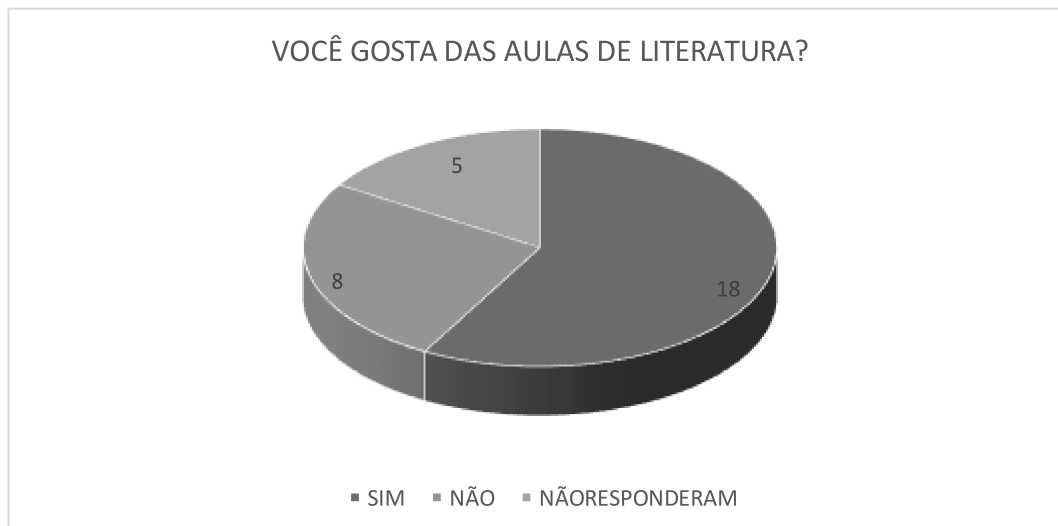
GRÁFICO 6 - VI



Há, portanto, um dado que precisa ser retomado para observação: o que os alunos entendem por aula de Literatura? Mesmo porque, o próximo gráfico pergunta se eles gostam das aulas de Literatura e há uma surpresa em relação à resposta, já que, na verdade, não há aulas específicas de Literatura na grade curricular do 7º ano, da Escola Municipal Anita Soares Dulci. Esses dados fazem crer que os alunos não sabem o que é Literatura, havendo um indicativo de que seria interessante que eles tivessem contato com os conteúdos literários através de um momento dedicado a isso, especificamente chamado de aula de Literatura.

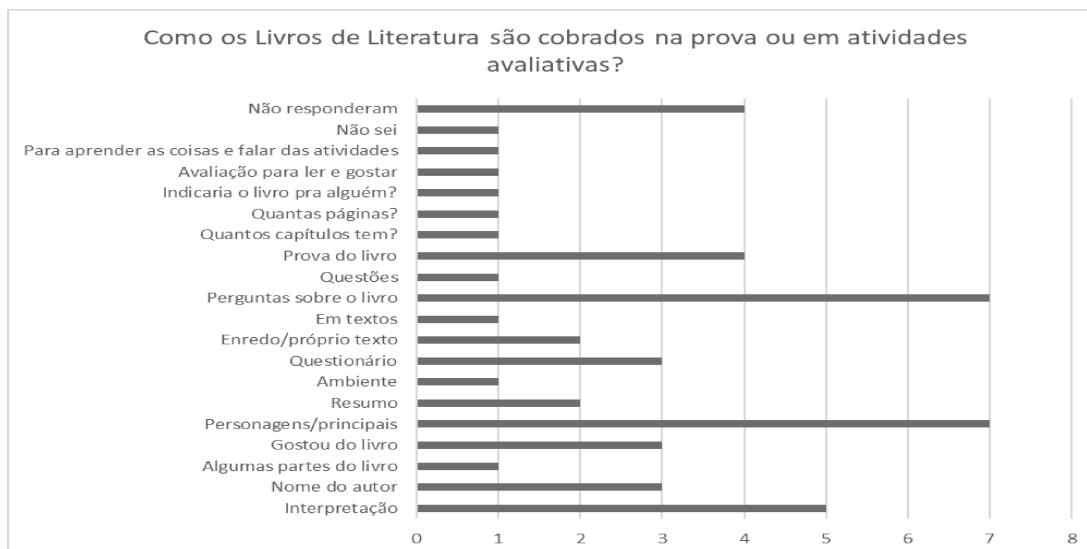
Quanto a gostarem das aulas de Literatura, como descrito no gráfico 7, 18 alunos responderam que gostam das aulas de Literatura e 8 alunos disseram que não, 5 alunos não responderam, mostrando, mais uma vez, que se sentem confusos ao falar de Literatura, por não reconhecerem a disciplina e, provavelmente, a confundirem com as aulas de Língua Portuguesa em que eles emprestam livros da Biblioteca escolar para leitura em sala de aula ou em que a professora oferece leituras como contos, crônicas, poemas e atividades referentes a esses gêneros.

GRÁFICO 7 - VII



Nas aulas de Língua Portuguesa, lecionadas para a turma, os alunos costumam ir à biblioteca da escola, ou mesmo, trazem livros de casa para a leitura quinzenal proposta pela professora. Sendo assim, formulou-se a questão representada no gráfico 8 de como os livros de Literatura são cobrados na prova ou em atividades avaliativas. As respostas foram variadas, desde interpretação do livro, com questões superficiais como reconhecer o nome do autor, se gostou do livro, quantos capítulos há, se indicaria o livro pra alguém, descrição do ambiente, personagens, enredo. 3 alunos disseram que isso é feito através de questionário; 4 alunos falaram sobre a prova do livro, mas não especificaram como é feita; 2 alunos mencionaram que é pedido um resumo da história, 1 não soube responder e quatro não responderam.

GRÁFICO 8 - VIII



Pelas respostas dadas, é possível perceber a importância de se aprofundar a leitura literária, bem como a forma de análise que é feita dessa leitura para ir além de questões que não acrescentam novas informações ao leitor. Apenas saber quem é o autor ou resumir a história lida não garante ao leitor ampliação do seu repertório literário. É interessante que se proponham questões em que o aluno perceba elementos linguísticos usados na criação do texto. Esses elementos farão com que os alunos compreendam a leitura para além da decodificação das palavras e perceberão como escolha do autor a linguagem empregada no texto, ou seja, o aluno observará que existem mecanismos linguísticos que se enquadram em um determinado gênero, redefinindo a maneira como se recebe e se lê o texto.

Dos alunos que responderam ao questionário, 13 alunos disseram frequentar alguma biblioteca; 6 alunos disseram frequentar a biblioteca da escola, 9 a biblioteca da cidade e 1 a biblioteca em Juiz de Fora (os alunos se referiram a mais de uma biblioteca). Pela observação aos dados do gráfico 9, 18 alunos não frequentam bibliotecas.

GRÁFICO 9 - IX

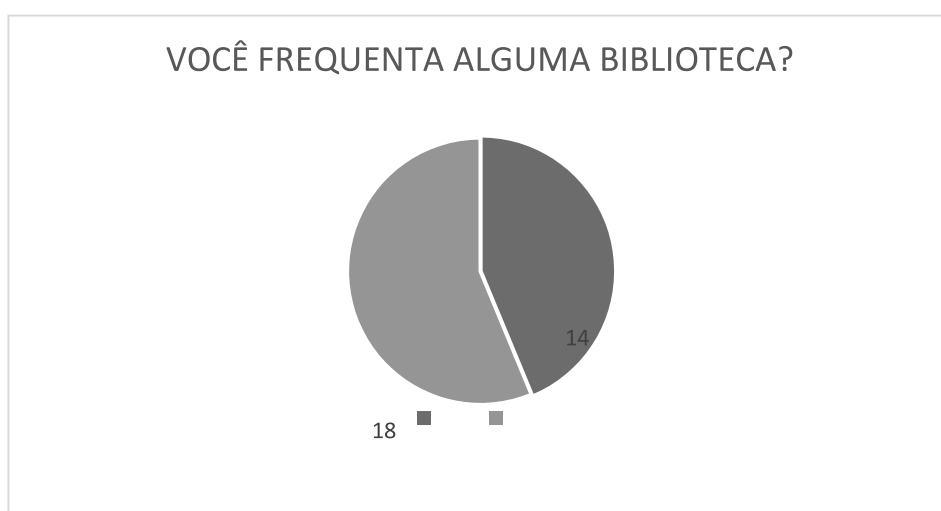
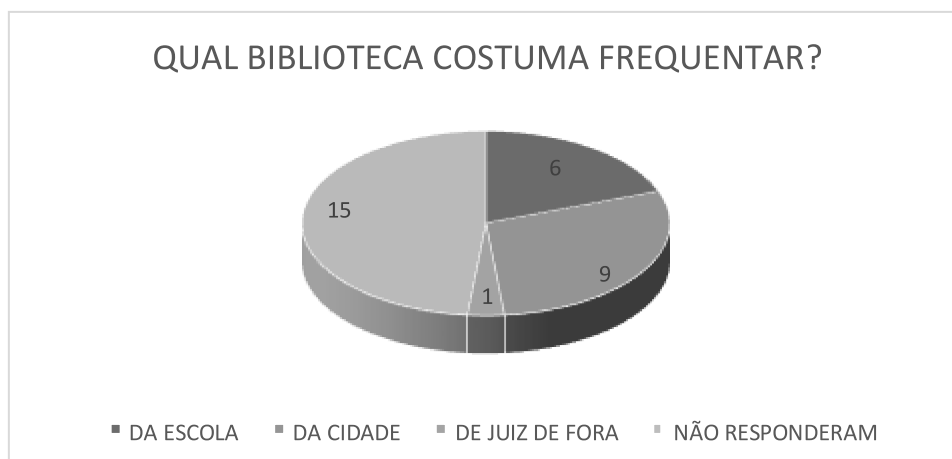


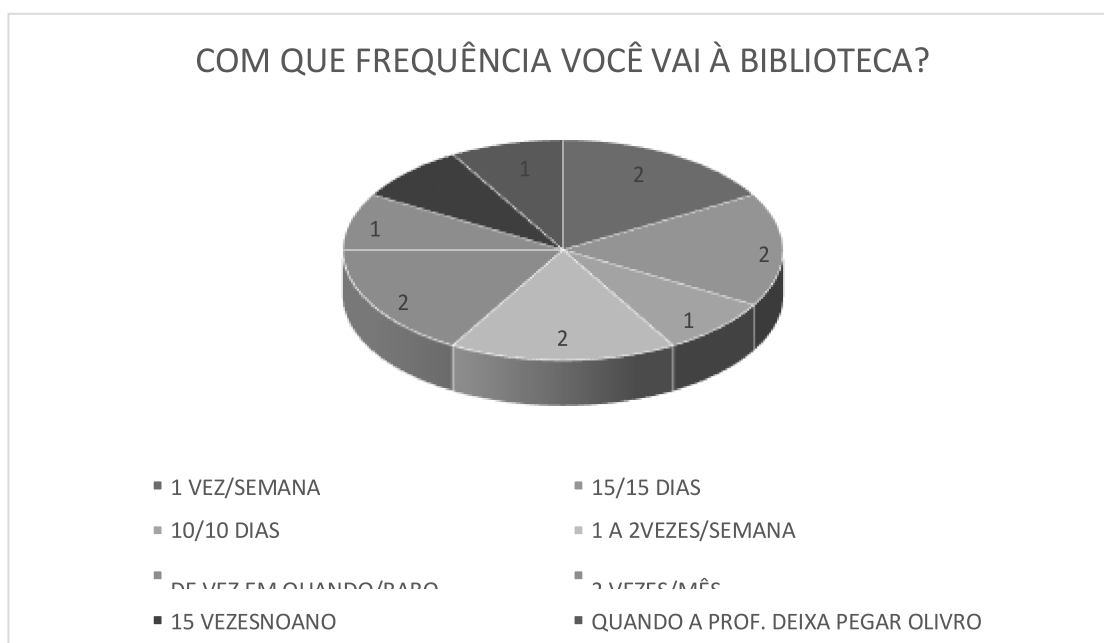
GRÁFICO 10 - X



No gráfico 10, observamos que 15 alunos não responderam à pergunta feita, 9 disseram frequentar a biblioteca da cidade, 6 a biblioteca da escola e 1 a biblioteca em Juiz de Fora.

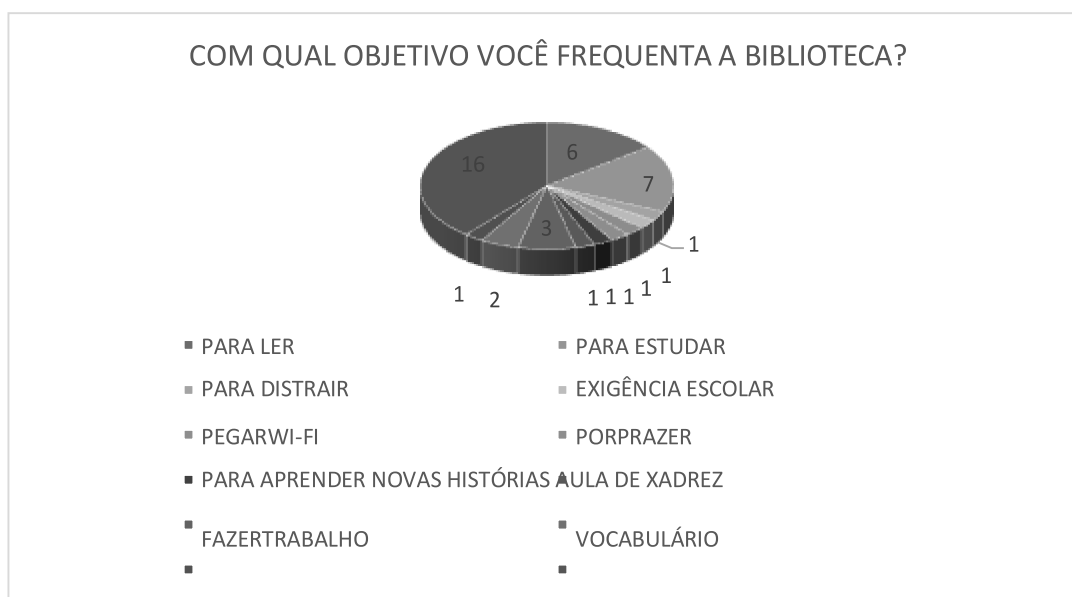
Quanto ao questionamento referente à frequência com que vão a bibliotecas, registra-se no gráfico 11 que 17 alunos não responderam; de 1 a 2 vezes por semana 4 alunos responderam, de vez em quando e raramente, 2 alunos. Dois alunos disseram frequentar de 1 a 2 vezes no mês, 1 aluno disse que quando a professora deixa pegar livro, 1 aluno disse ir 15 vezes no ano, dois alunos disseram ir à biblioteca de 15 em 15 dias e um aluno de 10 em 10 dias.

GRÁFICO 11 - XI



Os objetivos em se frequentar uma biblioteca, segundo computado pelo gráfico 12, representado abaixo, mostra que alguns alunos disseram ir à biblioteca para terem aula de xadrez (1), para acessarem gratuitamente o wi-fi do local (1), para aprenderem novas histórias (1), porque sentem prazer (1), para o empréstimo de livros (1), para melhorarem o vocabulário (2), para se distraírem (1), por que há exigência da escola (1); 16 alunos não responderam, 6 disseram que vão à biblioteca para ler, 7 para estudar e 3 para fazer trabalho. Interessante notar que os objetivos de se ir a uma biblioteca são os mais variados, porém a leitura não é o principal, o que nos leva a crer que as aulas de Língua Portuguesa precisam ser revistas para incorporarem não só a leitura literária mas também a importância da biblioteca como espaço de estudo, lazer, pesquisa e acolhimento.

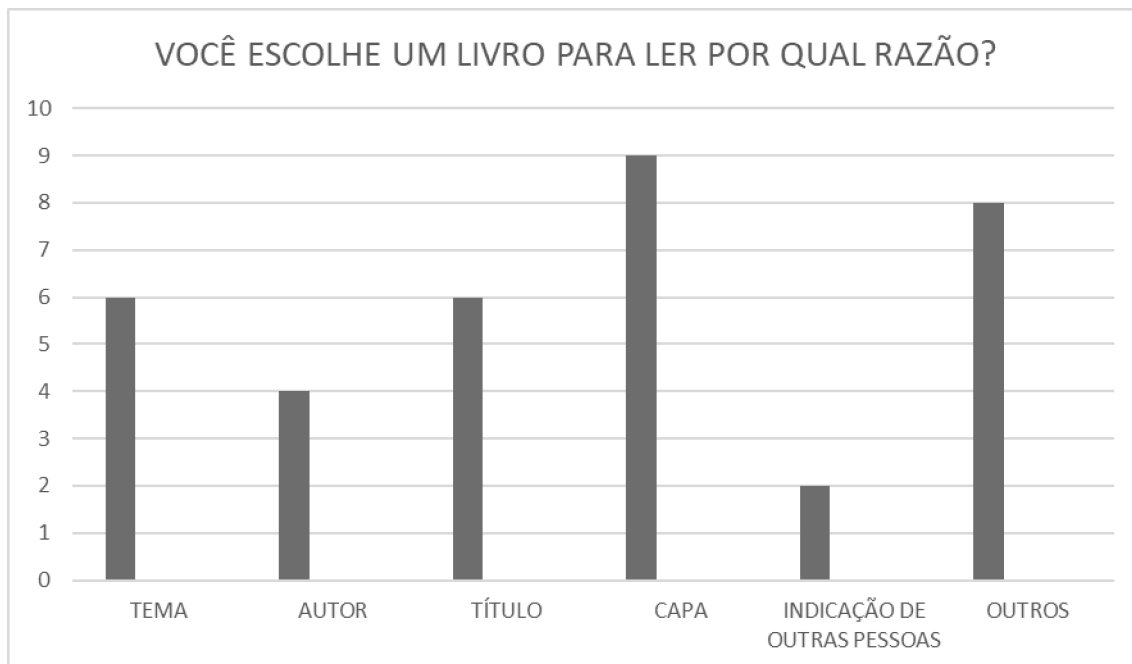
GRÁFICO 12 - XII



A décima pergunta feita aos alunos foi a forma como eles escolhem um livro para ler e por qual razão o fazem, como pode-se ver no gráfico 13.

A escolha pelo tema foi a resposta de 6 alunos, pelo autor 3 alunos, 6 alunos escolhem pelo título, 9 alunos pela capa. Pela indicação de outras pessoas (incluindo a família) 3 alunos. Outros motivos reúnem a escolha pela capa, título, tema (5), 1 aluno disse que “pela fama do livro” e 1 disse buscar um livro pela nota desites.

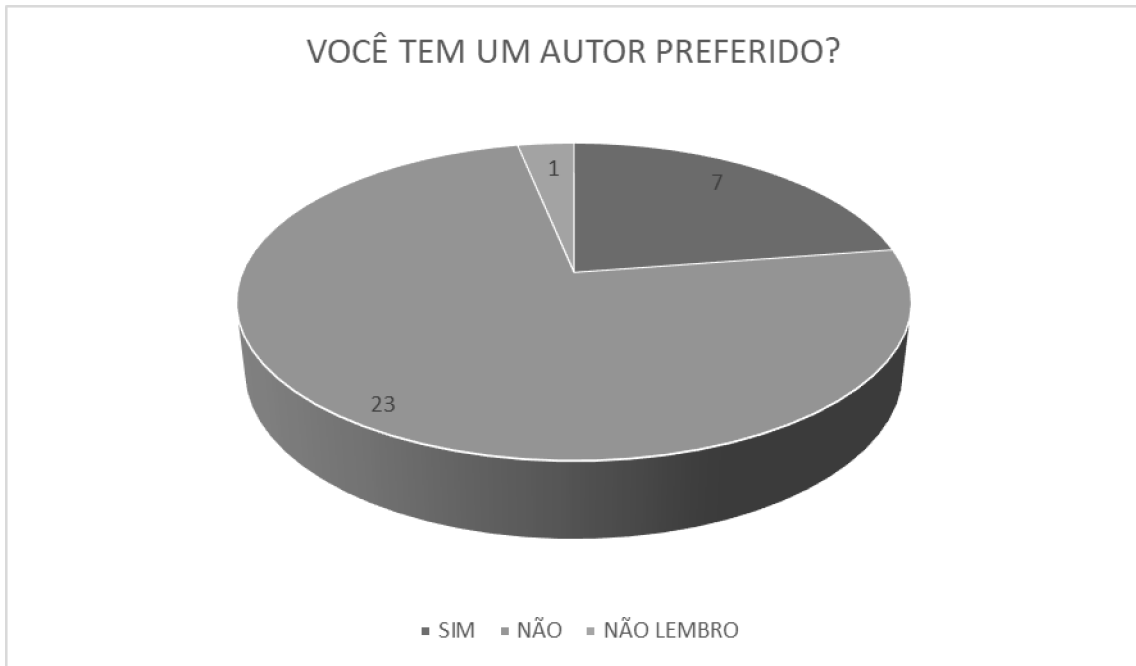
GRÁFICO 13 - XIII



A questão 11 da pesquisa, indagou aos alunos qual o último livro lido ou o que está sendo lido no momento. Houve respostas diversas, como a de um aluno que disse não ler “há séculos”, também houve quem disse não se lembrar do último livro lido. Essas respostas continuam mostrando a falta do hábito e frequência de leitura levando, mais uma vez, à reflexão sobre a importância das aulas de Literatura na turma envolvida na pesquisa. A lista dada pelos alunos é bem variada: *Diário de um Banana* vem a ser o mais popular entre os alunos, tendo havido alunos que leram *Guardiões da Justiça – A escuridão* ou *O Senhor dos Anéis*. Os gibis também fazem parte da leitura dos alunos com a *Turma da Mônica Jovem*. Quanto ao nome dos autores das obras sinalizadas pelos estudantes como lidas, muitos disseram não se lembrar do nome do escritor. Nomes como o de Maurício de Sousa, Mark W. Barker, Stephen King foram citados.

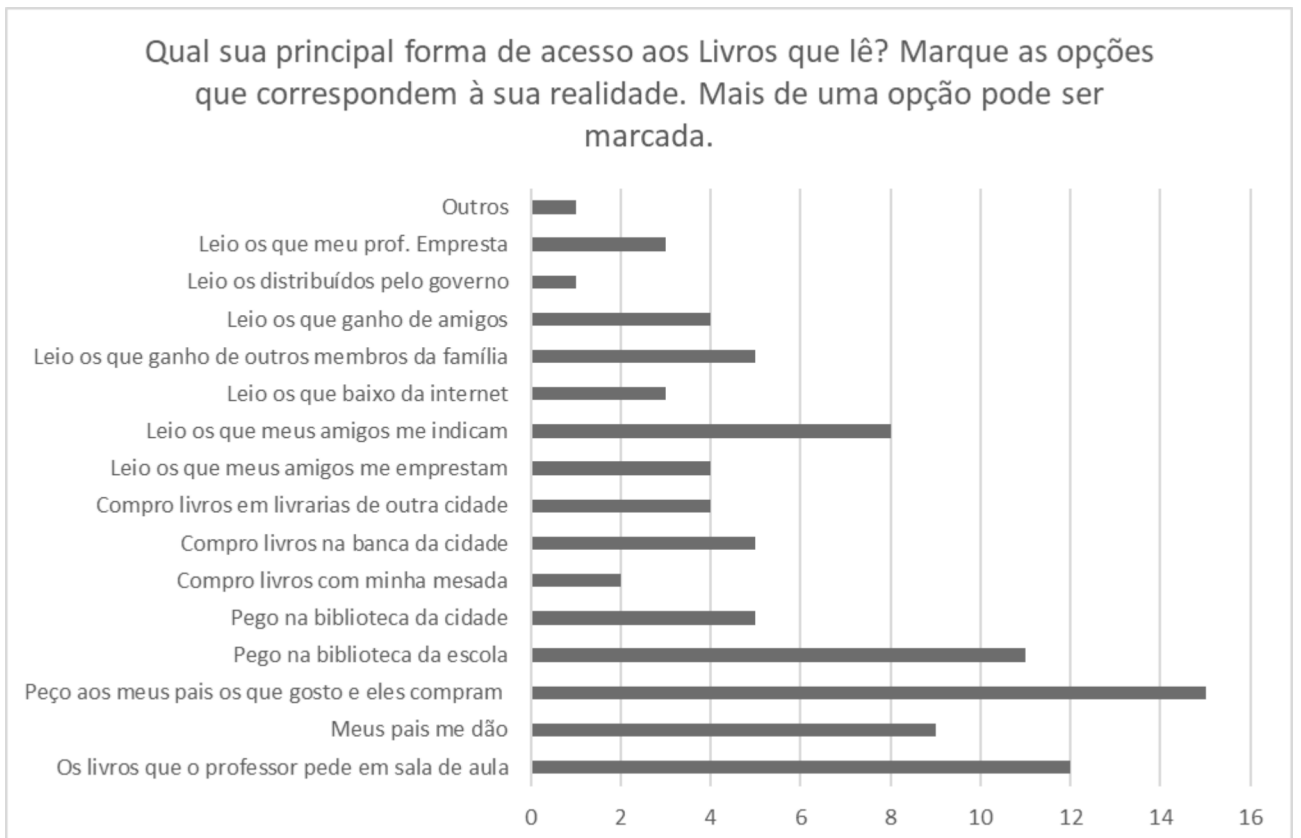
A questão que pergunta se há um autor preferido e qual seu nome ocorre algo interessante: apenas 01 aluno diz não se lembrar do nome de seu escritor preferido e a maioria diz não ter nenhum autor de preferência. A resposta é interessante ao passo que verificamos que os alunos gravaram o título das obras que os interessa, mas não relacionaram essas obras a autores preferidos:

GRÁFICO 14 - XIV



O próximo gráfico, 15, demonstra qual a principal forma de acesso a livros, sendo que mais de uma opção foi marcada pelos alunos.

GRÁFICO 15 - XV



Para se conhecer melhor o aluno participante do projeto que ora se apresenta, foi necessário, também, conhecer um pouco dos hábitos de leitura de seus pais e familiares. Assim é possível refletir sobre o porquê, por exemplo, de gostarem ou não de ler, o contato com livros desde pequenos, a possibilidade de tê-los em mãos e o exemplo dado pela família em relação à leitura. Esses dados são de muita importância para se estabelecer hábitos saudáveis que acompanharão o sujeito para sempre em sua vida. A leitura incentivada em casa ajudará o aluno a ter um olhar mais apurado para o mundo em seu entorno e a levar para a escola muitas experiências que poderão ajudá-lo em seu processo de leitura e letramento literário. Os dados foram descritos nos gráficos 16 e 17.

GRÁFICO 16 - XVI

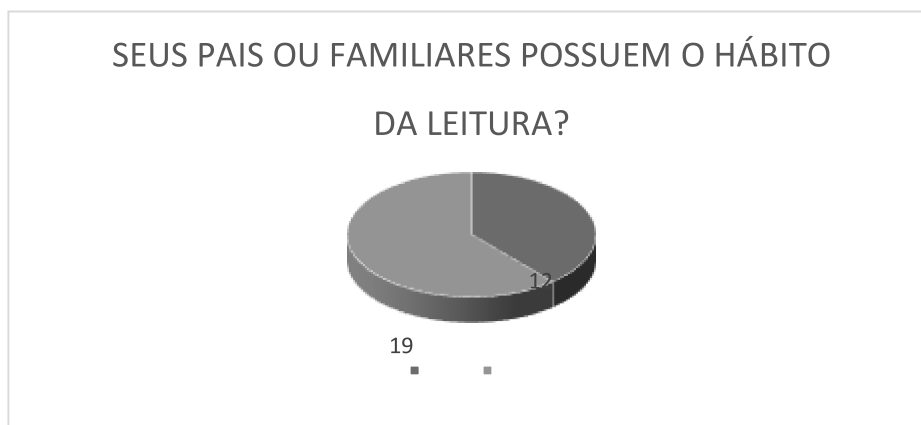
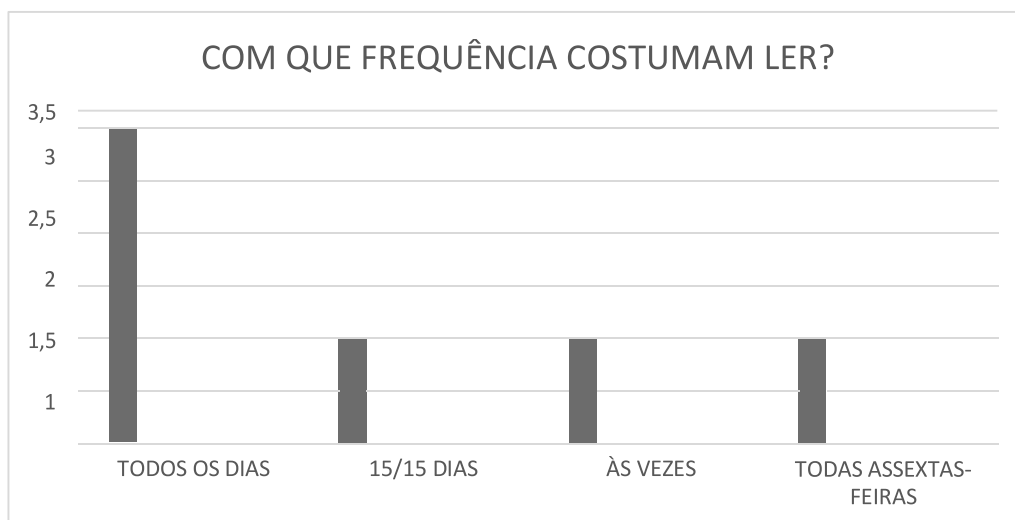


GRÁFICO 17 - XVII

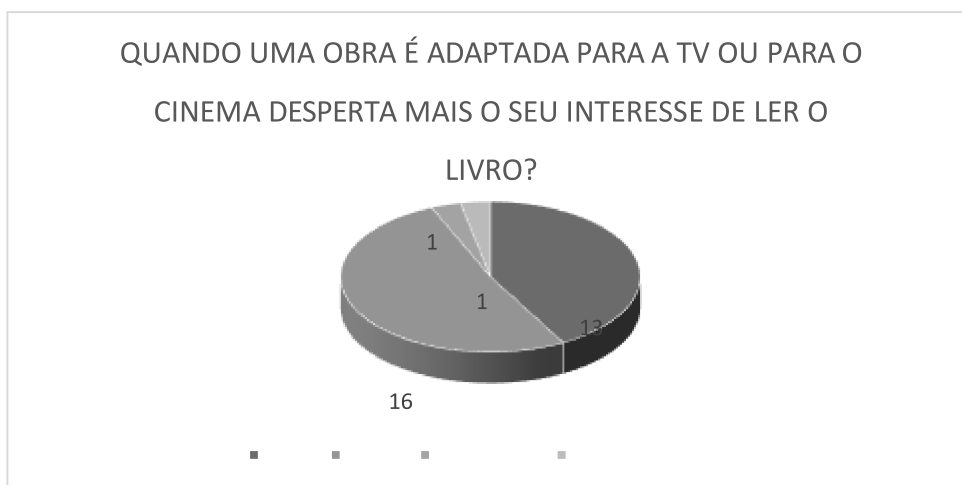


A pergunta sobre o que costumam ler observa os gêneros com os quais os pais ou responsáveis dos alunos se identificam, mostrando, de certa forma, o contato que os alunos têm com esses gêneros. Segundo as respostas, 3 alunos citaram revistas; 2 alunos livros religiosos; 1 aluno citou livro sobre Direito; 3 alunos citaram jornal e romance; 1 aluno citou informativos; 1 aluno citou livros de curiosidade e conhecimento, livros que falam sobre a mente humana.

Percebemos que uma grande parte dos alunos respondeu que seus pais/familiares não têm o costume da leitura, o que nos faz compreender quando esses alunos apresentam dificuldade não só de decodificação do sistema linguístico como também de compreensão em nível mais apurado de inferências etc.

Para entender se o aluno prefere assistir a séries e/ou filmes que foram adaptados de obras literárias por considerarem-nos de mais fácil compreensão, o gráfico 18, a seguir, nos mostra que:

GRÁFICO 18 - XVIII

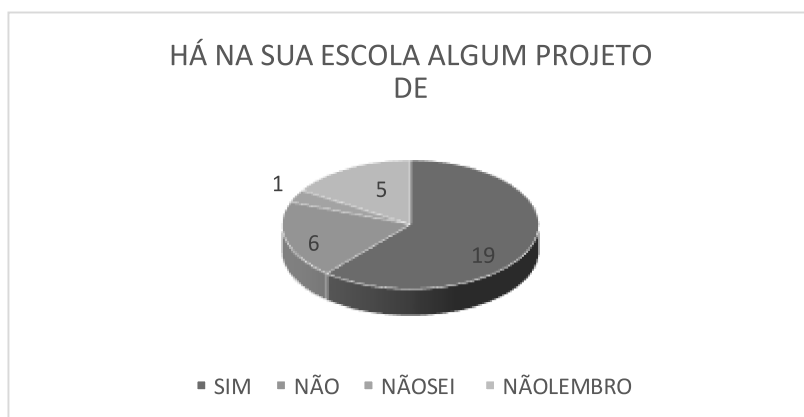


As justificativas para as respostas negativas possuem uma mesma perspectiva: “fica chato saber o que vai acontecer” ou “porque vou saber o assunto do livro”, como disseram os alunos. Como exemplos de respostas positivas podemos citar: “Porque os livros costumam ser mais detalhados e mais desenvolvidos”, “No cinema não conta todos os detalhes sobre a história” e “Quando fazemos filme é porque o livro é bom”. De um acerto maneira,

percebemos que algumas respostas, demonstradas pelos gráficos, são inconstantes. Ora o aluno não gosta de ler, ora ele prefere a leitura ao filme. Essa inconstância pode se dar pelo fato de que a professora apenas leu as questões com os alunos, sem explicar detalhadamente para não influenciar nas respostas e, assim, nem todas as questões foram totalmente compreendidas pelos alunos que responderam conforme sua interpretação.

A escola é um espaço extremamente importante para o desenvolvimento das várias leituras que o educando faz e fará durante sua vida escolar. Por isso, julga-se importante a presença de projetos de leitura e escrita que promovam a ampliação de repertório tanto linguístico quanto literário do aluno. Para se verificar como os alunos reconhecem (e se reconhecem) nos projetos desenvolvidos pela escola, o seguinte gráfico foi produzido a partir do questionamento sobre a existência ou não de algum projeto de leitura na escola e o que se poderia falar sobre ele.

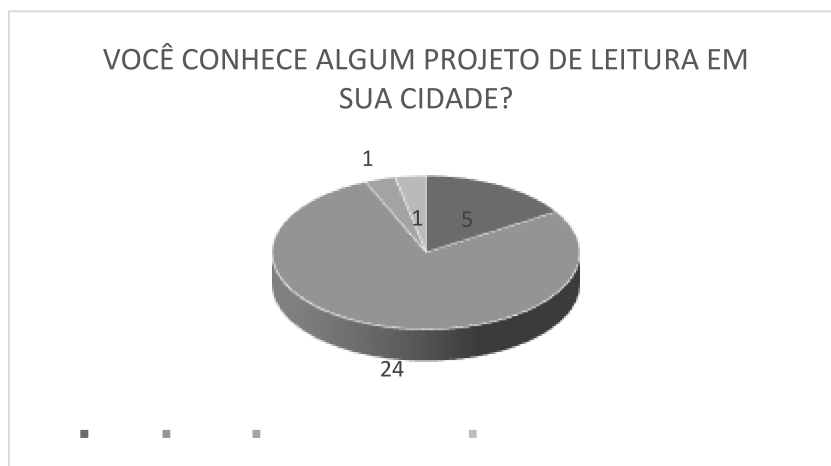
GRÁFICO 19 - XIX



Ao falarem sobre os projetos de leitura da escola, as respostas trouxeram uma gama de atividades que, com toda certeza, são atividades significativas para os alunos, pois foram citadas com grande engajamento. Dentre as respostas mais relevantes, podemos destacar: “A professora nos mostra novos autores e livros”, “A professora empresta livros e depois fazemos resumos, respondemos sobre eles”, “Há brincadeiras para descobrir o título, a autora”.

Apesar de 19 alunos reconhecerem que há projetos de leitura em sua escola, eles não reconhecem projetos de leitura desenvolvidos por outras instituições na cidade de Santos Dumont, como mostra o gráfico 20.

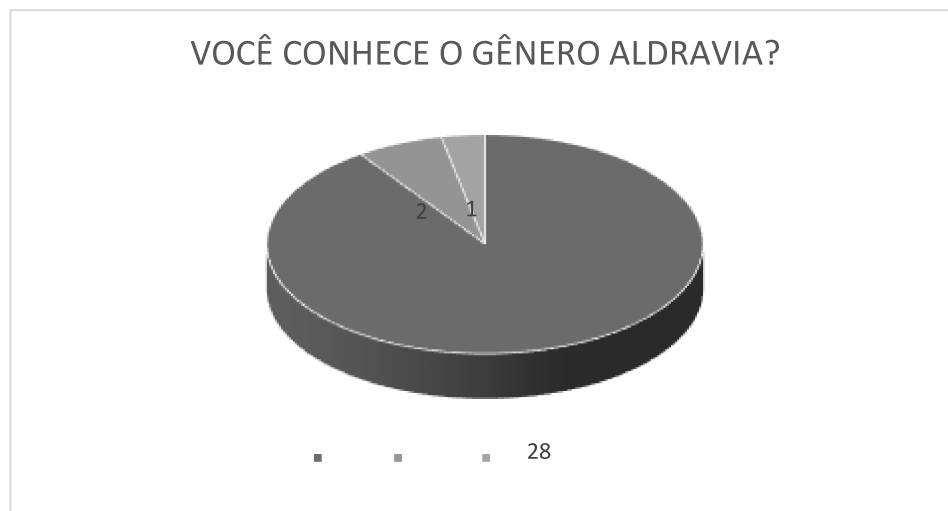
GRÁFICO 20 - XX



Dos 5 alunos que responderam conhecer algum projeto de leitura na cidade, 3 falaram sobre o projeto LeiturAMA-SD que vai às escolas levando contações de histórias e que faz uma campanha de acesso à leitura na praça central da cidade de Santos Dumont com contações e empréstimos de livros à população. O reconhecimento do projeto LeiturAMA-SD é importante uma vez que a cidade de Santos Dumont, por ser de pequeno porte, com aproximadamente 50 mil habitantes, conta apenas com 1 Biblioteca Municipal, 1 banca de revista e, há pouco tempo, com um sebo. Deste modo, vê-se que o LeiturAMA-SD tem um papel fundamental no acesso à leitura e, provavelmente, os alunos que responderam conhecer o projeto já devem ter tido acesso a ele no espaço não formal que é a Praça central Cesário Alvim. A biblioteca escolar precisa ser um espaço mais eficiente de contato com os livros e as leituras para a formação de leitores em nossa cidade.

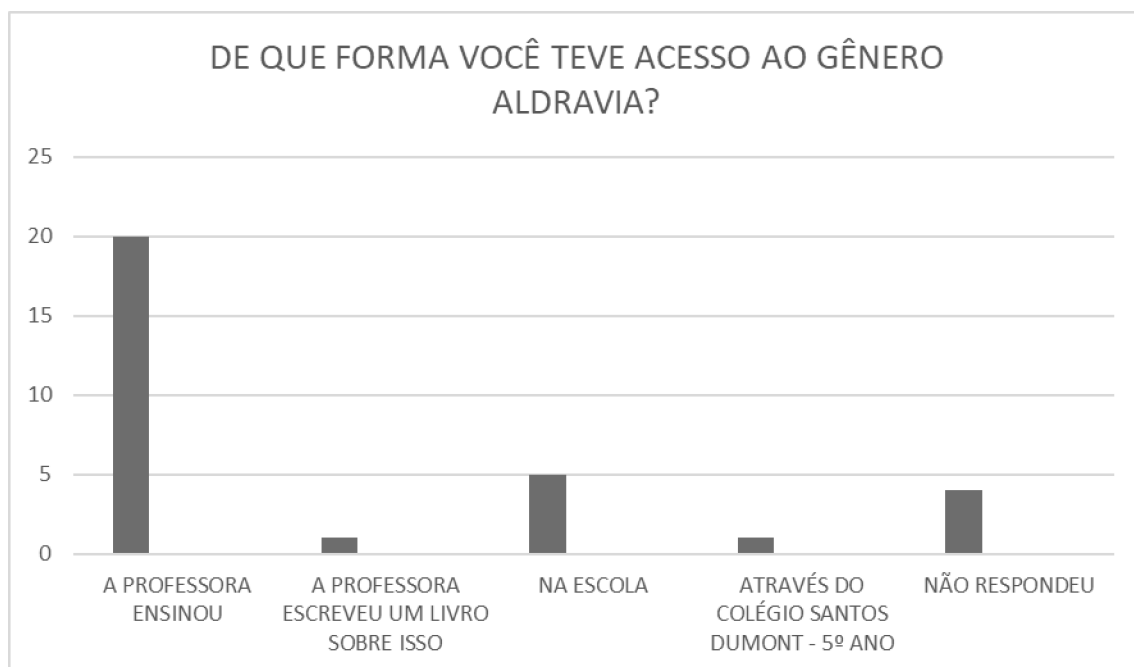
Quanto ao gênero aldravia, estudado nas aulas de Língua Portuguesa, os gráficos 21, 22, 23, 24 e 25 são reveladores:

GRÁFICO 21 - XXI



Apenas 2 alunos disseram não conhecer o gênero e 1 não respondeu. A maioria reconhece o gênero e a forma como tiveram acesso a ele.

GRÁFICO 22 - XXII



É interessante notar, no gráfico acima, que 1 aluno respondeu ter tido acesso ao gênero aldravia mesmo antes de ser aluno da escola atual, tendo conhecimento através da escola na qual estudou o 5º ano do Ensino

Fundamental II. E a maioria reconhece a figura da professora como a maior difusora do gênero. Quanto ao gosto pela leitura de aldravias, a maioria disse que gosta, justificando esse gosto pelo prazer, felicidade e emoção que sentem em contato com os textos aldrávicos. Uma resposta chamou a atenção: 1 aluno disse que ao ler aldravias sente vontade de também escrever aldravias. Essa resposta vem ao encontro de uma das propostas deste projeto, a de fazer com que o aluno desperte para a leitura e para a escrita, sinta-se motivado para o exercício de autoria que uma produção textual exige.

GRÁFICO 23 - XXIII

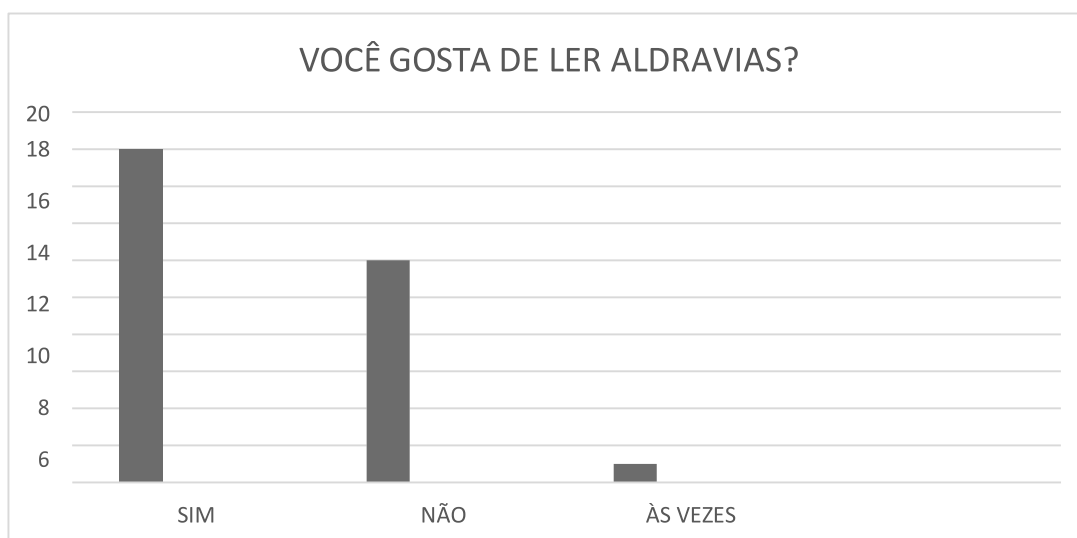
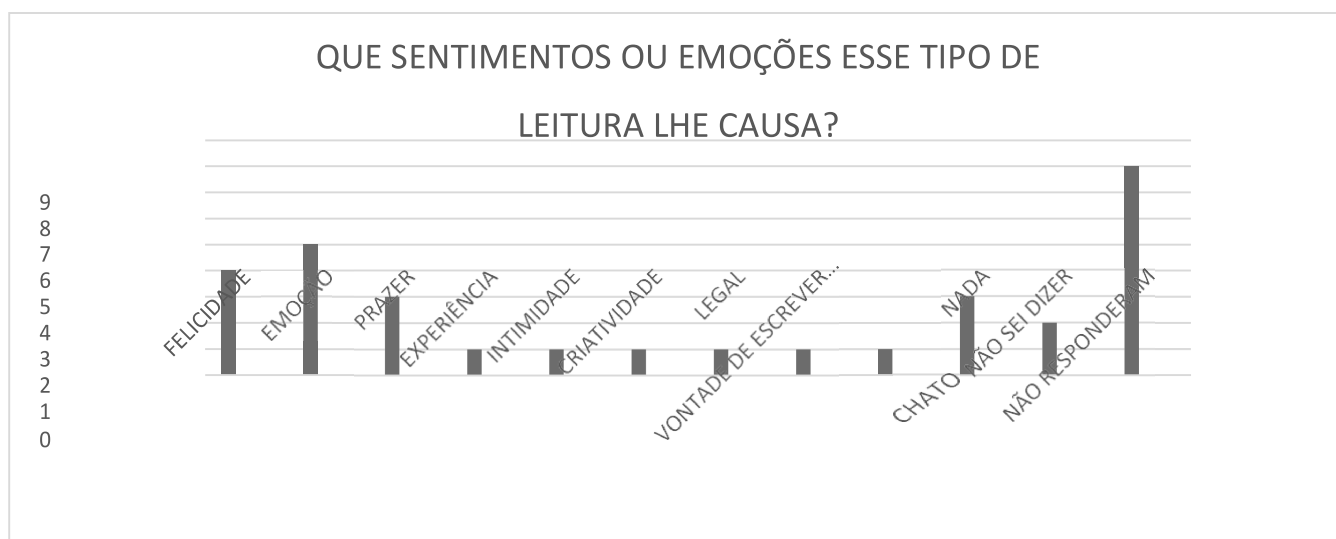


GRÁFICO 24 - XXIV



Por fim, não menos importante que todos os questionamentos feitos, a pesquisa buscou saber do aluno se ele considera importante o estudo das aldravias nas aulas de Língua Portuguesa e se ele gostaria de participar de um projeto de leitura e escrita.

GRÁFICO 25 - XXV

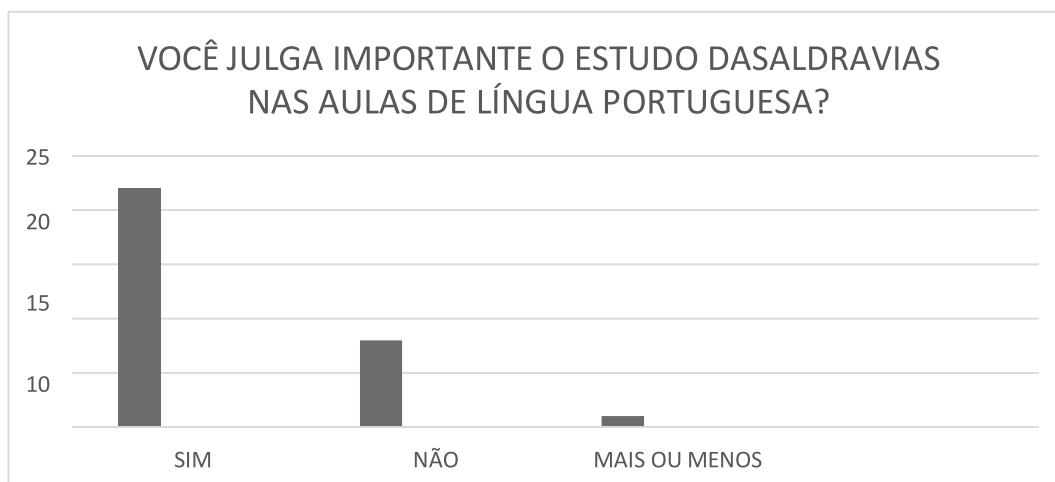


GRÁFICO 26 - XXVI



As respostas dadas para a elaboração dos gráficos acima demonstram que os alunos reconhecem o gênero aldravia como importante na sua construção como leitor, mas nos traz um dado que precisa ser melhor analisado, que é a maioria dos alunos dizendo que não gostaria de fazer parte de um projeto de leitura e escrita. Isso mostra, de uma certa maneira, que os alunos não sabem realmente o que é um projeto de leitura e escrita. Espera-se que ao final de nossa intervenção esses mesmos alunos se reconheçam fazendo parte de um projeto de leitura/escrita e se motivem para outros momentos como este.

A partir dessa pesquisa intitulada “Sobre leitura e leitores” foi possível traçar um perfil da turma a se envolver no projeto pretendido e, assim, construir um caminho mais significativo para a leitura e a escrita em sala de aula. À escola cabe fomentar projetos e iniciativas que levem os alunos a serem protagonistas de sua prática escolar e que levem os professores a se engajarem em propostas que façam sentido não só para o aluno como também para ele mesmo. Aos professores de Língua Portuguesa cabe assumirem uma prática mais autoral, relevante do ponto de vista dos saberes a serem compartilhados e de ressignificação de seu papel como educador que oferece ao aluno oportunidades diversas de conhecimentos linguísticos e literários.

3 OBJETIVO GERAL

Partindo da leitura do conto *A aventura do pudim de Natal*, de Ágatha Christie, e de conhecimentos já estudados pelos alunos sobre aldravia, apresentar novas acepções desse gênero poético, trabalhando o léxico, o campo semântico das palavras, a polifonia, a capacidade de síntese na produção textual da aldraveia, além do conhecimento da linguagem mais representativa do gênero que é a metonímia.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Proporcionar a percepção dos alunos em relação aos elementos que constituem a narrativa de investigação, aprofundando sua leitura e ampliando seu repertório;
- b) Levar os alunos a conhecerem o conto investigativo consagrado pelos cânones, da autora Ágatha Christie, ampliando seu repertório literário;
- c) Promover o letramento linguístico e literário do aluno através do estudo da aldraveia;
- d) Trabalhar as palavras em sua dimensão polifônica, buscando o campo semântico a que pertencem;
- e) Inserir os alunos no universo da escrita poética através do gênero aldraveia;
- f) Retextualizar o conto investigativo através da escrita de aldraveia, exercitando a intertextualidade;
- g) Resignificar o estudo da Língua Portuguesa através da leitura e da produção textual;
- h) Promover momentos de oralidade em que os alunos experimentem a Língua Portuguesa na sua dimensão social.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

4.1 LETRAMENTO LITERÁRIO

A palavra escrita, em suas várias dimensões, sempre ocupou um lugar importante nas relações em sociedade. Dentre as criações humanas, segundo Cosson (2006), ela é a mais definitiva, pois desde que foi criada tem como uma de suas funções fazer com que o indivíduo se expresse e interaja com outros indivíduos de forma a não só produzir conhecimentos, como também a passar sua cultura de geração em geração.

Na Literatura a palavra é a construção material que leva a uma construção de sentidos, e a leitura, principalmente a literária, torna-se uma necessidade para o homem que, em sociedade, procura formas de expressar suas emoções, sentimentos, desejos e frustrações ou, ainda, de tentar entender sua existência. Porém, não basta saber ler as palavras, decodificá-las, é preciso que estas promovam a interação humana nas práticas sociais. Por isso, o termo letramento, pesquisado por tantos autores assume um papel de relevância para além da decodificação de sinais gráficos, insere-se na vida social como uma forma de elevar o sujeito que lê a um patamar mais significativo de vida em sociedade.

Magda Soares (1999) observa que o letramento não é só a leitura e a escrita, mas um conjunto de habilidades que a partir da leitura e da escrita faz com que a pessoa ressignifique sua vida social. Uma pessoa letrada não só lê e escreve, é capaz de tomar decisões importantes que impactam sua vida e a de outras pessoas, pois entende para além dos registros gráficos.

Sendo assim, existem vários tipos de letramento e, neste trabalho, o letramento literário é o que mais nos provocará reflexões. Para Paulino e Cosson (2009, p. 67) o letramento literário é “como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Por isso o letramento literário é dinâmico, estará sempre se desenvolvendo e sofrendo ressignificações constantes. Apesar de a escola ser o espaço em que se desenvolvem estratégias para a leitura do texto literário e para a consolidação do letramento, ampliando as possibilidades de leitura e visão de mundo do

sujeito leitor, o letramento se faz contínuo e também fora da escola. Os conhecimentos prévios, as experiências de vida se juntam às vivências tanto no espaço escolar como fora dele, enriquecendo os repertórios adquiridos ao longo das interações sociais. Porém, é na escola que o indivíduo terá a possibilidade de, conscientemente, instrumentalizar-se para compreender a leitura e a escrita como formas não só de interagir com o texto, mas também com o mundo que o cerca.

4.2 A LEITURA EM FOCO

A escola sempre será um lugar propício para a leitura e para a escrita, uma vez que é nesse ambiente que os alunos devem entrar em contato com um novo olhar sobre os textos e desenvolver plenamente suas faculdades leitoras, escritoras e cidadãs. Porém, percebemos, muitas vezes, que a mesma escola que discursa sobre a importância da leitura e da escrita está muito mais voltada para questões gramaticais e métodos didáticos que não visam realmente ao ensino da leitura e da escrita de forma plena e efetiva. Esse é o desafio que os professores de Língua Portuguesa, nem sempre bem preparados, têm para a educação do século XXI. Levantando um questionamento sobre o que se conhece como leitor literário competente, Colomer (2007) reflete sobre essa competência, dizendo que:

[...] mas o que significa ser um leitor literário competente em nossa sociedade? Esse cidadão que se espera ter formado ao fim do período escolar já não é alguém que possua alguns conhecimentos informativos sobre a literatura, tal como se depreendia da caricatura a que se havia reduzido o modelo patrimonial e historicista; mas tampouco alguém que tivesse adquirido um aparato instrumental adequado para uma análise textual própria da função de um leitor profissional especializado, tal como pareceriam indicar os modelos surgidos na década de 1970, que entronizaram o “comentário do texto”. Como víamos, o leitor competente se havia definido a partir de diferentes perspectivas como aquele que sabe “construir um sentido” nas obras lidas. E, para fazê-lo, deve

desenvolver uma *competência específica* e possuir alguns *conhecimentos determinados* que tornem possível sua interpretação no seio de uma cultura.

(Idem, p. 30-31)

É importante pensar, a partir dessa reflexão, que a escola precisa dar ao aluno as condições necessárias para que ele se forme como pessoa. A Literatura pode contribuir para essa formação, pois através dela é possível uma socialização que o leve a conhecer e reconhecer o mundo à sua volta, de uma maneira muito mais significativa que simplesmente a apreensão de conceitos da história literária ou de questões que usem o texto como pretexto para se ensinar gramática. Os textos literários possuem a capacidade de confrontar a realidade e fazer com que o leitor não seja mais um elemento passivo e sim alguém capaz de construir junto com o texto sentidos vários para as diversidades sociais e culturais em que está inserido.

Ademais, textos literários narrativos fazem parte da vida dos alunos desde a mais tenra idade. É através da contação de histórias, feita pelas mães, pais e professores, que os indivíduos se inserem em um mundo imaginativo, de uso especial com a linguagem como reiterado por Colomer (2007) quando afirma que “a escola trata de torná-las visíveis, levá-los a entender como funcionam e por que estão ali” (idem, p. 66).

É importante que o livro literário seja um instrumento a ser usado nas aulas de Língua Portuguesa para que o aluno se familiarize com a linguagem e a estrutura de textos que vão além da função injuntiva. A leitura de livros e textos literários faz com que o aluno aprenda a “inter-relacionar a experiência vital com a experiência cultural fixada pela palavra” e “progressivamente um grande número de convenções que regem este tipo de texto” (Ibidem, p. 73).

O conhecimento da narração, que se faz muitas vezes fora da escola, é um elemento importante na construção do conhecimento literário, visto que o aluno traz intuitivamente os elementos da narrativa, tais como narrador, personagens, ambiente e tempo. Numa atividade de sondagem, por exemplo, se o professor propõe ao aluno que diga quais os personagens do conto lido, invariavelmente o aluno será capaz de apontá-los. Onde aconteceu a história e quando, também são perguntas que terão respostas, se não certas, bem próximas à resposta correta. Percebe-se, então, que a leitura de narrativas faz parte de forma rotineira nos anos iniciais do Ensino Fundamental I e existe um déficit nas séries do Ensino Fundamental II, infelizmente. Segundo Colomer,

[...] ainda que a presença e o uso dos livros nas aulas possam ser muito diferentes, segundo os países e contextos concretos, a situação geral é que se está conseguindo uma certa vivacidade na oferta do mundo escrito na escola infantil e primária (bibliotecas, narração de contos, exposição de trabalhos sobre os livros lidos, instalação de grupos de teatro amador, etc.), enquanto sua presença nas aulas do secundário continua sendo uma disciplina pendente.

(Ibidem, p. 117)

A escola, é sem dúvida, o espaço educativo em que a Literatura é consumida com maior frequência, mesmo que ainda nem tanto quanto se deveria ou que se deseja. E, frequentemente, relaciona-se a Literatura a um caráter formador, educativo. Segundo Soares, (1999), a escolarização da Literatura, muitas vezes encarada de forma pejorativa, não é prejudicial, não é negativa, pelo contrário, o que se deve criticar é

[...] a inadequada, errônea e imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

(SOARES 1999, p. 22)

Dessa forma, o que precisa ser levado em conta é a forma inadequada com que a Literatura tanto infantil quanto juvenil vem sendo praticada no espaço escolar. Soares fala ainda sobre as instâncias de escolarização da Literatura infantil: a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura; a leitura e o estudo de textos. Essas três instâncias usam diferentes estratégias, como por exemplo, o ambiente da biblioteca que, muitas vezes, regula a relação do aluno com os livros através do espaço, da organização, da seleção das obras literárias que farão parte do acervo, do tempo de leitura e do acesso a esses livros. No que diz respeito à leitura de livros como instância de escolarização da Literatura, Soares destaca que a leitura é uma tarefa determinada pelo professor, geralmente o de Língua Portuguesa, e que terá como caráter o dever, a tarefa e nunca, mesmo que se queira mascarar, a leitura terá o caráter do ler por ler, pela simples opção do prazer que

geralmente se faz fora do espaço escolar. Não se esquecendo, também, que a leitura de livros apresenta, nesta instância, caráter de avaliação. Outro aspecto que se deve levar em consideração é que a leitura de textos feita na escola apresenta-se de forma fragmentada, pois o professor oferece ao aluno trechos, fragmentos de textos para compreensão e interpretação. E segundo Soares (1999, p. 25), é nesta instância que a escolarização se faz mais presente e também mais inadequada.

A escolarização da Literatura é, sem dúvida, inevitável, por isso é imprescindível que a leitura esteja ligada às práticas sociais, que aproxime o leitor do livro e não que o faça rejeitá-lo.

Nem todas as escolas que oferecem o segundo seguimento estão preparadas para uma educação em que o livro literário e as atividades de escrita sejam o fio condutor. Muitas vezes o professor conta apenas com o livro didático e precisa organizar o tempo para poder inserir alguma leitura ou atividade que vá além dos conteúdos programáticos que ele precisa “dar conta”. A escola brasileira, em sua maioria, ainda não está preparada para garantir uma prática leitora e escritora, o tempo escolar dedica-se muito mais à transmissão de conhecimentos. Muitos professores, de acordo com as experiências vistas em nosso dia a dia, precisam se deslocar de uma escola para outra complementando seu salário, o que faz com que a carga de trabalho seja ainda maior e eles aleguem não ter tempo para correções de escrita de seus alunos. Outras barreiras também fazem parte desse contexto: que tipo de obras e autores é possível oferecer aos alunos? Há livros suficientes para que todos leiam? Todas essas questões acabam por dificultar o ensino da Língua como um ato vivo e dinâmico. Sob essa perspectiva, Colomer (2007) diz que

[...] a tradição escolar tratou a leitura e a escrita como duas atividades desconectadas, inclusive no tempo. Primeiro aprende-se a ler e depois a escrever. Primeiro lê-se um texto e depois escreve-se sobre ele. Realiza-se uma leitura e, continuando, resume-se o texto, esquematiza-se e analisa-se, utiliza-se para responder a perguntas, imita-se, parafraseia-se, etc.

(Ibidem, p. 121)

Essa separação leva a uma outra divisão que faz com que a leitura seja vista como textos que foram criados, assim, para serem lidos, externos à escola, e a escrita serve para produzir aprendizagem.

Ler, sem dúvida, é um diálogo entre o autor/texto/leitor que leva a um outro espaço, a um outro momento que pressupõe interação entre essas partes. Os conhecimentos que o leitor possui de mundo tornam a leitura significativa na medida em que ele consegue inferir, relacionar, comparar as situações desenvolvidas na história com o mundo que o cerca e vice-versa, num movimento complementar e nunca exclusivo. Cosson (2014), ao citar Leffa e Fiorin em seu texto, faz-nos refletir mostrando que

[...] ler é sempre um processo relacional, quer seja entendido como uma relação essencialmente especular (Leffa, *apud* Cosson, 2014), quer seja visto como uma operação complexa que inclui, entre outros aspectos, a condição histórica do leitor e seu horizonte de expectativas, as condições de produção do texto, as restrições impostas pela estrutura do texto ao leitor e o contrato enunciativo (Fiorin, *apud* Cosson, 2014).

(COSSON, 2014, p. 51)

Geralmente, a escola acaba por trabalhar a leitura como um exercício de verificação como as fichas de leitura, por exemplo, que visam confirmar se a leitura foi ou não realizada pelo aluno e a escrita fica relegada também a exercícios meramente gramaticais que limitam o texto literário, tornando as aulas chatas e sem sentido.

É muito importante que o professor crie momentos e atividades que extraiam do texto questões interativas e que propicia um novo olhar para a Literatura. Interessante a forma como Cosson (2014) trata o ato da leitura que, em um primeiro momento, leva em consideração o *texto-autor*, em que o aluno percebe as marcas de estilo do autor do texto, sua identidade, o pertencimento da obra e depois o olhar volta-se para o *texto-leitor* em que as imagens, as sensações, as emoções causam no leitor uma nova postura diante do texto. Pelas palavras de Cosson (2014), “o modo de ler do *texto-leitor* é aquele que tem o texto como uma configuração de mundo, fazendo da leitura o desvelamento desse mundo” (COSSON, 2014, p.76).

A experiência com a Literatura faz com que o aluno amplie sua visão de mundo, tendo sua humanidade garantida através de suas reflexões. É

direito do ser humano o acesso à Literatura e não deve nunca ser negado. A escola é um espaço em que esse direito precisa ser exercido plenamente, dando ao aluno a possibilidade de várias leituras, compreensões e reflexões. Na acepção de Antônio Cândido, em seus *Vários Escritos*, a Literatura é uma necessidade e um fator de humanização “e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CÂNDIDO, 2011, p. 175).

Essa humanização é, sem dúvida, o fator que confere ao homem o desenvolvimento de suas faculdades inteligíveis em que ele é capaz de perceber a complexidade do mundo, a beleza, o humor e as questões que norteiam a vida humana. Se a escola souber trabalhar a Literatura como um direito e uma necessidade do aluno, este viverá experiências únicas em sua formação como leitor e cidadão.

4.3 A ESCRITA: UMA ATIVIDADE AUTORAL E SIGNIFICATIVA

Assim como a leitura, a escrita nem sempre é desenvolvida na escola de forma a trabalhar a Língua Portuguesa significativamente. Atividades gramaticais que não levam a uma reflexão atenta das funções que as palavras exercem ao se construir um texto, atividades que apenas servem para localizar o substantivo, o adjetivo etc., são atividades improfícuas e que limitam a criatividade do aluno. Percebe-se que essas atividades não concorrem para que o aluno exerça realmente suas habilidades como escritor, levando-o a não se reconhecer como capaz de produzir textos interessantes e relevantes, com coerência e coesão.

Com certeza não podemos considerar a leitura e a escrita como atividades automáticas, i.e, nem sempre ser um bom leitor indica ser um bom escritor. Porém, são atividades que se complementam e quando bem trabalhadas ajudam a ampliar as habilidades necessárias para que a leitura e a escrita cumpram seu papel social. Ler bem não é garantia de se escrever bem, mas é um bom caminho para se alcançar esse objetivo.

Também é importante que o aluno saiba que há uma diferença relevante entre falar e escrever e o aluno proficiente em leitura consegue perceber essa diferença, o que já é um passo para o exercício da escrita. Para Antunes (2009),

[...] a maior evidência – principalmente para quem lê – é a de que não se escreve e não se fala absolutamente do mesmo jeito, embora se use a mesma língua e, em princípio, possam estar em jogo as mesmas pretensões interativas.

(ANTUNES, 2009, p. 196)

Quando o aluno tem contato sistemático com bons textos e através deles é capaz de apreender suas especificidades, ele estará, aos poucos, se formando também como escritor, afinal de contas estará diante de modelagens que o ajudarão na formatação de seu próprio texto.

Levar o aluno a práticas eficientes da linguagem como um ato social é uma tarefa importantíssima para o professor, tanto no que diz respeito à leitura quanto no que diz respeito à escrita. Por isso, como nos diz Miranda (2006),

[...] o exercício metalinguístico em sala de aula deve implicar o pensar, a um só tempo, sobre estratégias discursivas (domínio de gêneros textuais orais e escritos), sobre estruturas linguísticas (diversidade de usos linguísticos; organização frasal; organização vocabular) e sobre aspectos notacionais da escrita (ortografia, pontuação, diagramação de texto e suporte textual), de modo a assegurar a reflexão sobre a diversidade de fenômenos que institui o texto, o discurso real.

(MIRANDA, 2006, p. 12)

É precioso que o aluno compreenda que ler e escrever são atos sociais e a escrita é uma forma de dar a ele voz, protagonismo. Assim, o aluno constrói seu modo de expressar, toma para si de forma significativa a Língua Portuguesa e através dela é capaz de entender o jogo da linguagem, seu sentido social, as diferenças de registros e a importância de se pensar a “pena” como um instrumento de resistência em um mundo tão diverso e, muitas vezes, perverso.

Escrever é exercitar o domínio sobre a Língua, entender que esta não é aleatória, traz em si marcas que identificam os grupos sociais e regionais, “enfim, da sua identidade plural; à escola cabe a reflexão sobre a diversidade desses usos, de modo a ampliar o domínio gramatical para além do território de origem de cada um” (MIRANDA, 2006, p.35).

Às vezes a escola privilegia um tipo textual ou um gênero textual como se ele fosse o modelo a ser seguido por todos os alunos, esquecendo-se os professores que escrever também é uma forma de preparar o aluno para que seja mais competente linguisticamente à medida em que ele concebe esse ato como criação. A escrita poética, por exemplo, também nos faz pensar para além das palavras, não somente o texto informativo ou simplesmente o registro da Língua. A criatividade e a liberdade de escolha fazem com que o aluno tome para si as rédeas de sua escrita, buscando a melhor forma para se usar as palavras, ordená-las, enriquecendo seu texto. Jr e Carvalho corroboram com esse pensamento de liberdade, dizendo que:

[...] para ser criativo, no sentido mais pleno que a palavra possa assumir, será necessário que o sujeito tenha liberdade para criar. Essa liberdade inclui fazer as próprias escolhas com relação à linguagem, ao estilo do texto, às ideias que nele aparecerão etc. Infelizmente, salvo em raras ocasiões, a escola não sabe lidar com isso.

(JR. e CARVALHO, 2015, p. 65)

Aprender a escrever ou ensinar a escrever requer planejamento, *i.e.*, o que se pretende ensinar? Devemos nos perguntar que gêneros textuais serão o aporte para que o aluno tenha uma modelagem. Quais as habilidades que se quer desenvolver? Em que momento a escrita tomará o protagonismo da aula? A estes questionamentos cabe ao professor responder a partir de um plano organizado e sistemático para que nenhuma etapa seperca.

A escola precisa se adequar a um novo ensino em que ler e escrever estejam no ponto central da aprendizagem, precisa adequar seu tempo e seus conteúdos para que o aluno possa realmente aprender com eficiência. Pelas palavras de Antunes (2009),

[...] aprender a ler e a escrever, somente lendo e escrevendo. Só através de um amplo convívio com textos escritos. Com práticas letradas cada vez mais diversificadas e complexas frequentemente aliadas, no presente, a outros modos gráficos e icônicos de significar.

(ANTUNES, 2009, p. 199)

Ao propormos a escrita de aldravipeias, no 7º ano do Ensino Fundamental II, temos como um dos objetivos exercitar a capacidade intelectual do aluno de redigir compreendendo a palavra como um material repleto de significações e ressignificações nem sempre encontradas no dicionário. Ele terá de acionar os compartimentos de sua mente para concatenar os conhecimentos já adquiridos e os conhecimentos em aquisição e, assim, trabalhar as palavras em suas múltiplas possibilidades.

Partindo do conto investigativo, *A aventura do pudim de Natal* e sua compreensão não só no nível global do texto, mas também em suas especificidades de construção, os alunos estarão produzindo sentidos, selecionando informações, antecipando outras e verificando seus conhecimentos sobre o gênero para, mais tarde, nas atividades de escrita, serem capazes de retextualizar esse conto em forma de poema-aldravipeia. As aldravias, particularmente, por serem poemas minimalistas, necessitam dizer o máximo possível usando poucas palavras, assim, criamos a “metáfora do fole”: em que para o exercício da escrita que se propõe é necessário que o aluno infle sua imaginação com a estrutura mais complexa, vista aqui como a do conto investigativo, para depois vertê-la em forma de aldravias, selecionando cada palavra-verso para sugerir o todo da história lida e, enfim, inflar-se novamente na escrita das aldravipeias, criando uma sequência poética composta por 20 estrofes de seis palavras-versos.

O termo “metáfora do fole” foi criado pela autora dessa dissertação ao observar o movimento que o aluno precisa fazer para construir seu texto final, a aldravipeia. A metáfora leva em consideração a gradação decrescente desse movimento para depois considerar uma nova gradação, desta vez crescente. O aluno parte de uma estrutura mais complexa e maior, no caso o conto investigativo, sintetiza-o em palavras-chave, diminuindo-lhe para em seguida compor um novo texto, aumentando-lhe o tamanho e novamente a sua complexidade. Esse é o movimento comparado ao movimento feito pelo instrumento “fole” que se expande ou diminui em função da força que se lhe aplica.

O exercício se tornará instigante, uma vez que com uma quantidade reduzida de léxico é necessário que se mantenha ainda a coerência do texto escrito. Essa atividade dará ao aluno a possibilidade de escolher a palavra-chave que norteará seu texto e aquilo que deve ou não estar implícito. Assim, nas palavras de Koch e Elias (2006),

[...] o produtor de um texto necessita proceder ao “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, supondo que o interlocutor poderá recuperar essa informação por meio de inferências.
(KOCH e ELIAS, 2006, p.71)

Além disso, o aluno/autor terá de promover a interação entre o seu texto e o leitor para que os sentidos implícitos sejam recuperados a partir dos versos escritos. Ele terá de dispor de estratégias linguísticas para dar ao seu leitor *condições* para uma leitura e interpretação coerentes, mesmo que a sintaxe não esteja explícita.

O aluno terá de escrever e reescrever seu texto transpondo os obstáculos dessa aprendizagem, por isso a etapa da escrita é estruturante para a formação de alunos/escritores que queremos competentes linguisticamente. Afinal de contas, a escrita e reescrita ajuda a ampliar, a dilatar o campo lexical do aluno, o seu repertório de vocábulos e a explorar sua polifonia.

5 CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Um novo olhar para a sala de aula faz com que o professor se torne pesquisador de sua prática e protagonista no que diz respeito à feitura do material a ser trabalhado em sala de aula. O Mestrado Profissional em Letras permite ao mestrando esse novo olhar, essa postura mais dinâmica e produtiva diante da Língua Portuguesa ressignificando toda uma forma de pensar e de agir. A sala de aula torna-se um ambiente em que a aprendizagem toma seu lugar de direito na vida dos estudantes.

É a partir dessa reflexão que o presente projeto tem como um dos seus principais objetivos incentivar o aluno à leitura e à escrita, envolvendo-o em uma prática que desperte nele o interesse pela Língua Portuguesa.

Através da leitura do conto investigativo, *A aventura do pudim de natal* sua interpretação e o entendimento dos elementos que constituem uma narrativa, os alunos têm a possibilidade de descobrir novas experiências textuais e utilizar o gênero aldravia, já conhecido por todos eles, para retextualizar os contos lidos, transformando-os em aldravipeias.

A prática autoral não cabe apenas ao aluno, mas também ao professor que contribui com aulas mais dinâmicas e significativas do ponto de vista do estudo da Língua Portuguesa.

As aulas planejadas direcionam-se a uma turma do 7º ano, do Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Anita Soares Dulci, com alunos aproximadamente entre a faixa etária de 11 a 13 anos.

Os alunos que se envolveram neste projeto de aula conhecem o gênero aldravia, já que a escola inseriu em seu planejamento anual em Língua Portuguesa oficinas de criação aldravianista desde o 6º ano. A ampliação do repertório literário no que diz respeito a este gênero foi a construção de aldravipeias, poemas construídos por 20 aldravias que, em sequência, são capazes de um relato poético, elevando a palavra, que se apresenta como chave para os versos, a uma condição polifônica, repleta de significados nem sempre encontrados no dicionário.

Assim, foi pensado um trabalho que valorize a leitura e a expressão dos alunos, levando em consideração os conhecimentos já adquiridos sobre o gênero aldravia e o conhecimento a ser adquirido a partir da leitura e estudo do gênero narrativa de investigação. Através das aldravipeias os alunos puderam exercitar sua capacidade de síntese e de expressão, dizendo pouco, mas significando muito. O aluno foi capaz de entender, como nos diz Marcuschi (2009):

[...] que é possível ser coerente e coeso sem seguir linearmente e na superfície, vai descobrir que na língua nem tudo é transparente e que muitas coisas só se constroem na relação com o leitor no ato da escritura voltada para a interação. (MARCUSCHI *apud* ANTUNES, 2009, p.15)

Entender que o aluno em formação pode desenvolver sua capacidade crítica e colaborativa faz com que a sala de aula seja o espaço propício para isso e que as aulas de Língua Portuguesa tenham muito a contribuir. O gênero escolhido para estudo proporciona um olhar diferente para o mundo, através de uma sensibilidade que não está somente voltada para os sentimentos que a poesia aldravista desperta, mas também para a sensibilidade de entender que as palavras se comportam de maneira diferente em cada gênero e que cada um traz em si possibilidades múltiplas de desconstrução.

As estratégias para a construção das aulas basearam-se no livro *Letramento Literário – teoria e prática*, de Rildo Cosson (2014), em que ele apresenta “a sequência básica e a sequência expandida”, dando ao professor sugestões de como trabalhar textos em sala de aula de modo mais dinâmico e coerente.

Vale salientar aqui que a proposta interventiva dessa dissertação demonstra com mais propriedade cada etapa a ser desenvolvida em sala de aula.

6 METODOLOGIA

Os alunos do 7º ano, da Escola Municipal Anita Soares Dulci, em Santos Dumont, Minas Gerais, conhecem o gênero aldravia, desenvolvido em aulas/oficinas de escrita. Levando em conta os conhecimentos e hábitos já adquiridos com a leitura de várias narrativas e a escrita aldravista, vê-se no estudo do conto investigativo e na escrita de aldraveia a oportunidade da ampliação do universo linguístico e literário dos alunos.

Essa intervenção promoveu o aprofundamento do campo semântico através do diálogo intertextual que se deu entre o conto e as aldraveias produzidas pelos alunos, já que em sua construção há que se pensar em uma palavra-chave, retirada do conto, que se repetirá em todas as 20 aldravias constituintes da aldraveia. Para que se tenha coesão e coerência, as palavras-chave fazem a ligação entre todas as aldravias para que estas possam significar um todo.

Para que este projeto se configurasse em uma ação planejada e executada, a professora utilizou-se da pesquisa-ação que se configura como um caminho consciente para uma mudança real em sala de aula no que diz respeito ao ensino da Língua Materna.

A mudança supracitada requer uma postura mais atenta por parte do professor em relação à rotina de suas aulas, não sendo ele apenas observador, mas construtor de uma nova realidade. O professor passa a ser pesquisador de sua prática, procura entender o outro, suas dificuldades e encontra soluções que, pelo menos, possam amenizar os problemas detectados². De transmissor de conhecimentos o professor passa a ser ativo e a tomar para si o papel de

² Entende-se aqui por “problemas detectados” as dificuldades que os alunos enfrentam em relação à leitura e também à prática da produção de textual que, muitas vezes, revelam déficits de aprendizagem que ainda não foram suprimidos. Assim sendo, cabe ao professor buscar soluções diversificadas que ajudem os alunos a ultrapassarem as barreiras que os impedem de desenvolver suas capacidades de leitura e de escrita. As aldravias vêm cumprindo o seu papel no letramento dos alunos envolvidos nas aulas/oficinas por oferecerem uma reflexão sobre o léxico e a semântica, desenvolvendo um olhar mais apurado para a prática da leitura e da escrita, ampliando o universo linguístico e literário dos alunos envolvidos.

mediador entre os conhecimentos prévios de seus alunos e os conhecimentos mais formais, necessários para seu desenvolvimento como sujeito social.

A pesquisa-ação instrumentaliza o professor a buscar teorias que corroborem na produção de atividades que levem o aluno à aquisição de novos conhecimentos. A prática se torna o resultado de uma pesquisa que tem por intento tornar o ensino e a aprendizagem significativos não só para os alunos como também para o professor.

Segundo Thiollent (2011), “[...] os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (p. 20). Dessa maneira, um importante objetivo da pesquisa-ação está voltado para a produção de conhecimentos que possam ser compartilhados não somente pelos atores da pesquisa, mas por todos que se interessem por ela.

A pesquisa transformada em ação torna-se um fio condutor para a prática discente, este poderá tomar decisões que mudem ou não o andamento da pesquisa, pois terá um novo olhar para a realidade observada e os sujeitos participantes. Essa participação em conjunto dos pesquisadores e pesquisados também traz para o trabalho um novo olhar em relação à linguagem de pesquisa utilizada. Para Thiollent

[...] a pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa estão constantemente reafirmados e afinados no contato com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular.

(THIOLLENT, 2011, p. 85)

Sendo assim, apesar de não se partir, neste projeto, de um problema específico, a professora desenvolveu estratégias para inserir o aluno em um processo de criação autônoma e significativa de poemas.

6.1- PERFIL DOS ALUNOS

Para a aplicação da proposta de intervenção descrita neste trabalho, foi escolhida a turma Paulo Freire, 7º ano, Ensino Fundamental II, da Escola Municipal Anita Soares Dulci na cidade de Santos Dumont. A turma é composta de 33 alunos, sendo 16 meninas e 17 meninos entre a faixa etária de 11 a 13 anos. Dentre os alunos da turma há os que apresentam algumas deficiências que comprometem seu desempenho escolar. É importante saber que há um aluno com paralisia cerebral espática que afeta os membros inferiores, necessitando se locomover através de cadeira de rodas. Há um aluno com déficit de atenção e de processamento auditivo, ansiedade e distúrbio do sono. Há ainda um aluno com TDAH e outro com dislexia.

Essas deficiências, porém, não impediram o cumprimento do projeto que foi aplicado de maneira a respeitar as diferenças e diversidades da turma, incluindo de maneira positiva todos os alunos, sem exceção. O resultado das intervenções impactou de forma positiva toda a turma e os alunos acima citados participaram de forma produtiva e inclusiva de todas as atividades. Um dos alunos com deficiência relatou não querer faltar às aulas por elas estarem sendo muito divertidas e curiosas. O aluno com paralisia cerebral espática tornou-se mais participativo. Apesar de ainda não estar totalmente alfabetizado foi capaz de participar oralmente das atividades tendo como apoio a professora do AEE, Flávia Cristina dos Reis Abud, essencial em todas as etapas do projeto. Os alunos com dislexia e TDAH também relataram estar satisfeitos com as aulas, pois puderam se expressar oralmente e foram valorizados em suas respostas escritas.

A turma, como um todo, é bem participativa, questionadora e cumpridora das atividades e propostas apresentadas. Como as propostas de intervenção foram configuradas para ser dinâmicas, causar a curiosidade dos alunos e seu desejo de descobertas, com a temática da investigação, promovida pelo conto escolhido, *A aventura do pudim de Natal*, de Ágatha Christie e mais à frente pela leitura de *aldravias*, gênero já conhecido da turma, as aulas foram realmente de muito interesse dos alunos, culminando na apresentação da *aldravieira* como o gênero a ser produzido por todos os alunos.

Foi possível perceber uma mudança de postura e de atitude nos alunos que pouco se envolviam nas aulas de Língua Portuguesa, passando de

espectadores a protagonistas nas intervenções propostas, o que causou a ampliação do repertório literário e também linguístico de todos os alunos participantes, respeitando as diversidades e limites de cada um, partilhando novas experiências.

6.2 PEFIL DA PROFESSORA-PESQUISADORA

Graduei-me em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora e especializei-me em Educação Infantil pela mesma Instituição de Ensino. Trabalho como professora de Língua Portuguesa nas redes pública e particular de Santos Dumont, desde 1994. Atuei em vários níveis de ensino, desde o Fundamental II, Ensino Médio e Universitário, quando ASA em um curso de formação de professores a distância pelo CAED/UFJF. Também lecionei em cursinhos pré-vestibulares e já tive a oportunidade de ser Coordenadora da área de Linguagens e suas Tecnologias no EBEP-Sesi/Senai JF (Educação Básica e Ensino Profissionalizante), liderando uma equipe de professores em suas práticas de ensino. Sou membro efetivo da Sociedade Brasileira de Poetas Aldravianistas (SBPA), de Mariana, Minas Gerais e também membro correspondente da Academia Portuguesa de Ex-Libris (APEL), de Portugal. Coordeno a Academia Brasileira de Autores Aldravianistas Infantojuvenil de Santos Dumont, com sede na Escola Municipal Anita Soares Dulci, escola em que o presente projeto foi aplicado.

Durante os anos que me dedico ao ensino da Língua Portuguesa, muitas tentativas de levar aos alunos um aprendizado mais significativo não foram efetivas, muitas angústias me assombravam. Ao buscar o ProfLetras como formação de um novo pensamento em relação à Língua Materna, descobri a teoria e a prática como aliadas na construção e desconstrução de vários (pré)conceitos que estavam ainda arraigados em minha prática. Também aprendi através da pesquisa-ação uma nova forma de olhar para minhas aulas e meus alunos.

Ao longo desse Mestrado, meu cotidiano escolar tornou-se muito mais reflexivo e significativo, novos argumentos surgiram a partir de teorias e estudos, ampliando não só os meus conhecimentos, mas dando-me bases sólidas para poder defender um estudo de Língua mais atento à leitura e à escrita de meus alunos, buscando sempre a ampliação de seu repertório literário.

7 INTERVENÇÃO

Para aplicar uma metodologia que incentivasse os alunos a construir novos saberes, foi adotada a *Sequência Expandida* de Rildo Cosson descrita em seu livro *Letramento Literário – teoria e prática* (2014).

A proposta interventiva fez-se a partir de leituras e atividades do conto investigativo *A aventura do pudim de natal*, de Ágatha Christie, e da aldraveira, *Olhares*, de Angela Cristina Fonseca, como modelagem para a retextualização na atividade de escrita autoral. As intervenções foram divididas em três momentos.

Após leituras e atividades orais e escritas, os alunos retomaram o conto lido e a aldraveira que serviu como modelo, para que acontecesse o momento da produção dos textos autorais.

Primeiro Momento

No mês de maio de 2019 a professora aplicou o questionário aos alunos do 7º ano, turma Paulo Freire, Escola Municipal Anita Soares Dulci. No dia 16/09/2019 o projeto foi apresentado aos pais e/ou responsáveis pelos alunos e dedicado à preparação na escola dos materiais utilizados durante a intervenção. As aulas interventivas começaram no dia 17/09/2019.

Aula 1 – 2 tempos de 50 min. – MOTIVAÇÃO – momento em que a professora preparou a turma para introduzi-la no universo do conto *A aventura do pudim de Natal*, de Ágatha Christie, através de atividades que instigaram não só a curiosidade como também o desejo de ler.

Esta aula visou à introdução ao mundo da investigação e também do suspense; o professor provocou os alunos através de um bate papo sobre as imagens que foram projetadas pelo data-show no quadro, anexos 1, 2, 3, 4 e 5.

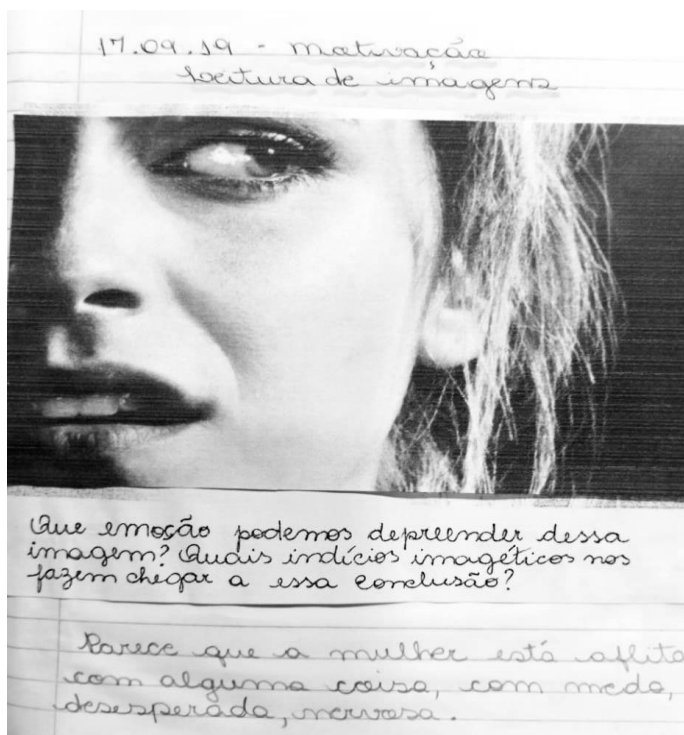
Passo 1- Dando início à atividade por meio da oralidade - A professora projetou no quadro imagens (anexos 1, 2, 3, 4) que suscitaram o interesse do aluno pelo tema “suspense”. A professora fez perguntas para que

os alunos pudessem inferir os sentimentos e sensações despertados pelas imagens e registrou no quadro as palavras que fossem surgindo até que se chegou ao tema-chave da aula, traduzido pelas palavras “investigação” e “suspense”. Os questionamentos propostos abaixo foram numerados e feitos de forma oral, separadamente, na medida em que as imagens foram projetadas no quadro.

- 1- Observem as imagens. Que sentimentos ou sensações elas nos causam?
- 2- Aproximando a imagem e observando o olhar dessa mulher, seus lábios, sua expressão facial, o que podemos inferir? Ela está com medo? Assustada?
- 3- Descrevam os indícios imagéticos que podemos verificar na imagem aproximada.
- 4- Observem também, o olhar dessa pessoa na próxima imagem. É o mesmo olhar? Tem o mesmo sentido que na imagem anterior?
- 5- Vejam esta cena. O que lhes chama a atenção? É uma cena de suspense? Como podemos chegar a essa conclusão?
- 6- Atendem-se para o olhar dessa outra pessoa. O que vocês percebem? Que elementos imagéticos permitem chegar a essas conclusões?
- 7- Vocês acham que essas imagens poderiam ser de algum filme ou livro?
- 8- Qual o objetivo de um filme ou de um livro de suspense ou de investigação?
- 9- No caso dessas imagens, que tipo de história elas poderiam nos contar?
- 10- Quem já assistiu a um filme ou leu um conto de suspense, de terror ou de detetive? Quais os momentos mais marcantes você pode destacar para a turma?

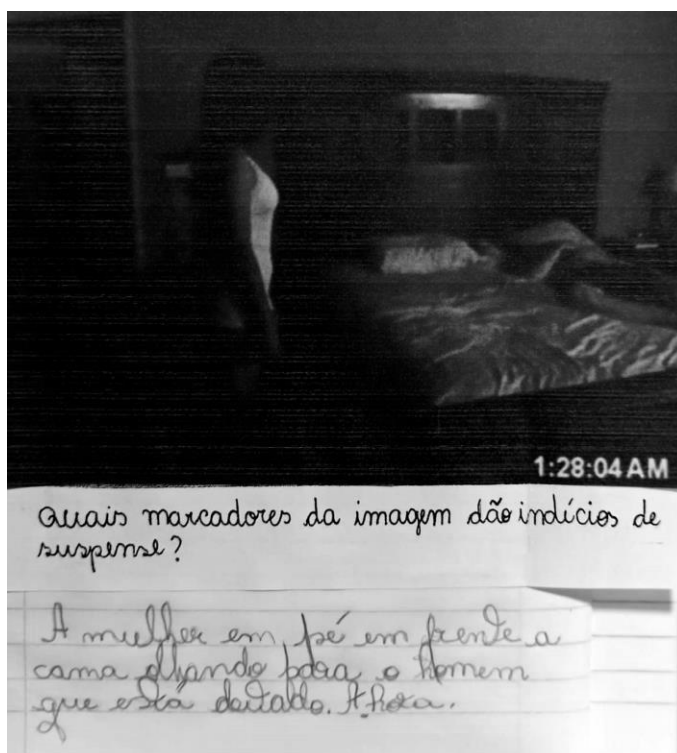
Após esse diálogo inicial, a professora pediu que os alunos colassem em seus diários de leitura duas das imagens projetadas no quadro e que registrassem individualmente suas percepções, como mostram as figuras 1 e 2 abaixo.

Figura 1 SUSPENSE



(Aluna E. A.)

Figura 2 SUSPENSE



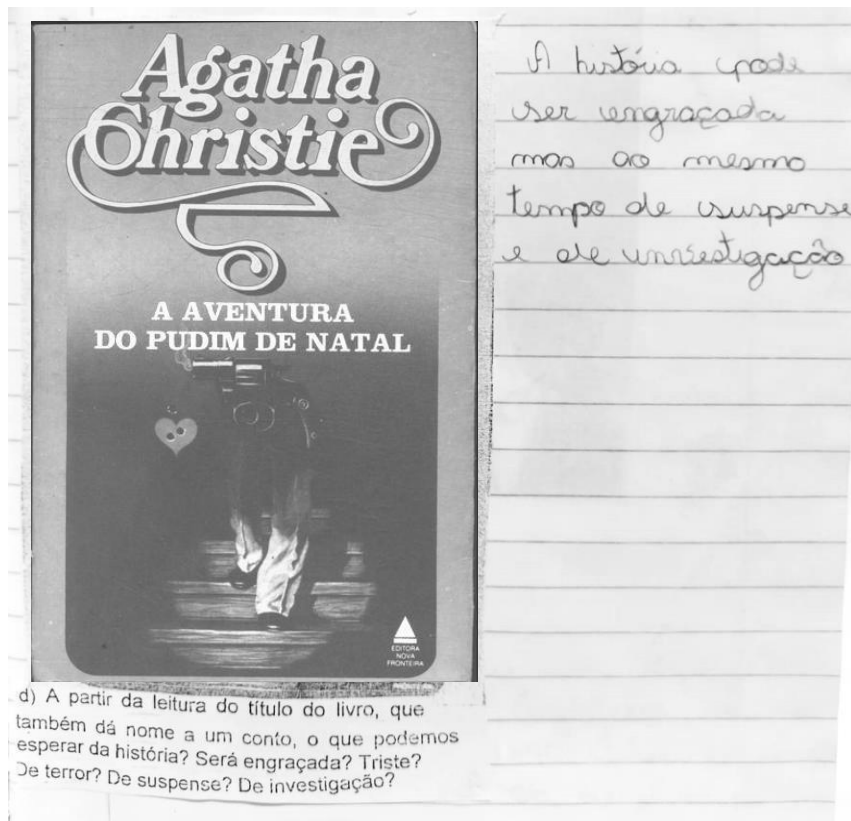
(Aluno A. C. de C.)

Posteriormente, a professora projetou no quadro a capa do livro de contos de Ágatha Christie (anexo 6), *A aventura do pudim de Natal* e fez novas perguntas para instigar a curiosidade dos alunos para o conto que seria lido. Questionamentos propostos:

- a- Observem a imagem. O que podemos ver nela?
- b- Agora, observem o que está escrito. Podemos dizer que esta imagem, no todo, corresponde à capa de um livro? Que elementos dão pistas para se chegar a essa conclusão?
- c- Qual o título do livro? Quem é a autora?
- d- A partir da leitura do título do livro, que também dá nome a um conto, o que podemos esperar da história? Será engraçada? Triste? De terror? De suspense?

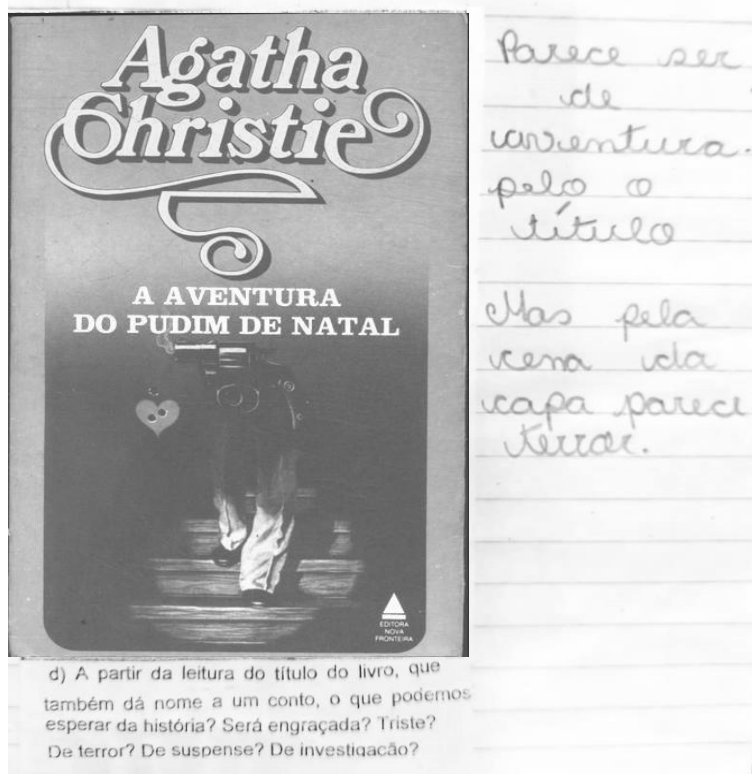
Mais uma vez a professora pediu que os alunos colassem a imagem da capa do livro em seus diários e registrassem uma resposta para a pergunta D. Ver figuras 3 e 4 abaixo.

Figura 3 CAPA DO LIVRO DE CONTOS DE ÁGATHA CHRISTIE



(Aluna J. M. N.)

Figura 4 CAPA DO LIVRO DE CONTOS DE ÁGATHA CHRISTIE



(Aluna V. A. D. P.)

Obs.: Os alunos se envolveram bastante nesta atividade, participaram, ficaram curiosos e fizeram comentários interessantes sobre as imagens e sobre a capa do livro, percebendo os marcadores imagéticos trazidos por elas:

- a- “Olha, tem um horário na imagem. Então não é foto. É vídeo”.
- b- “É mesmo! A porta está aberta porque a mulher foi pegar uma faca pra matar o marido.”
- c- “Cadê a faca?”
- d- “Deve estar escondida.”
- e- “Isso é terror psicológico, professora, porque mexe com a nossa mente.”
- f- “Em filme a música é importante, dá mais medo.”
- g- “Isso é capa de livro porque tem o nome da escritora.”
- h- “Lá embaixo tem o nome da editora, professora? Então é livro mesmo.”

Aula 2 – 4 tempos de 50 min. – INTRODUÇÃO – Neste momento, a professora, ao dialogar com a turma, propôs uma dinâmica para apresentar a

autora Ágatha Christie (anexo 7). É importante que o aluno conheça a autora para que ele próprio construa suas hipóteses para a criação de determinado personagem ou, ainda, para o uso de determinado vocábulo, por exemplo. Conhecer o autor de um texto é ampliar a visão para compreender as estratégias não só linguísticas que o autor usa, mas também os contextos e ambientações apresentados por ele.

Esta aula teve como objetivo falar do livro *A aventura do pudim de Natal*, de onde o conto foi retirado para a leitura. Apresentar uma pequena biografia de Ágatha Christie, através de uma dinâmica de produção textual, para que o aluno conheça a autora e seu contexto de produção literária.

Passo 1- Quem é esta mulher? - A professora projetou no quadro da sala de aula o retrato da autora, Ágatha Christie (anexo 3). Também no quadro de giz a professora colou pistas e orientações para os alunos descobrirem de quem é o retrato projetado. Após observarem o retrato, lerem as pistas e orientações, a professora separou a turma em 7 equipes de detetives, por ordem de 1 a 7. Estas equipes foram levadas à biblioteca da escola para procurarem os envelopes contendo as informações sobre a autora.

Passo 2- Entrada temática - A professora espalhou pela sala da biblioteca envelopes com frases curtas sobre a vida e obra de Ágatha Christie. Após encontrarem os envelopes, numerados de acordo com o número de cada equipe, os alunos retiraram dos envelopes recortes de frases para organizá-las, de forma que fizessem sentido, em um texto completo. Os alunos colaram as frases em uma folha A4 colorida e a professora pediu que lessem o texto organizado. A expectativa era de que os alunos percebessem que, na falta de elementos de ligação entre os parágrafos, seria necessário que as equipes reescrevessem o texto dando a ele coesão, com isso, produzindo coerência. Perguntas foram direcionadas aos alunos para serem respondidas oralmente, observando os textos organizados:

- 1- Há palavras repetidas em excesso? Como resolver essa questão?
- 2- A ordem de montagem dos textos variou muito? Essa variação causou problemas no sentido do texto?

- 3- A montagem feita por vocês manteve a coerência do texto?
- 4- Há períodos curtos que se estivessem juntos ficariam melhor?

Como ligar esses períodos?

Os alunos marcaram no texto o que deveria ser mudado. Ao final dessa atividade um representante de cada equipe fez a leitura para a turma.

Observou-se que, apesar de as frases serem as mesmas para todas as equipes, a forma de organizá-las foi diferente, necessitando de elementos de coesão variados para dar continuidade às ideias sem perder o sentido do texto.

Também foi interessante observar com a turma as características de um texto biográfico, sua estrutura. A partir dessa atividade os alunos conheceram um pouco sobre a autora do primeiro texto que lido e estudado por todos. A turma elegeu o texto que ficou melhor reescrito para ser colado no mural da sala.

A biografia da autora e o gênero escolhido por ela para suas histórias foi o eixo que possibilitou a “entrada” para o tema da aula: o conto *A Aventura do Pudim de Natal*. Ainda sobre o gênero biografia, os alunos apontaram suas principais características:

- a- “Fala da vida de uma pessoa.”
- b- “Tem datas.”
- c- “Pode ter linguagem informal?”
- d- “Acho que sim, depende de quem escreve.”
- e- “A gente pode escrever sobre a gente mesmo.”
- f- “Mas aí não é biografia, como é que chama mesmo quando a gente fala da nossa vida?”
- g- “Tem que ter o nome do pai e da mãe, a idade e o que fez na vida.”

Os alunos colaram nos diários a imagem de Ágatha Christie e reescreveram o texto de forma a resumir-lo a partir das informações que julgaram mais pertinentes para eles. As figuras 5 e 6 registram o início da aula, as figuras 7 e 8 mostram os alunos na biblioteca da escola, procurando as pistas colocadas lá. Já as figuras 9 e 10 mostram os alunos organizando o

texto e as figuras 11 e 12 registram o momento em que os alunos reescrevem a biografia de Ágatha Christie nos seus diários.

Figura 5 FOTO DE ÁGATHA CHRISTIE

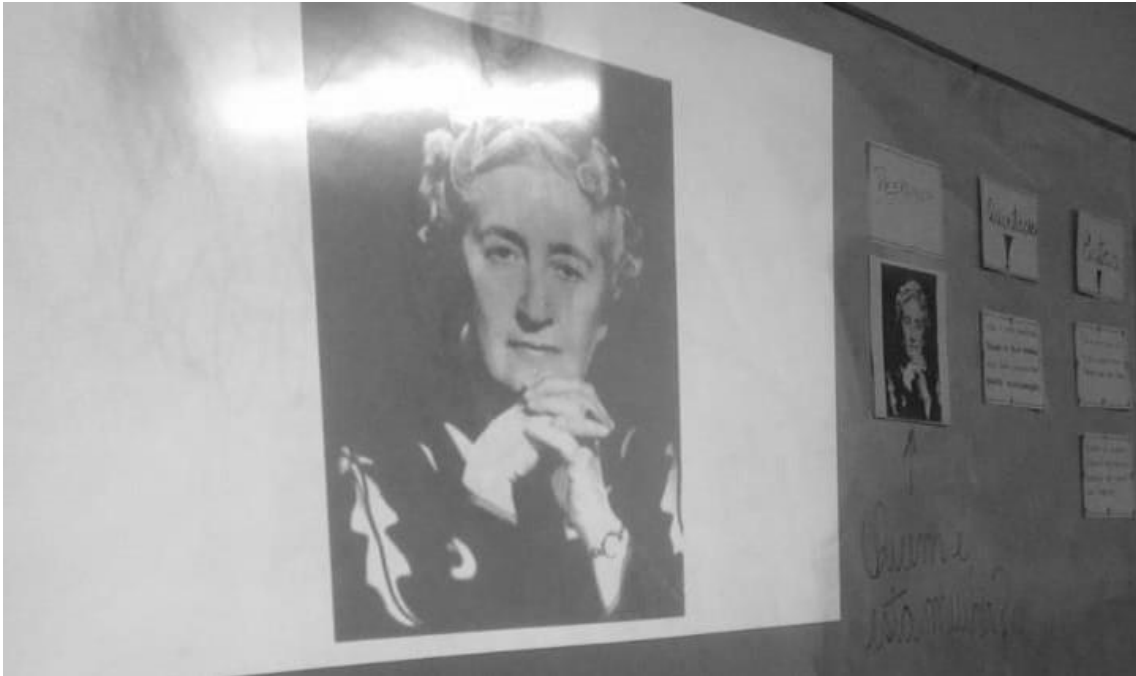


Figura 6 EXPLICAÇÃO DA DINÂMICA “QUEM É ESTA MULHER?”



Figura 7 DINÂMICA PROCURANDO PISTAS



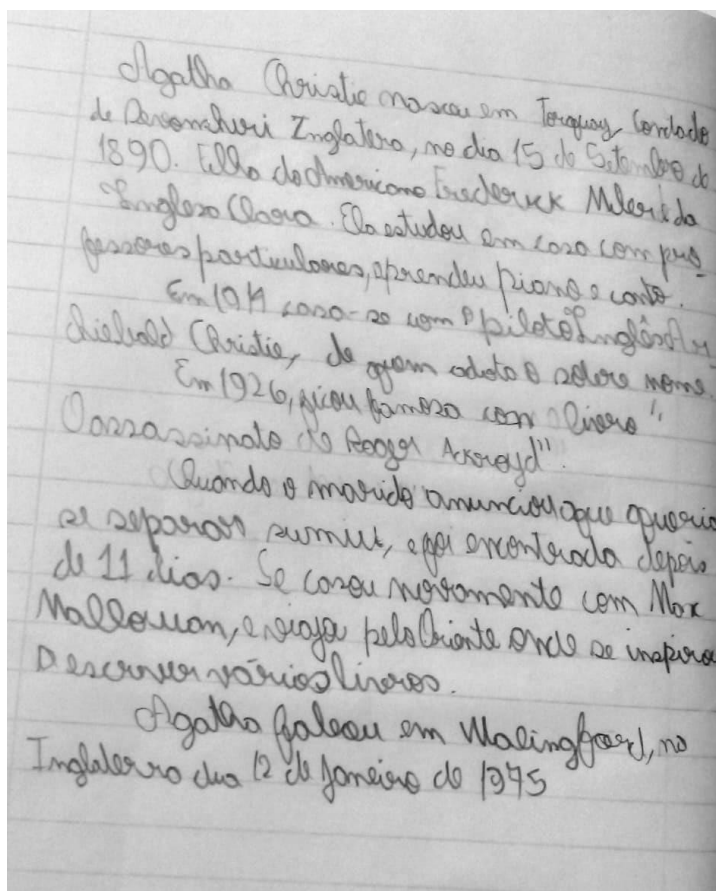
Figura 8 DINÂMICA PROCURANDO PISTAS



Figura 9 ESCREVENDO A BIOGRAFIA DE ÁGATHA CHRISTIE



Figura 10 ESCRITA DA BIOGRAFIA DE ÁGATHA CHRISTIE



(Aluno D. H. da C. S.)

Depois desse momento a professora apresentou o livro aos alunos e propôs a leitura do conto.

Aula 3 – 2 tempos de 50 min. – LEITURA DIRIGIDA – A professora entregou, nesta aula, a toda a turma o capítulo 1 e fez a leitura em voz alta enquanto os alunos acompanharam silenciosamente, sem interrupção do capítulo como bem propõe Cosson (2014), no ambiente escolar “até por questões de aprendizagem, a leitura da voz precede a leitura dos olhos, com a professora lendo para seus alunos em várias ocasiões” (COSSON, 2014, p. 98).

A escolha por essa estratégia de leitura em voz alta por parte da professora visa fazer com que os alunos não dispersem sua atenção em outra atividade. A leitura livre, sem intervenção da professora será feita em outro momento.

Na acepção de Cosson (2014), é importante que a leitura de um livro seja feita fora da sala de aula, desde que combinado e estabelecido um prazo que finalize essa leitura. O conto de Ágatha Christie faz parte de um livro de contos que, infelizmente, não é possível ser dado a todos os alunos da classe. Sendo assim, a professora fez o xerox de cada capítulo para a turma. Com o xerox em mão, do primeiro capítulo, a opção foi a leitura em sala de aula e entre um capítulo e outro, foram planejados “intervalos que buscam dialogar com a obra em diferentes enfoques” (COSSON, 2014, p. 81). Os alunos receberam a cada dia de aula um capítulo a ser lido.

Passo 1 - O livro foi mostrado aos alunos que puderam manuseá-lo e perceber que se trata de um livro com vários contos. Antes da leitura, questões de inferência foram feitas oralmente:

- Tendo o título do livro como base e o que já sabemos sobre a autora, que tipo de histórias podemos esperar neste livro?

Algumas respostas:

- “De humor?”

- “Acho que não... comédia?”

- “Não, se é de conto, deve ser de suspense ou terror.”

- “Gente, a mulher escreve suspense de detetive...”

Passo 2 - Depois das inferências, a professora entregou o primeiro capítulo e procederam a leitura. Ela pediu que os alunos marcassem no texto palavras e expressões que considerassem diferentes ou desconhecidas ou, ainda, tudo o que considerassem importante. Durante a leitura, o significado de algumas palavras foi discutido e algumas perguntas de antecipação foram feitas e respondidas pelos alunos oralmente:

- M. Hercule Poirot foi chamado para ir aos campos ingleses no Natal, mas essa ideia não o atraía, Porquê?

- Que argumentos serão usados para convencer M. Hercule Poirot?

Serão suficientes para ele mudar de ideia?

- Ao lado do Sr. Jesmond havia um jovem. Por que Poirot dirigiu-se a ele como “Sua Alteza”? Para quem usamos esse tipo de tratamento?

- Porque não chamaram a polícia para resolver o caso e escolheram M. Hercule Poirot?

- Será que Poirot aceitará o caso?

Esse exercício de leitura, com paradas e perguntas que visam prever os acontecimentos é uma forma de compartilhar a leitura; é também um momento em que o leitor é envolvido no texto, construindo sentidos para ele, verificando se suas previsões se confirmam ou não. A esse tipo de leitura, dá-se o nome de leitura protocolada que, segundo Cosson (2014, p. 116) demanda um envolvimento do aluno e do professor no diálogo com o texto.

Obs.: Os alunos ficaram bem atentos à leitura, participando ativamente na construção de sentido do texto e interessando-se pela história.

No final desta aula o aluno recebeu um quadro para ser colado no diário de leitura e completou-o com informações a partir do que foi lido no primeiro capítulo sobre os personagens e suas características. Veja figuras 11 e 12:

Figura 11 QUADRO INFORMAÇÕES PRIMEIRO CAPÍTULO

A aventura do pudim de Natal

A Aventura do Pudim de Natal - Ágatha Christie		
PERSONAGENS	DESCRIÇÃO FÍSICA	DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA
Sr. Jesmond	discreto, roupas bem talhadas, misterioso, voz suave e educada, cabelo castanho, olhos azuis e sorriso	
Príncipe	Educação e formal, rosto cor de café e jovem	melancólico
M. Poirot		sereno

(Aluno L. L. de C.)

Figura 12 QUADRO INFORMAÇÕES PRIMEIRO CAPÍTULO

A Aventura do Pudim de Natal - Ágatha Christie		
PERSONAGENS	DESCRIÇÃO FÍSICA	DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA
M. Hercule Poirot	Bem vestido	Gosta de vestir roupas finais, mas gosta de ficar educado e gentil
Sr. Germond	Bem vestido, magro, cabelo curto, cabelo rentinho, cabelo branco, nariz vermelho e veludado, o rosto cor de café	
Príncipe Yossef	(educado e formal) o rosto cor de café	

(Aluna J. M. N)

Aula 4 – 3 tempos de 50 min. – CAPÍTULO 2 - INTERVALO 1: Lendo imagens, contextualizando (atividade oral) – O intervalo 1 feito em sala de aula teve como objetivo preparar a leitura do segundo capítulo do conto.

Passo 1 – Fazendo relações imagem/conto - Esta aula trouxe para os alunos curiosidades sobre a Inglaterra e sobre Londres: três mapas (anexo 4), informações sobre o clima em época de natal (anexo 5) e a diferença entre Londres e os campos ingleses (anexo6).

Essas imagens tiveram como objetivo contextualizar o ambiente em que se passa a história, bem como o que já foi lido até aqui, além de antecipar conhecimentos que ainda serão adquiridos. Os alunos fizeram inferências, comentaram as imagens e compararam o Natal em Londres e no Brasil. A professora pediu que colassem nos diários de leitura uma imagem referente aos campos e uma imagem referente à Londres, pediu também que os alunos registrassem as possíveis diferenças entre esses dois locais.

Figura 13 DIFERENÇAS ENTRE LONDRES E CAMPOS INGLESSES

Campos Ingleses	Londres
fazenda	Estádicos
terra	Metro
plantação	Green Park
animais	Big Bang
casa de	Parque
campo	Mercado
florestas	Leam Street
	Roda gigante
	Aeroporto
	Mais mansões
	mentações de
	veículos

(Aluna L. S. dos S.)

Figura 14 DIFERENÇAS / SEMELHANÇAS NATAL BRASIL X LONDRES

<u>Natal no Brasil</u>
Ganhamos presentes e juntamos toda a família e decoramos nossas casas.
<u>Natal em Londres</u>
Tem tradições, neve, presentes, luzes, harmonia e etc.
<u>Natal em Campos Ingleses</u>
É um, cheio de luzes, lareira, famílias unidas, e meias em cima da lareira.

(Aluna K. V. de A. B.)

A professora pediu que os alunos respondessem oralmente:

- Onde se passa o primeiro capítulo do conto e onde se passará o restante da história?

Passo 2 - Depois, entregou aos alunos parte do capítulo 2. Por ser um capítulo extenso, decidiu-se começar a leitura em sala de aula e terminar em casa como tarefa pedindo aos alunos que novamente marcassem palavras e expressões cujos significados eles não conhecessem, refletindo se haveria ou não a necessidade do uso do dicionário para entender tais expressões ou se pelo contexto seria possível entender o que o narrador ou os personagens estariam dizendo ou querendo dizer. Foi dada também a possibilidade de procurarem no dicionário emprestado pela escola os significados que não conseguiram inferir.

Passo 3 – Nesta aula terminamos a leitura do segundo capítulo do conto.

Aula 5 – 2 tempos de 50 min. INTERVALO 2: Trabalhando o vocabulário –

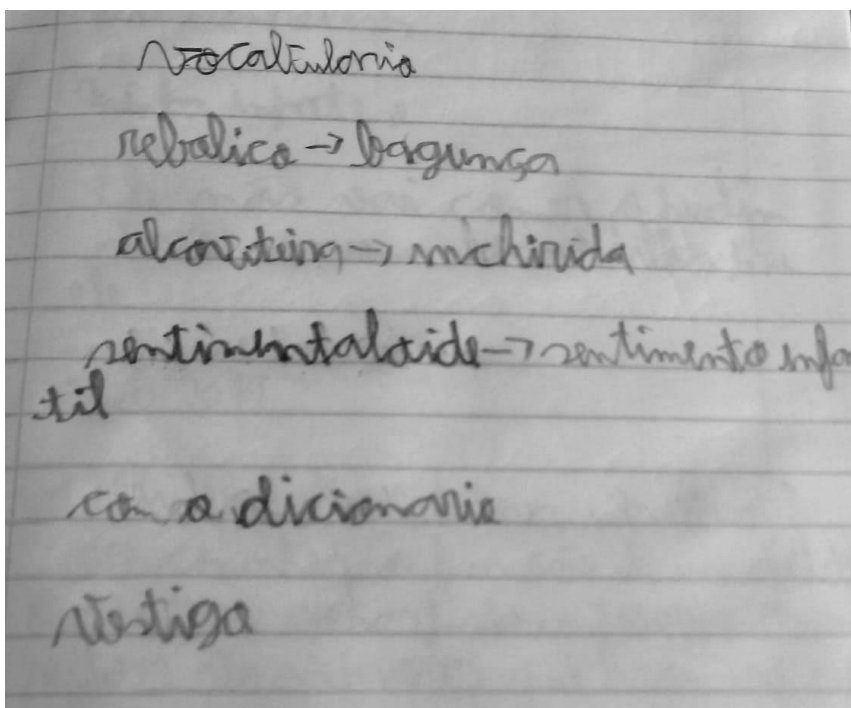
Passo 1- Foi feita uma rápida resenha oral do capítulo 2. Esta aula teve o objetivo de conversar não só sobre a história, mas também a respeito de algumas palavras, expressões e termos que apareceram no texto. Também apareceram expressões estrangeiras (principalmente em francês) cujo significado provavelmente não estaria no dicionário usado para a pesquisa. A professora também chamou a atenção para o nome do detetive Hercule Poirot e sua personalidade (anexo 7). Algumas questões foram propostas para o bate-papo sobre o vocabulário:

- 1- Levantem hipóteses para explicar o uso de palavras, termos e expressões não comuns ao nosso vocabulário.
- 2- Vocês usaram o dicionário para saberem o significado dessas palavras? Em todos os casos ou foi possível compreender o sentido global dos enunciados sem, necessariamente, recorrer ao dicionário?

- 3- E sobre o detetive do conto, qual a origem do seu nome? Será que seu nome sinaliza sobre sua personalidade? (espera-se que o aluno tenha se atentado para o nome e procurado seu significado também)

Os alunos registraram nos diários de leitura algumas palavras.

Figura 15 VOCABULÁRIO



(Aluno R. W. A. da S.)

Passo 2 – Leitura do capítulo 3 em sala de aula - Ao final das reflexões, feitas em conjunto com a turma, a professora entregou para todos o capítulo 3 do conto para ser lido em classe, conforme estratégia de leitura planejada. Os alunos compartilharam a leitura em voz alta: os alunos que se sentiram à vontade fizeram a leitura para os companheiros.

O capítulo 3 do conto é pequeno e termina com um bilhete intrigante. Os alunos ficaram curiosos para saber o que aconteceria no próximo capítulo.

Aula 6 – 2 tempos de 50 min. – INTERVALO 3 – Sobre o mistério do bilhete – O “ponto chave” desta aula foi o bilhete deixado no quarto do M. Poirot no final do capítulo3:

“NÃO COMA NENHUM PEDAÇO DO PUDIM DE PASSAS.
ALGUÉM QUE LHE QUER BEM.”

Passo 1 – Encontrando o bilhete - A professora espalhou pela sala da biblioteca, embaixo de algumas carteiras, envelopes com as palavras recortadas que formam a frase do bilhete que foi deixado no quarto de M. Poirot. Os alunos foram convidados a procurarem os envelopes e, assim que achassem, deveriam se organizar para montarem a frase e descobrirem o que estava escrito.

Figura 16 RECONSTRUINDO O BILHETE



Figura 17 RECONSTRUINDO O BILHETE



Passo 2 – Remontando o bilhete - Assim que conseguiram remontar o bilhete, os alunos conversaram a respeito do efeito de sentido que o bilhete dá ao texto e a forma como foi recebido por M. Poirot. Questionamentos propostos:

- 1- Estaria aqui o mistério do conto?
- 2- O momento de maior clímax?
- 3- Como vocês percebem a reação de M. Poirot ao ler o bilhete?
- 4- O que podemos esperar do capítulo 4?
- 5- Vocês acham que M. Poirot acreditou no que estava escrito?
- 6- Vocês acham que ele irá comer o pudim? Vocês comeriam?

Após conversarem e criarem hipóteses para a história, os alunos registraram as perguntas que se seguem no diário de leitura:

- 7- Que tipo de detetive é esse? Vocês conhecem a função de um detetive?
- 8- Como um detetive chega a conclusões se algo é verdadeiro ou falso?

Figura 18

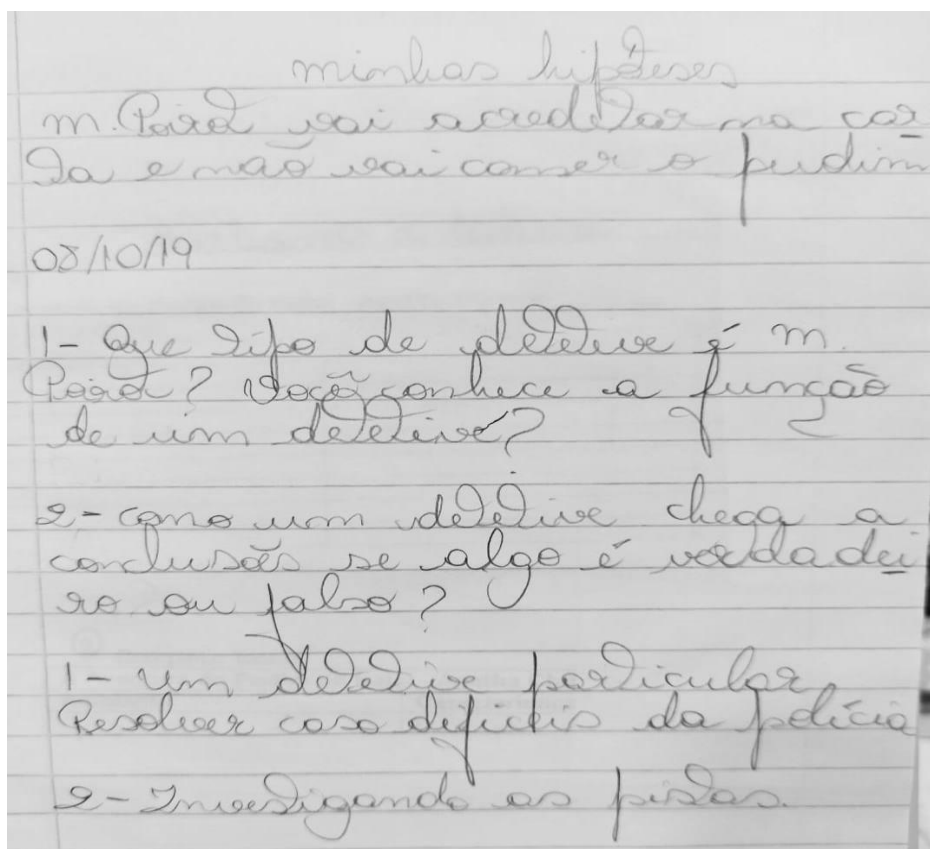
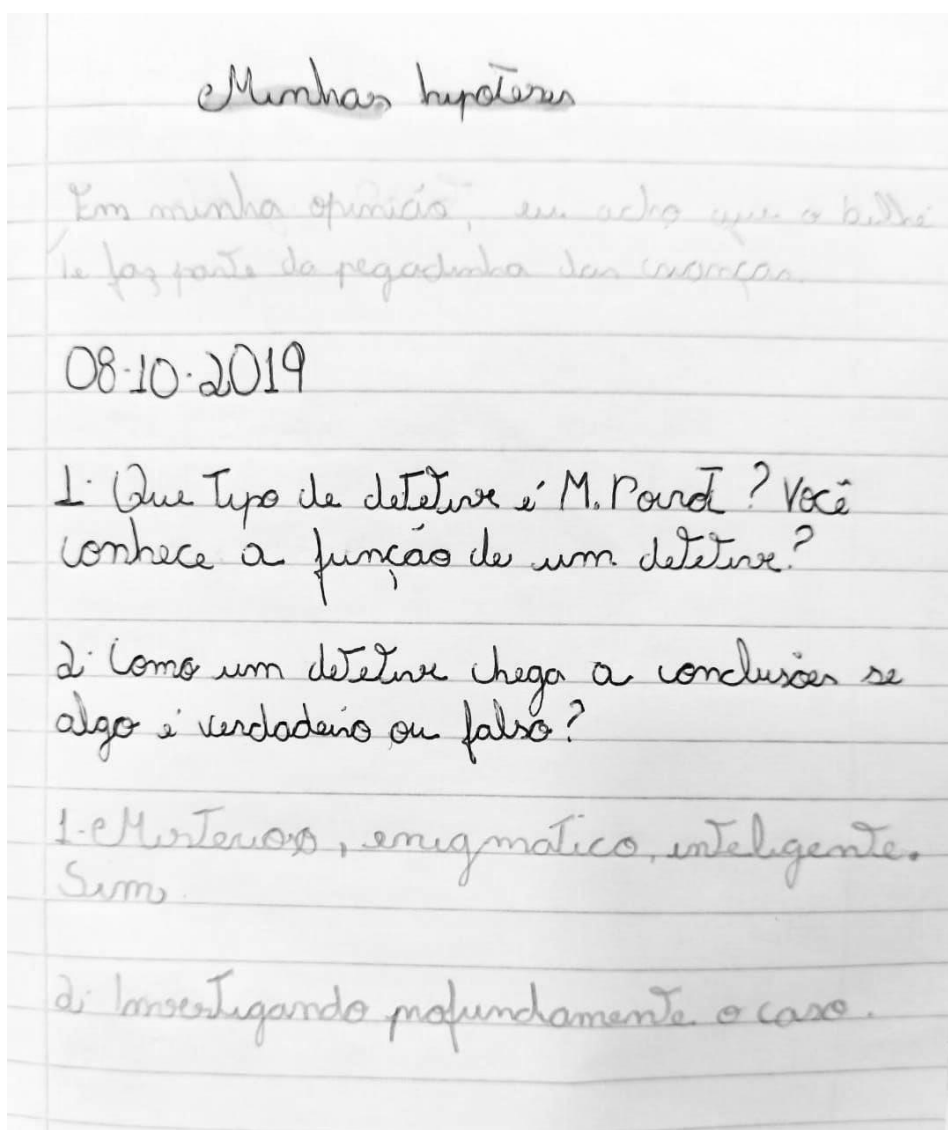


Figura 19 CRIANDO HIPÓTESES



(Aluna L. C. M de P.)

Obs.: Em todas as etapas do projeto os alunos demonstraram interesse e participaram ativamente.

Passo 3 – Os momentos tensos do conto – capítulo 4 - Após as atividades do bilhete, os alunos fizeram a leitura junto com a professora do capítulo 4 e a partir das perguntas feitas, os alunos comentaram, de forma geral, o conto lido até então.

- 1- Quais os momentos de maior tensão no texto? Quais estratégias a autora utilizou para dar ao texto esse tom de suspense, de tensão e de clímax?
- 2- Quais as expectativas que os alunos têm para o final do conto?
- 3- Como imaginam que será o desfecho da história?

Aula 7 – 1 tempo de 50 min. – ainda sobre o capítulo 4 – atividades avaliativas do bimestre.

Passo 1- Os alunos completaram um quadro sobre as personagens e suas descrições, sobre os ambientes em que a história se passa até o momento do texto lido e suas características como forma de avaliação para o 4º bimestre.

Figura 20 AVALIAÇÃO

9/10/2019

Avaliando a leitura

①

A Aventura do Pudim de Natal - Agatha Christie		
PERSONAGENS	DESCRIÇÃO FÍSICA	DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA
Dr. Jacey	Quase 70 anos, fuma como uma rocha, cabelos brancos, faces rosadas, olhos azuis, um nariz ridículo e gueltes determinado.	Gratil, educado, hospitaleiro, enérgico, forte e empático.

② Completar tabela:

A Aventura do Pudim de Natal - Agatha Christie		
Ambiente	Características	Influência na narrativa
King Jacey	Um lugar aberto e frio	ambiente da história

(Aluno E. L. F. F.)

Passo 2- Continuando os registros - Após a avaliação, a professora pediu que os alunos registrassem os possíveis clímax e seus desfechos durante a história.

Figura 21 CLÍMAX E DESFECHO

(3)
clímax e o desfecho dos capítulos? - quais os momentos de maior tensão, o

A Aventura do Pudim de Natal - Agatha Christie

CAPÍTULO	TENSÃO	CLÍMAX	DESFECHO
01			
02			
03			
04			
05			

1 - Tensão - Saber se a Pist vai para as
campos ou não
clímax -
Desfecho - Vai para as campos

(Aluna L. L. de S.)

Figura 22 CLÍMAX E DESFECHO

Desfecho - Vai para as campos

2 - Tensão -
clímax - Desconfiança de M. Pist em
Desmond
Desfecho - A brimcadeira e a compra
da

3 - Tensão - O bilhete

Aula 8 – 2 tempos de 50 min. - CAPÍTULO 5 – O DESFECHO

Após os registros feitos nos diários de leitura e seus comentários, a professora entregou o quinto capítulo do conto, o desfecho da história, começaram a leitura em que, cada aluno, voluntariamente, leu um trecho (quando um aluno parava de ler, um outro continuava).

Obs.: A aula foi interrompida por conta do ensaio para o desfile cívico da escola. Então, os alunos pediram para fazer a leitura em casa, como tarefa, pois estavam muito curiosos e não “aguentariam” aguardar a próxima aula. Assim foi feito: a professora permitiu que lessem em casa e levassem o diário de leitura, combinando que na próxima aula eles iriam relatar suas impressões sobre o capítulo 5 e seu desfecho.

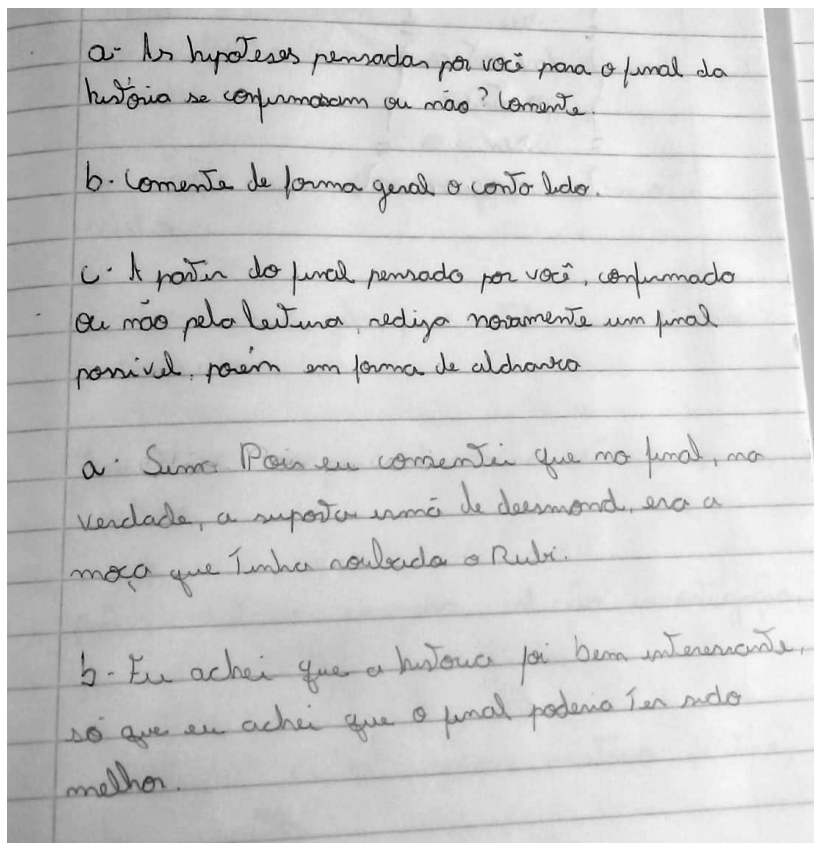
Aula 9 – 2 tempos de 50 min. - CAPÍTULO 5 – O DESFECHO

A professora e os alunos lembraram o capítulo 5 e conversaram a respeito das expectativas de cada um sobre o final da história a partir das anotações feitas no diário de leitura.

Questionamentos propostos:

- 1- O que vocês esperavam do desfecho da história?
- 2- As hipóteses criadas por vocês se confirmaram ou não? Comentem.

Figura 23 CONFIRMANDO OU NÃO HIPÓTESES



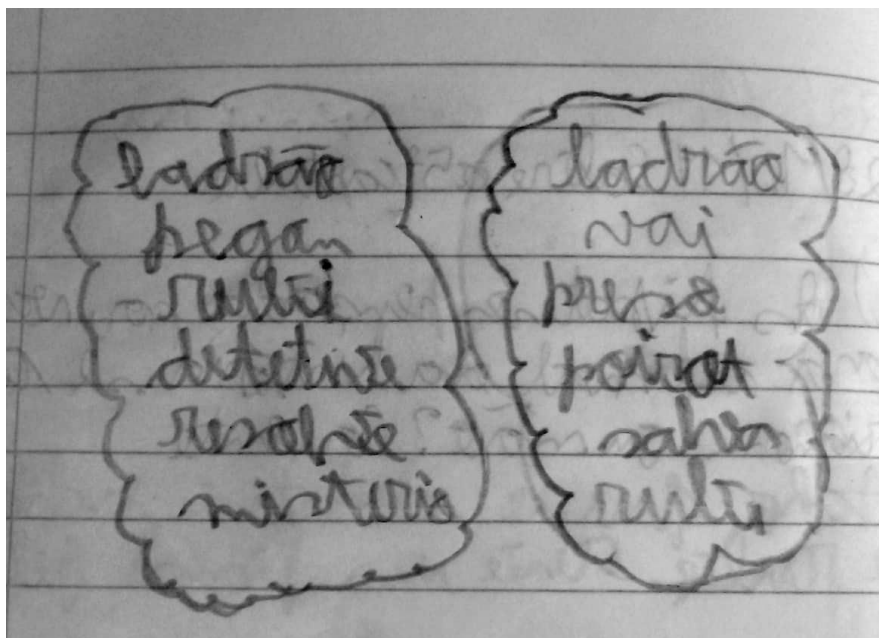
(Aluna L. C. M de P.)

É interessante que nesse momento os alunos puderam se expressar de forma escrita. Como essa aula encerrou a leitura do conto, a professora encaminhou a atenção dos alunos para o final da história, desafiando-os através do seguinte questionamento:

- 3- Que outro final você daria para história lida? A partir do final pensado por você, confirmado ou não pela leitura, redija novamente um final possível, porém em forma de aldravia.

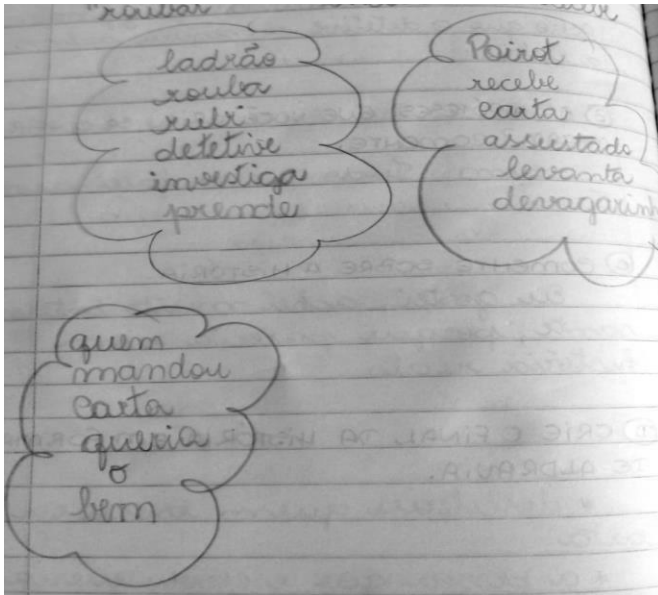
Obs.: Os alunos que participaram desse projeto já conhecem as aldravias e suas regras, afinal de contas, como já foi dito, esse gênero é trabalhado na escola desde o 6º ano. Nessa atividade os alunos exercitaram sua capacidade de concisão a partir de seis palavras-verbos. Esse exercício também serviu para fazer o elo entre a leitura e a compreensão do conto com o estudo da aldravieira, que culminou na atividade escrita desse projeto.

Figura 24 ALDRAVIAS A PARTIR DO TEXTO LIDO



(Aluno R. W. A. da S.)

Figura 25 ALDRAVIAS A PARTIR DO TEXTO LIDO



(Aluno G. D. M.)

Figura 26 ALDRAVIAS A PARTIR DO TEXTO LIDO

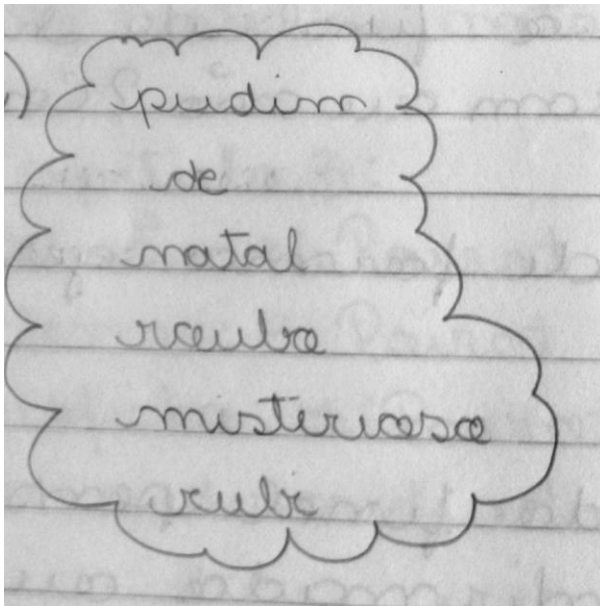
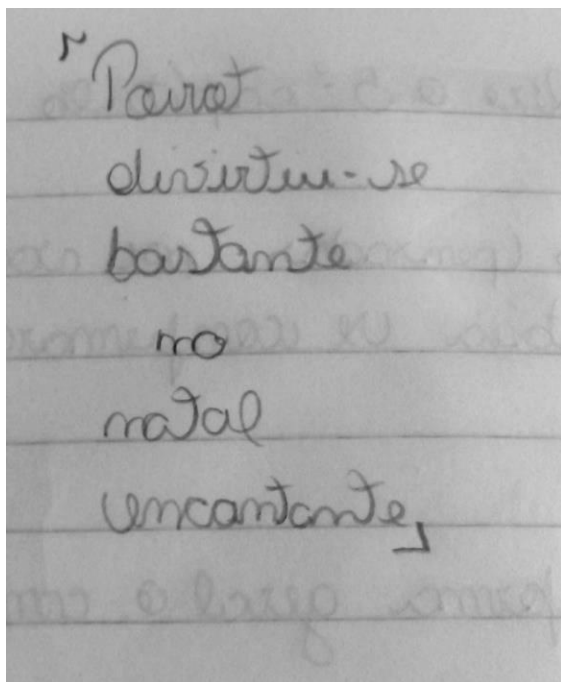


Figura 27 ALDRAVIAS A PARTIR DO TEXTO LIDO



Aula 10 – Leitura das aldravias – compartilhando as escritas

Esta aula foi bem descontraída, os alunos puderam compartilhar com os colegas os finais que eles criaram para a história, lendo suas aldravias e comentando mais uma vez sobre as expectativas para o desfecho do conto. Alguns alunos acharam que o final poderia ter sido mais interessante não só com o desvendamento do roubo do rubi, mas também que deveria ter tido realmente um assassinato, dando à história um pouco mais de ação.

Segundo Momento

O segundo momento do projeto se dedicou ao estudo da aldravieira. Para que as aulas se desenvolvessem adequadamente, foi usada a sequência básica de Rildo Cosson (2006), mais simples que a sequência expandida usada no primeiro momento da intervenção, porque o tempo gasto neste momento do projeto foi menor que o primeiro, principalmente porque os alunos já estão familiarizados com o gênero aldravia. A aldravieira foi a novidade trazida pelo estudo do gênero conhecido, levando o aluno a exercitar um pouco

mais seu olhar poético e sua observação quanto aos sentidos das palavras de um texto, seja ele um conto ou um poema.

Aula 1 – 2 tempos de 50 min. MOTIVAÇÃO – Para esta aula o professor ajudou os alunos a estabelecerem interação com o texto ou textos lidos. Antes de terem contato com o gênero aldravipeia, a professora lançou aos alunos um desafio explicado no passo 1 da aula e depois entregou aos alunos, divididos em grupos, algumas aldravipeias criadas por poetas aldravianistas e, assim, começou um bate papo sobre a poesia aldravista, resgatando os conhecimentos que já possuem sobre aldravias e ampliando esses conhecimentos ao apresentar as aldravipeias.

Passo 1 – Entrada temática – tempestade de palavras - Após conversarem um pouco sobre as aldravias, os alunos se dirigiram à cantina da escola onde estavam sobre a mesa bloquinhos de madeira com palavras que fazem parte do conto lido no primeiro momento do projeto. Em sala, registraram nos diários as palavras dos bloquinhos escolhidos e acrescentaram outras palavras a elas, a pedido da professora. Responderam oralmente ao questionamento feito:

Por que as palavras que vocês acrescentaram se associam às palavras dos bloquinhos escolhidos?

Algumas respostas:

- “Porque são parecidas no sentido.”
- “Significam a mesma coisa.”
- “Porque lembram as palavras do bloquinho.”

Figura 28 DINÂMICA DOS BLOQUINHOS



Figura 29 DINÂMICA DOS BLOQUINHOS

Figura 30 ASSOCIAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE AS PALAVRAS

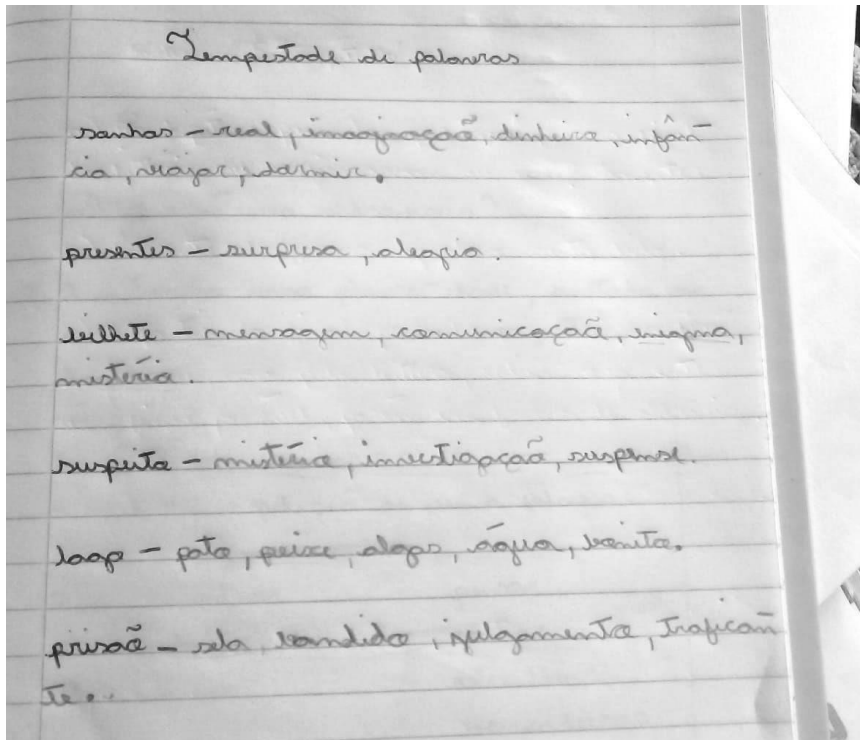


Figura 31 TEMPESTADE DE PALAVRAS

(Aluno C. J. de P. F.)

Aula 2 – 2 tempos de 50 min. INTRODUÇÃO – Nesta aula a professora apresentou xerox de obras que contêm aldravieiras. Diferente da aula de introdução dos contos, a professora apresentou a obra e não o(s) autor(es), visto que o mais interessante para os alunos nesse momento era ter como modelagem o gênero. Os textos apresentados trazem uma pequena

biografia dos autores que foram lidas pelos alunos após o desenvolvimento das primeiras atividades.

Passo 1- Conhecendo a aldravepeia - Divididos em grupo os alunos receberam o xerox contendo aldravepeias escritas por autores aldravianistas. Foi pedido aos alunos que folheassem, observassem a apresentação de cada autor e a forma como suas aldravias são compostas. Depois de conhecerem os textos, responderam oralmente ao questionamento abaixo:

- 1- O que é possível perceber nesse primeiro contato com os textos dados a vocês?

Após essa primeira observação, foi pedido aos alunos que lessem as aldravepeias no grupo. Esperava-se que essa leitura levasse os alunos a perceberem que em todas as aldravias havia uma palavra que se repetia, mesmo que a partir de seu sinônimo ou da ideia que ela remetia. Questionamento proposto:

- 2- É possível observar mais uma característica interessante sobre o texto, além das características já ditas por vocês. Qual?

A partir das respostas dos alunos, a professora foi desenhando no quadro o seguinte esquema, reproduzido pelos alunos nos diários de leitura e depois responderam a algumas perguntas também registradas nos diários.

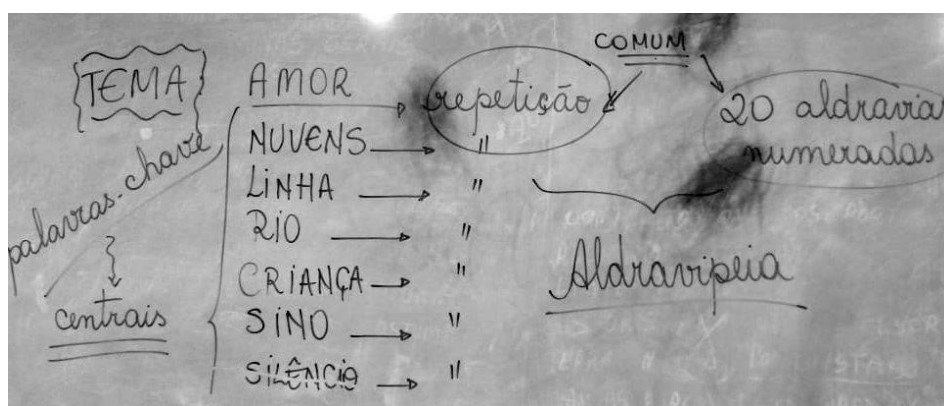
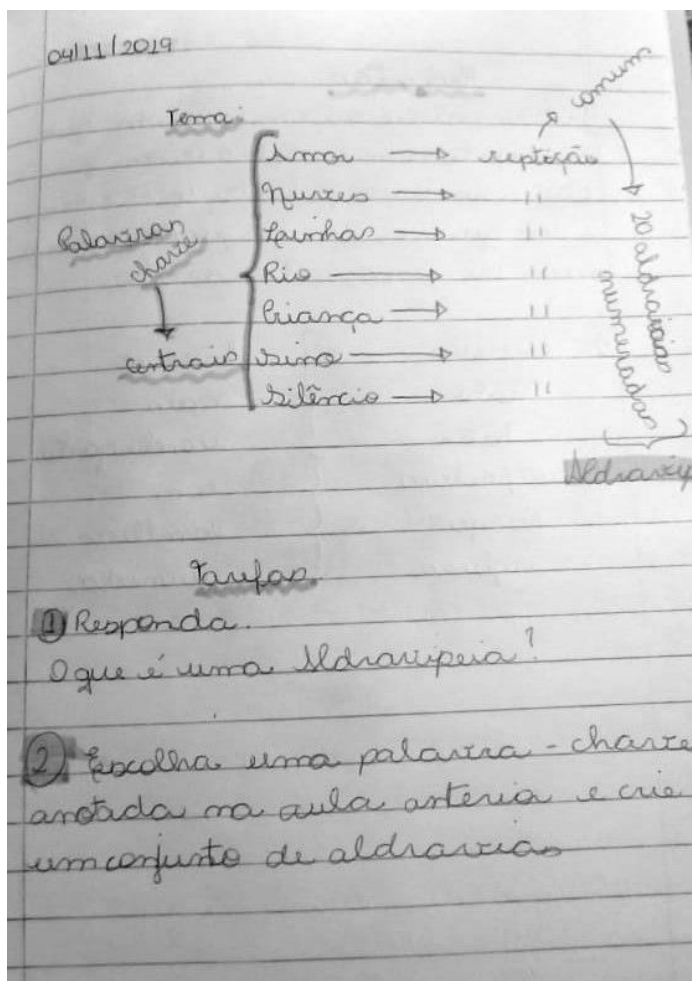


Figura 32 ESQUEMA DESCOBRINDO O CONCEITO DE ALDRAVIPEIA

Figura 33 REGISTRO NO DIÁRIO DE LEITURA



(Aluna D. F. R.)

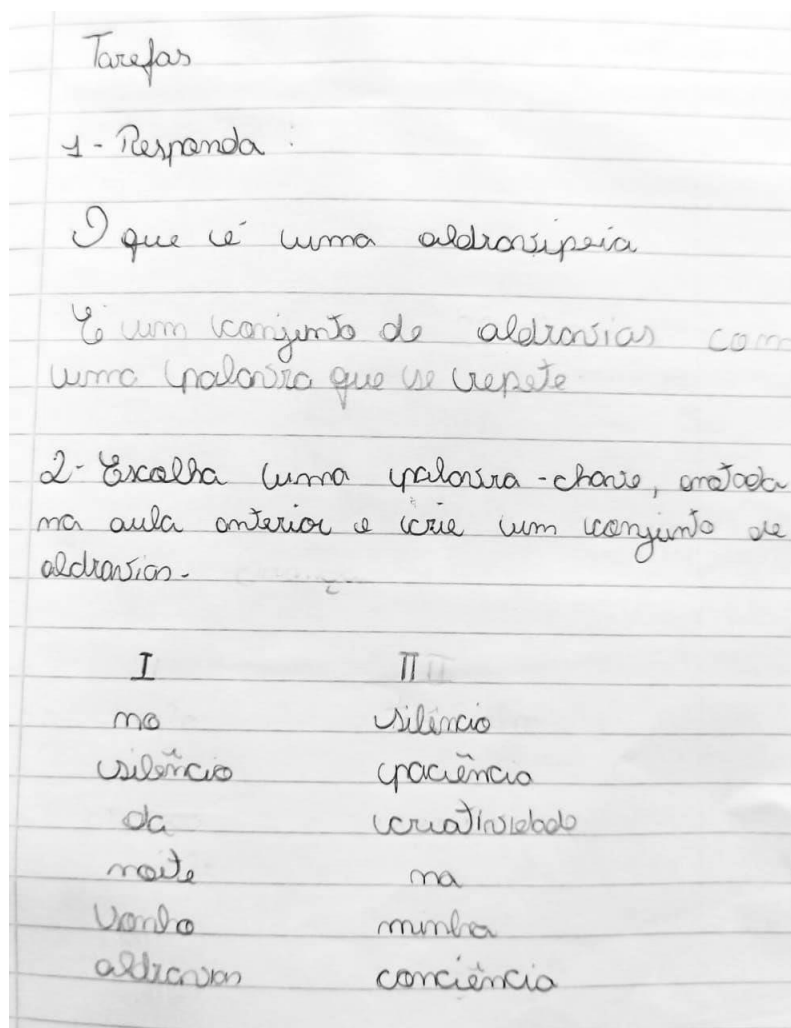
Passo 2 – A palavra-chave - A partir das observações feitas, os alunos refletiram sobre o uso das palavras que se repetiam, que chamamos de palavra-chave ou palavra-mote para a construção da aldravieira.

- 1- O que essas palavras, escolhidas pelos poetas refletem? (Uma história, um sentimento, um pensamento, um tema?).

Essas reflexões, feitas oralmente, facilitaram a construção em conjunto com os alunos do conceito de aldravieira. Construído o conceito, foi pedido aos alunos em grupo, a partir da palavra-chave dada a eles e das palavras por eles levantadas que escrevessem um conjunto de aldravias, não se esquecendo de que uma das regras para a escrita de uma aldravieira é a repetição da palavra-mote, levando em consideração a temática a ser construída. Não foi pedido, nesse momento, as 20 aldravias para se formar uma aldravieira, mas um exercício para que ampliassem sua capacidade de trabalhar com uma palavra que se repetiria em mais de uma aldravia e, mais tarde, fossem capazes de redigir uma aldravieira sem grandes dificuldades. Esse exercício visou também

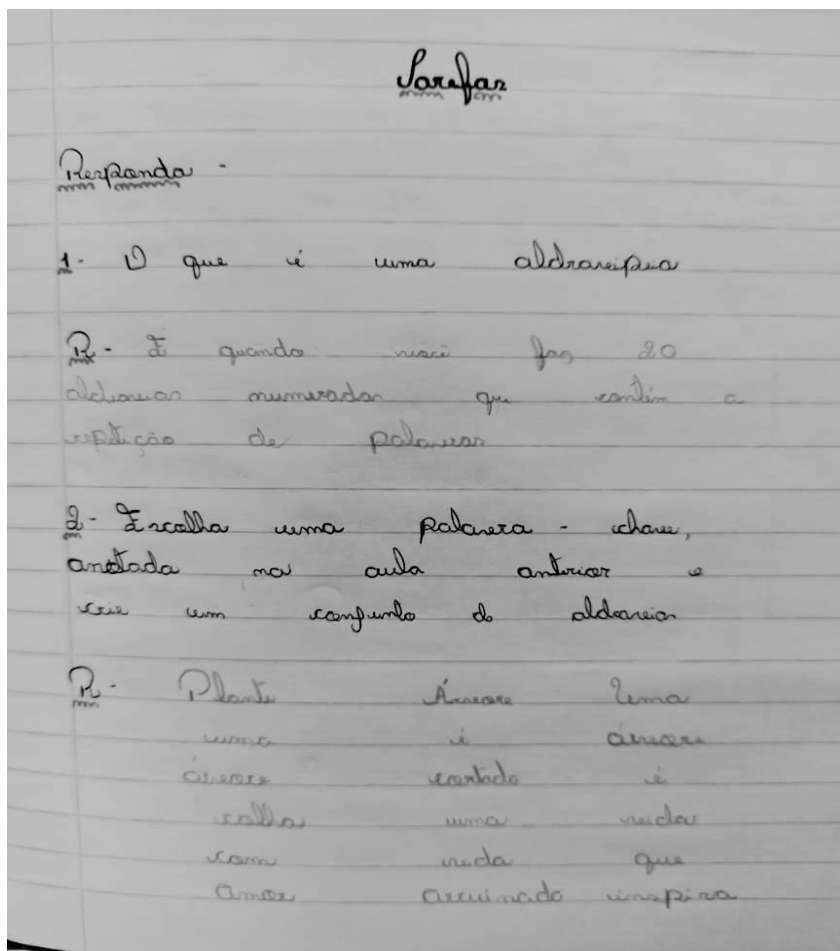
ao exercício da polifonia, da exploração do campo semântico a que cada palavra envolvida no conjunto de aldravias pertence.

Figura 34 VERIFICAÇÃO DE CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS



(Aluna J. M. N.)

Figura 35 VERIFICAÇÃO DE CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS



(Aluno J. V. de O. C.)

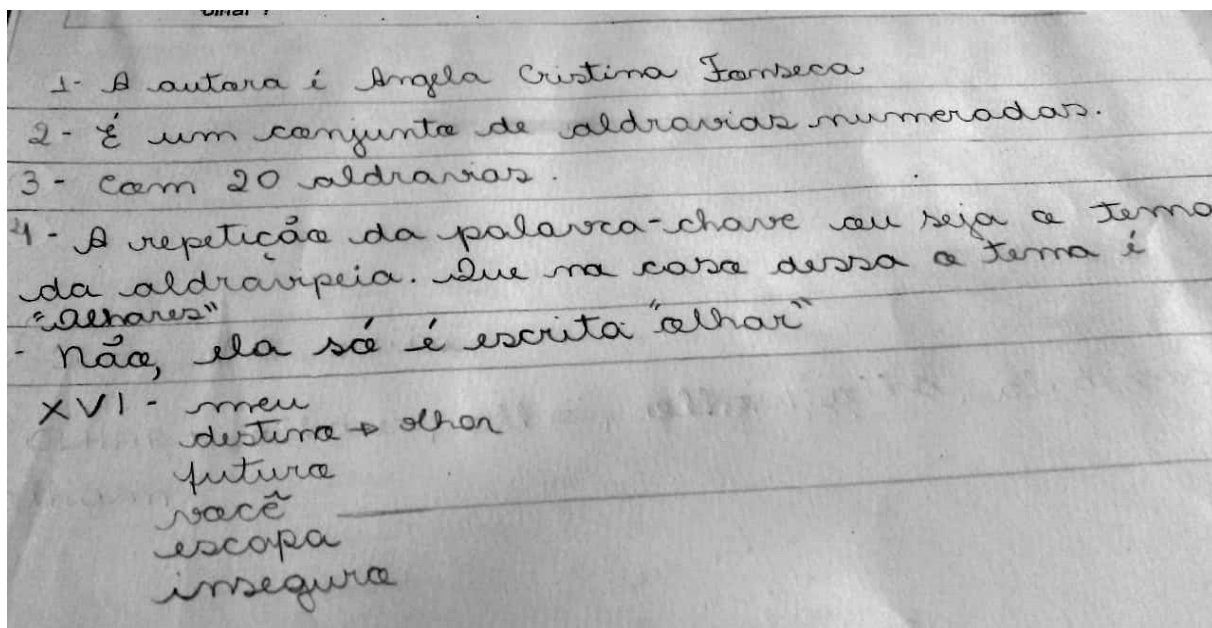
Aula 3 – 3 tempos de 50 min. PRIMEIRA LEITURA – A leitura e compreensão dirigida foi uma atividade para que os alunos percebessem o trabalho com as palavras e seus desdobramentos na criação de uma aldravipeia. Levou aos alunos, também, a possibilidade de refletirem sobre o trabalho do poeta. Revelar as estratégias do autor não diminui a importância do texto e de sua leitura, após o conhecimento apreendido esperou-se que os alunos sentissem o desejo de serem criadores de belas imagens como nos poemas lidos. Essa foi, sem dúvida, a intenção do exercício.

Passo 1 – A modelagem - A professora entregou em xerox para cada aluno a aldravipeia da autora aldravianista Ângela Cristina Fonseca, *Olhares*, publicada no livro *Aldravipaeas – temas e poemas* (2015) (anexo 14). Os alunos fizeram uma leitura silenciosa e individual do poema. Antes da leitura oral, a professora dirigiu perguntas estruturais, como as abaixo, sobre o texto

os alunos responderam em uma folha, em forma de avaliação para que se cumprissem as atividades avaliativas do 4º bimestre.

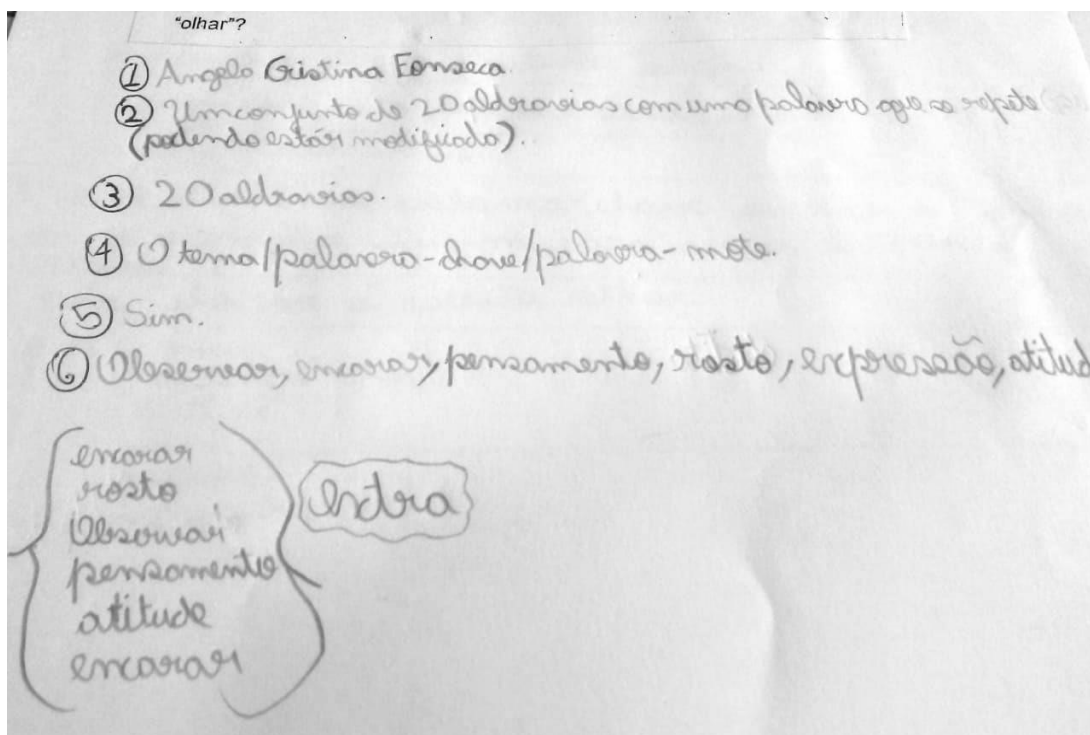
- 1- Quem é a autora desse conjunto de poemas?
- 2- O que é uma aldravipeia?
- 3- Com quantas aldravias se faz uma aldravipeia?
- 4- Que elemento marca a ligação entre as aldravias?
- 5- A palavra-mote das aldravias se modifica ao longo do poema?
- 6- Que palavras outras poderiam compor as aldravias no lugar da palavra "olhar"?

Figura 36 AVALIAÇÃO – INTERPRETAÇÃO TEXTUAL



(Aluna L. L. de C.)

Figura 37 AVALIAÇÃO INTERPRETAÇÃO TEXTUAL



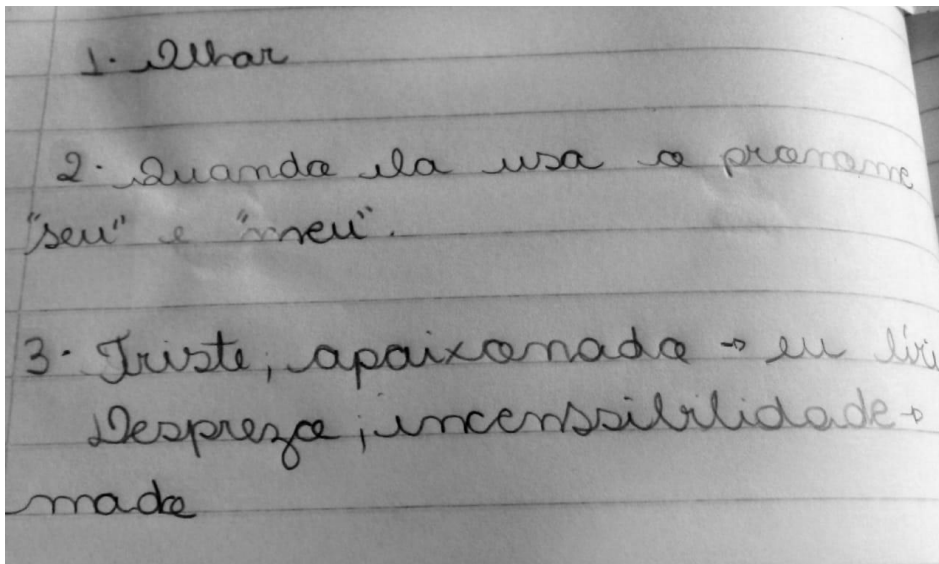
(Aluna U. G. M)

Passo 2 – Leitura em voz alta - Em seguida a professora pediu para que os alunos, de forma organizada, lessem cada uma das aldravias, tentando perceber sua(s) entonação(ões). Após a leitura de cada aldravia, a professora fez perguntas que foram respondidas por todos oralmente, passando do nível mais superficial do texto para um nível mais aprofundado. Depois da atividade oral os questionamentos propostos foram colados e respondidos no diário de leitura:

- 1- Qual a palavra-mote utilizada por Ângela Cristina Fonseca?
- 2- Ela divide sua aldravieira em dois momentos. Quais são eles? Que palavra marca essa divisão?
- 3- Que sentimentos podemos perceber quando o “olhar” refere-se ao eu lírico? E quando se refere ao olhar de seu amado ou amada?
- 4- Por que “nem/ligo” está entre aspas? O que nos revela os versos da aldravia I: *seu/olhar/ “nem/ligo”/meu/castigo*?
- 5- É possível perceber um jogo amoroso entre os amantes. Que jogo seria esse? Como ele é construído?

- 6- Vamos ler novamente a aldravia XX:
 “impacto/amoroso/olhar/trocado/não/dói. Essa aldravia dialoga com um ditado popular. Qual é esse ditado? Que efeito de sentido essa intertextualidade provoca?

Figura 38 INTERPRETAÇÃO



(Aluna L. L. de C.)

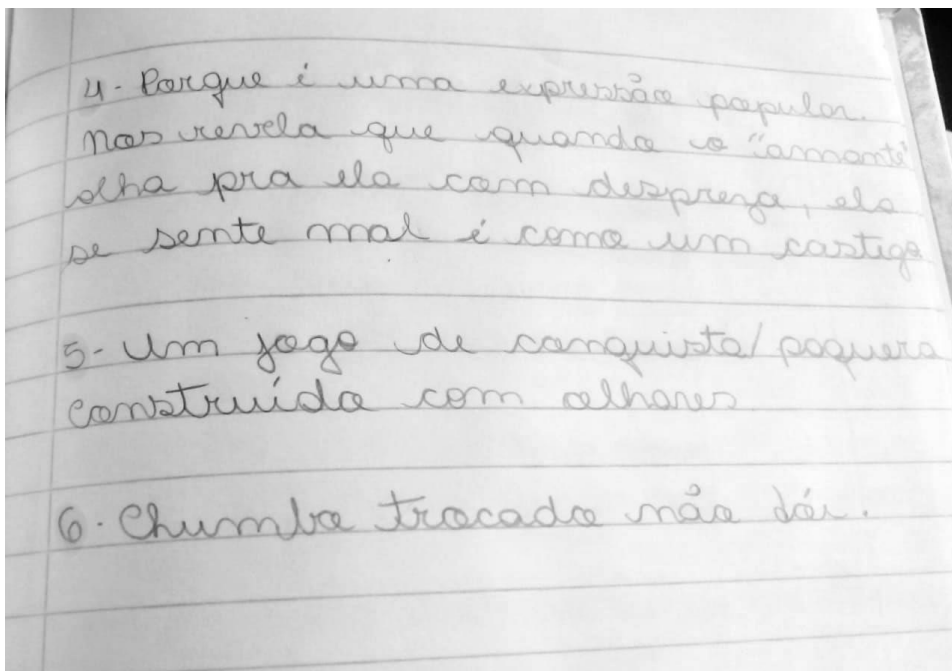


Figura 39 INTERPRETAÇÃO

(Aluna L. L. de C.)

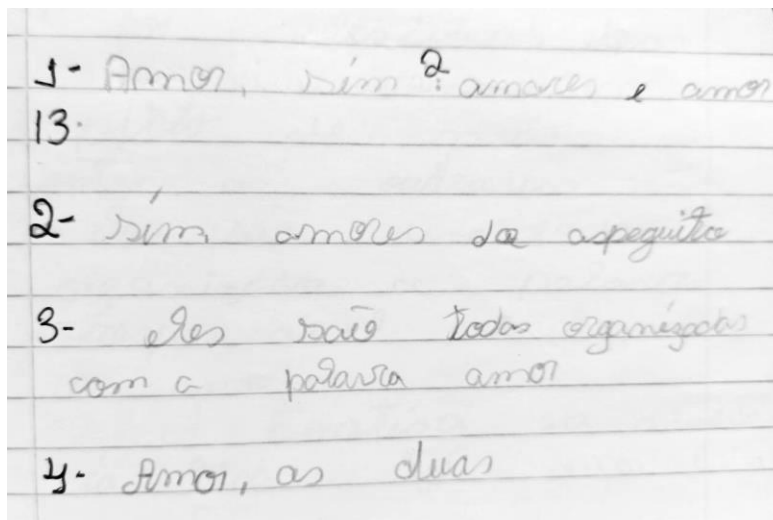
Aula 4 – 3 tempos de 50 min. INTERPRETAÇÃO ESCRITA E COMPARTILHADA – Nesta aula, os alunos novamente se dividiram em grupos. A professora distribuiu uma aldravipeia para cada grupo, retirada de *O livro I das aldravipeias*, e uma folha com questões que foram respondidas e depois compartilhadas em sala de aula num bate papo para finalizar o estudo sobre as aldravipeias e poderem passar para a atividade de escrita que encerra o presenteprojecto.

Passo 1- Lendo aldravipeias - Os grupos de alunos receberam uma aldravipeia (anexo 15, conjunto de aldravipeias), discutiram entre si e registraram no diário de leitura suas conclusões a partir das questões dadas. Foi pedido aos alunos que tentassem escrever um texto contínuo e não em tópicos para ser compartilhado oralmente com os colegas. A dinâmica não se constituiu em ler a pergunta e depois a resposta, se fez através de um único texto, como em uma análise literária. Faz-se importante observar que esse exercício proporcionou aos alunos experimentar a escrita de um texto em que suas respostas se unissem coerentemente.

Leia a aldravipeia e responda ao que se pede:

- 1- Qual palavra-mote foi usada pelo poeta? Ela se repete em todas as aldravias, ou é substituída por seus sinônimos ou por palavras que fazem parte do mesmo campo semântico que ela?
- 2- Se houve substituições, qual ou quais os efeitos de sentido elas podem atribuir ao texto?
- 3- É possível perceber uma ligação entre as aldravias, criando um todo organizado ou elas são independentes? Que palavra ou palavras são responsáveis por essa ligação?
- 4- Qual a temática da aldravipeia lida? Essa temática é percebida pela palavra-chave ou pelo conjunto dos versos?
- 5- Que imagens são criadas pelas palavras-versos nas estrofes da aldravipeia? Escolha 3 estrofes. A que você atribui a construção dessas imagens?

Figura 40 INTERPRETAÇÃO



(Aluna U. G. M)

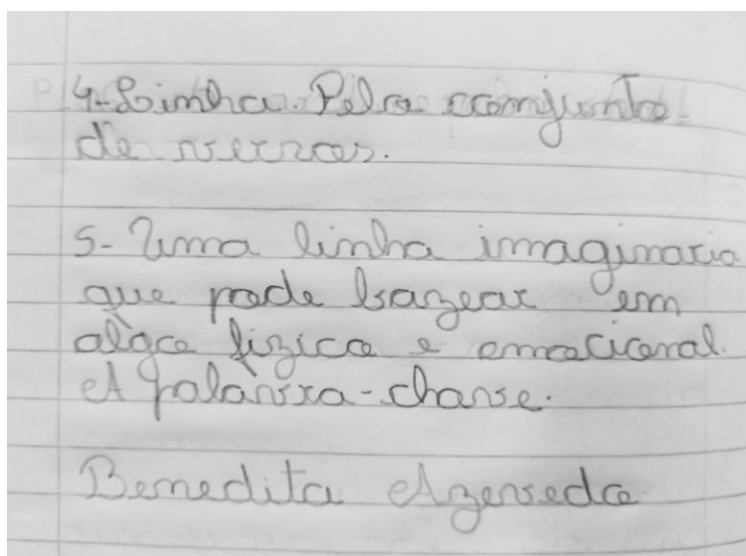
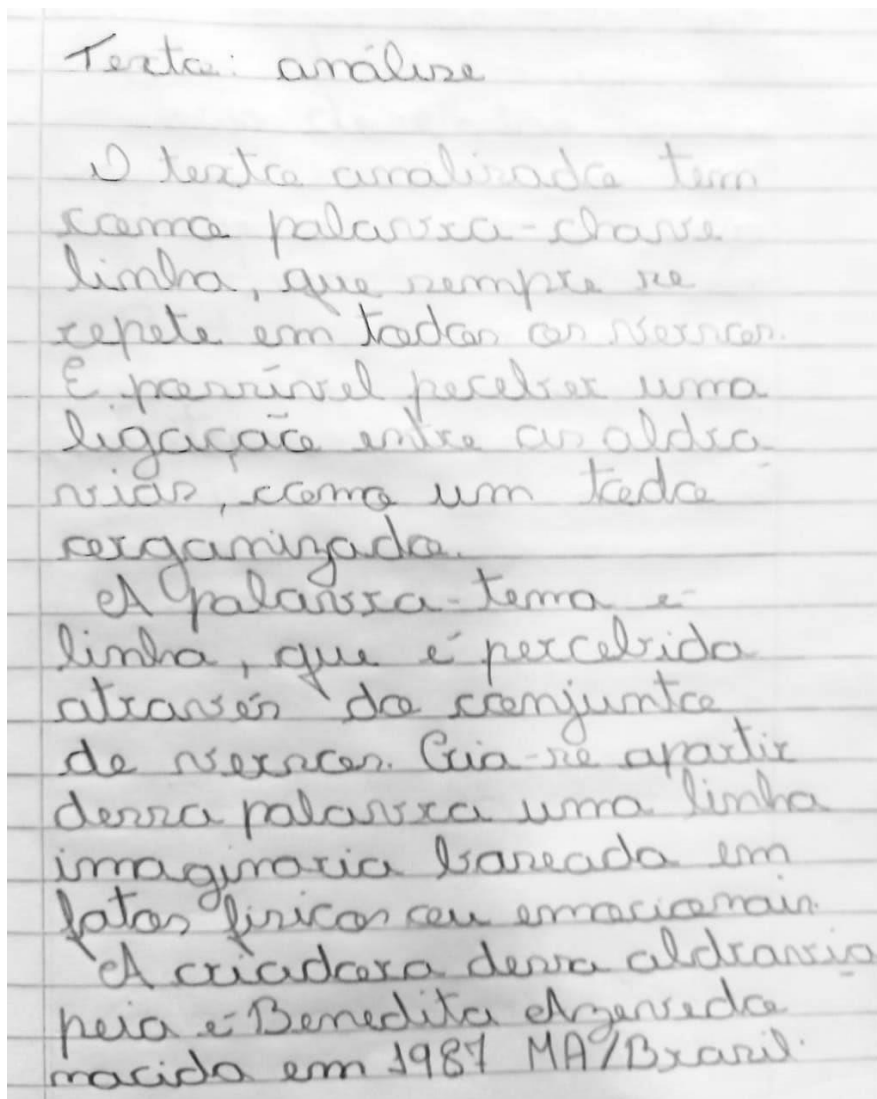


Figura 41 INTERPRETAÇÃO

(Aluna L. S. dos S.)

Passo 2- Hora da correção - Após respondidas as questões e registradas em forma de análise no caderno foi o momento de compartilhar com os colegas. Cada grupo fez a leitura oral de sua aldravipeia e a comentou, levando em consideração a análiseconstruída.

Figura 42 INTERPRETAÇÃO



(Aluna L. S. dos S.)

Com esta atividade, percebemos que os alunos já ampliaram seu vocabulário, utilizando palavras do universo literário e, com a pequena análise feita, puderam experimentar uma forma diferente de comentário, para além da oralização.

Terceiro Momento

Aula 1 – 1 tempo de 50 min. – PROJETO DE AUTORIA (ESCRITA) –

Esse é o momento em que a professora pôde avaliar se os conhecimentos adquiridos a partir do conto investigativo e a partir das aldraviceias foram alcançados.

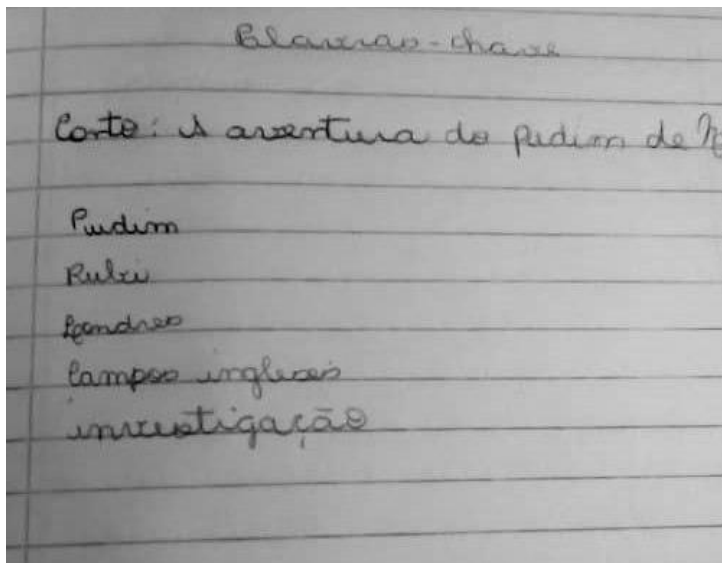
Passo 1- Sobre os textos lidos e correção das tarefas - Juntos, professora e alunos fizeram considerações oralmente sobre o gênero conto investigativo, lembrando o conto de Ágatha Christie. Questionamentos propostos:

- 1- Quem se recorda do nome de um personagem que não seja o M. Hercule Poirot? Diga qual nome.
- 2- O suspense existente no texto de Ágatha Christie acontece em um só momento ou em vários momentos da história? Conte um dos momentos para a turma.
- 3- Descreva brevemente a cidade de Londres e os camponeses.
- 4- Retire do texto *A Aventura do Pudim de Natal* palavras que poderiam nos remeter facilmente ao conto. Ou, palavras que você considere chave para a leitura do conto e registre no diário.
- 5- Leia a aldravia que corresponde ao final criado por você do conto de Ágatha Christie. Ela corresponde à leitura feita do texto? Deverá ser corrigida e reescrita? Justifique sua observação.

Passo 2- Preparando a produção textual - Depois dessa primeira parte da aula o desafio foi, a partir de tudo o que foi dito sobre o conto investigativo, as leituras e interpretações feitas, os conhecimentos ampliados através das aldravieiras, retextualizar o conto através da poesia. Segundo Marcuschi (2001, p.48) “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”. Ou seja, a leitura do conto de Ágatha Christie foi retomado para ser recriado através das palavras-chave escolhidas pelos alunos e, assim, construindo aldravieiras. Foi muito interessante perceber que eles levaram em consideração os momentos de clímax do conto lido e os diferentes finais que foram redigidos, além dos personagens e suas peculiaridades, medos e receios, defeitos e qualidades. As questões levantadas no conto, as situações desenvolvidas, os ambientes criados pela autora, o tempo também construído por ela. A professora lembrou aos alunos que a aldravieira não é um poema narrativo, mas um poema que, em sequência lógica, trabalha uma temática ou

um sentimento, ou ainda um objeto, um herói. Por isso, foi preciso escolher bem a palavra norteadora da aldravipeia em construção.

Figura 43

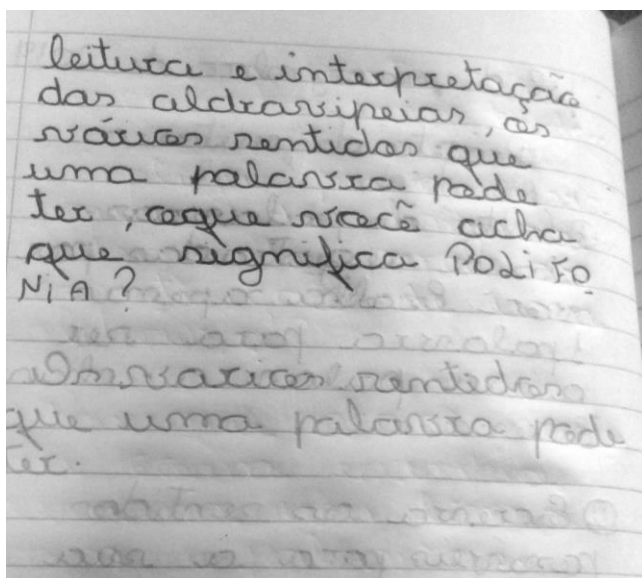


(Aluno M. A. de P. S.)

Aula 2 – 5 tempos de 50 min. - O Projeto de Autoria – escrevendo aldravipeias.

Passo 1 – Antes de começarem a escrita dos textos poéticos, a professora verificou com os alunos os conhecimentos que adquiriram até aquele momento através de atividades escritas, registradas nos diários de leitura

Figura 44 VERIFICAÇÃO DE CONHECIMENTOS



(Aluna E. A.)

Passo 2 - Escrevendo o texto - Após esse bate papo e orientações, foi pedido que os alunos começassem a escrita de suas aldravipeias. A professora, nesse momento, ficou à disposição de cada aluno para tirar dúvidas, discutir as escolhas, mas não interferir nelas, apenas orientar o que fosse possível, deixando que a criatividade dos alunos e seu protagonismo ficasse evidente. Os alunos não terminaram a atividade nesta aula, usaram outras aulas paraterminarem.

Aula 3 – tempos de 50 min. – CORRIGINDO E REESCREVENDO - A professora recolheu as aldravipeias, fez a leitura e a conferência de cada uma na presença de seus autores e pediu a reescrita.

Após as reescritas, os alunos compartilharam suas aldravias com seus colegas através da leitura oral.

As figuras abaixo correspondem a uma aldravipeia criada em sala de aula pela aluna L. S. dos S.:

Figura 45 ALDRAVIPEIA

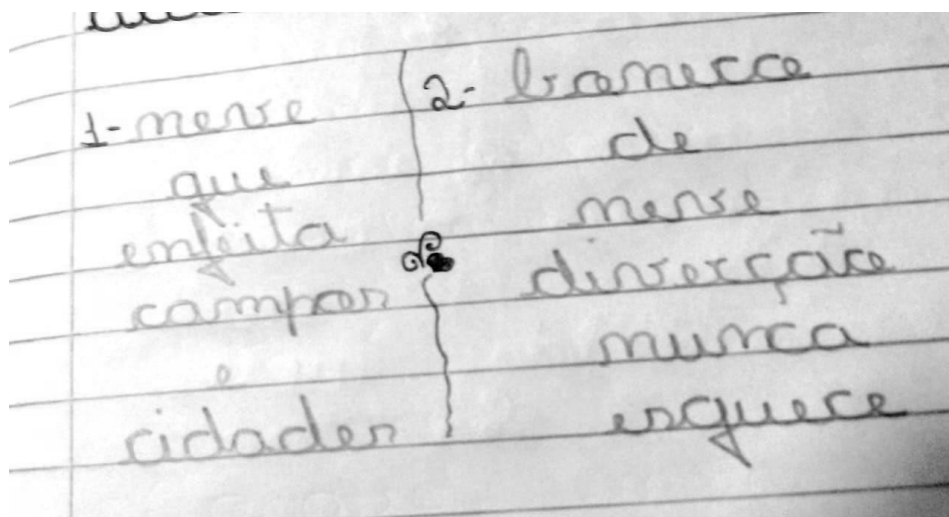
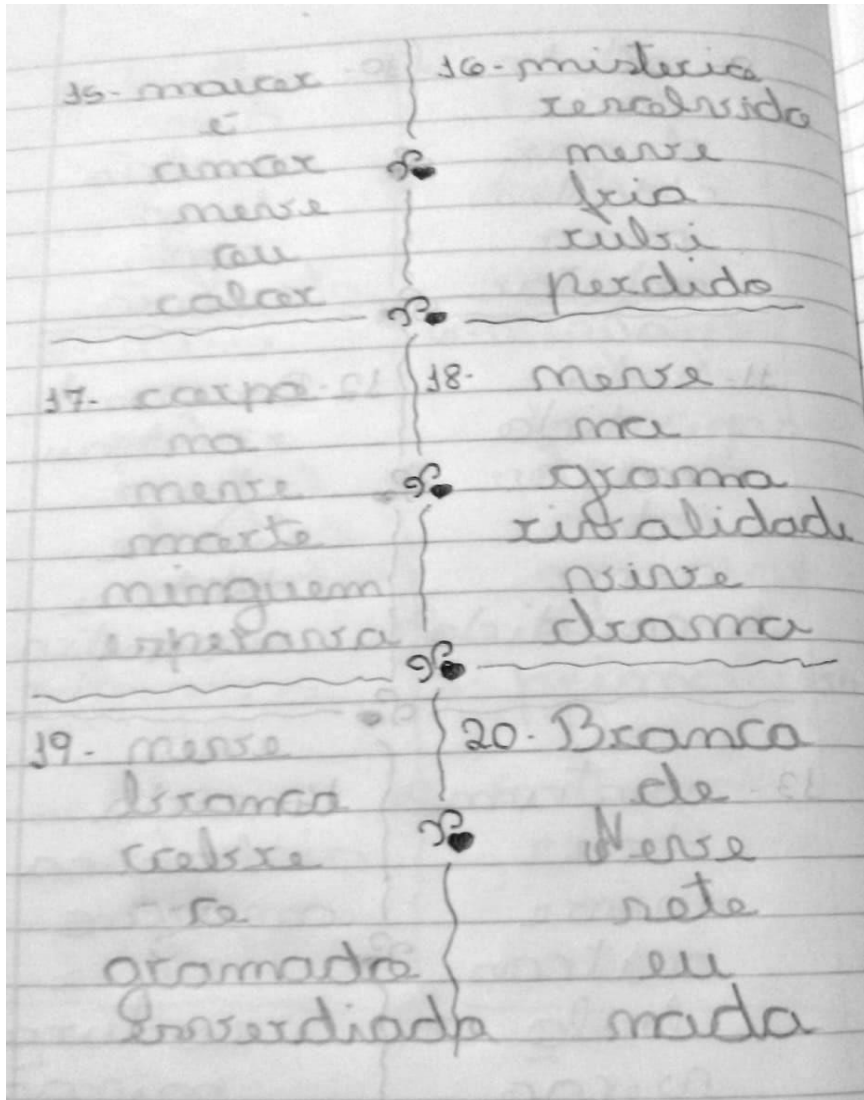


Figura 46 ALDRAVIPEIA

9- matai na chegar cidades messe enfitear	30- messe de montão lago após verão
11- rubsio perdido compre fulderr messe vencondido	12- Dermond roubau fio messe detetisse encontrau
13- gestam de messe cutras abelo verão	14- ceda branca como messe costura paixão

Figura 47 ALDRAVIPEIA



8 – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

MOMENTO 1	DIA	AULA	ATIVIDADE	TEMPO
MAIO	29/05/19		Questionário: Sobre leitura e leitores	2 tempos de 50 min.
SETEMBRO	17/09/19	AULA 1	Motivação – dando início à atividade por meio da oralidade. Projeção de imagens e da capa do livro. Registro nos diários de leitura	2 tempos de 50 min.
	23/09 24/09	AULA 2	Introdução – dinâmica pistas sobre a autora. Organização e resumo de texto: gênero Biografia.	4 tempos de 50 min.
	30/09/19	AULA 3	Leitura Dirigida – capítulo 1 do conto As Aventuras do Pudim de Natal, de Ágatha Christie. Inferências, previsões e hipóteses. Personagens, características.	2 tempos de 50 min.
OUTUBRO	01/10/19 02/10/19	AULA 4	Capítulo 2 – Intervalo 1 – lendo imagens. Relações imagens/conto. Inglaterra, campos ingleses, Brasil. Curiosidades.	3 tempos de 50min.
	07/10/19	AULA 5	Capítulo 3 – Intervalo 2 – trabalhando o vocabulário. Leitura do capítulo 3 do conto.	2 tempos de 50 min.
	08/10/19	AULA 6	Intervalo 3 – Sobre o mistério do bilhete. Encontrando o bilhete, remontando o bilhete. Criação de hipóteses.	2 tempos de 50 min.
	09/10/19	AULA 7		1 tempo de 50 min.
	14/10/19 15/10/19 16/10/19		SEMANA DO PROFESSOR	

	21/10/19	AULA 8		1 tempo de 50 min.
	22/10/19	AULA 9		2 tempos de 50 min.
	23/10/19		DESFILE CÍVICO – DIA DA ASA	
	28/10/19	AULA 10		2 tempos de 50 min.

9 CONCLUSÃO

A escola deveria ser o espaço ideal para que as potencialidades tanto dos alunos quanto dos professores fossem desenvolvidas. Como aluno, o crescimento e o amadurecimento em relação à Língua Materna seriam construídos dia a dia, através de atividades de reflexão sobre a função social que ela possui, através de situações que pudessem realmente simular a vida real ou, dito de outro modo, pudessem ser reais em relação à vida. Como professor, a liberdade para criar, para desenvolver suas observações e, principalmente, para intervir de maneira efetiva no ensino da Língua Materna não seria uma ação isolada e, sim, diária, em conjunto com outros profissionais.

Este é, infelizmente, o cenário que não temos ainda como corriqueiro em nossas escolas, mas o queremos por acreditarmos que o professor pode e deve ser mediador entre os saberes já construídos pelos alunos fora da escola e os saberes que esta é capaz de oferecer a eles. Também queremos que o professor, mais do que um indivíduo que transmite certos conhecimentos, seja pesquisador de sua prática, de seu ambiente escolar para, assim, promover uma real mudança na aprendizagem de seus alunos e significar sua prática para além de aulas conteudistas.

Esse desejo, hoje, se torna possível. Participar ativamente da construção do trabalho *Do conto à aldravipeia – uma proposta de ampliação do repertório literário através da produção de textos poéticos* me permitiu um crescimento profissional que há tanto buscava. Foi possível desafiar meus limites e encontrar as estratégias de que necessitava para transformar não só minha prática diante do ensino de Língua Portuguesa, mas para ressignificar o espaço escolar como o lugar em que os saberes e os conhecimentos são realmente compartilhados.

A partir das experiências vivenciadas durante o curso de Mestrado em Letras, do Programa ProfLetras, voltei a acreditar que um ensino de Língua precisa estar alicerçado na leitura e na escrita, e não pode ser apenas um

ensino de regras e normas que, muitas vezes, complicam ao invés de facilitar a vida do estudante. Foi possível, durante a aplicação do projeto de intervenção aqui registrado, considerar, realmente, a escola como extensão da vida social de meus alunos para poder valorizar sem preconceitos as variedades linguísticas e os conhecimentos compartilhados pelas comunidades das quais fazem parte, para depois inserir novas aprendizagens que pudessem fazer sentido e que pudessem ser efetivamente apreendidas. Assim, a tessitura de novas histórias não foi apenas um desejo, mas constituiu-se em uma realidade. Através da leitura e da escrita foi possível traçar um novo caminho para o ensino de Língua Portuguesa em minhas aulas, sem as angústias muitas vezes vivenciadas pelos alunos, por considerarem os conteúdos como mera memorização.

Muito ouvimos sobre a falta de leitura por parte dos alunos brasileiros, muitas pesquisas atestam sobre a necessidade de que a leitura seja uma atividade para o jovem em idade escolar. Outras pesquisas falam da falta de tempo e dos eletrônicos que trazem em tempo real e mais acessível as notícias e as informações que se deseja, o que acaba resvalando na escola de forma negativa. Esta é vista como um espaço retrógrado de leitura ou um espaço em que, para não se perder o jovem leitor, utiliza-se de uma Literatura que não demanda uma postura mais exigente e que se enquadra numa prática confortável sem provocar o leitor a questionar as bases linguísticas do texto ou mesmo os vários sentidos que ele pode ter, porque assim os alunos se interessam. Os livros didáticos também se perdem nesse emaranhado de leituras que muitas vezes vêm fragmentadas e não dão conta de uma leitura significativa para o aluno.

Porém, em meio aos obstáculos encontrados pela realidade desanimadora que nos é apresentada em nosso dia a dia e pelo olhar de muitos, nem tanto otimista, sobre a escola e o ensino, várias foram as descobertas durante o caminho que eu e meus alunos nos propusemos a percorrer. Descobrimos, juntos, que é possível gostar de leitura, que é possível gostar de escrever, que é possível gostar de poesia, pois aprendemos juntos a enxergar nas palavras suas várias dimensões e possibilidades, e nos encantamos ao deixar gerar delas nossas emoções, nossos sentimentos e, principalmente, nossa capacidade de organizá-las em versos. Laços foram

estreitados a partir de uma rotina guiada e seguida com amor e comprometimento. A autonomia de que tanto falamos foi possível, levando os alunos a serem responsáveis também pelos conhecimentos adquiridos. O protagonismo tomou a cena em nossas aulas, promovendo um diálogo mais sincero e verdadeiro entre nós, provando que o aluno e o professor são atores essenciais na construção de uma realidade que produz saberes e que não se intimida diante dos desafios postos.

O conformismo leva ao “estreitamento do espaço da literatura na escola e, conseqüentemente, nas práticas leitoras das crianças e dos jovens” (COSSON, 2014, p. 15), por isso foi essencial para mim “retomar as rédeas” de minha prática e mostrar a todos que é possível que a Literatura assuma um protagonismo na vida de crianças e jovens. Bastou apenas que a escola estivesse aberta para uma concepção de leitura e de escrita produtora de sentido, constitutiva de um diálogo com o presente, o passado e com o futuro e que eu, como professora, me abrisse para esse aspecto também. Assim feito, os alunos começaram a perceber a diferença que tanto queríamos promover e se envolveram por se sentirem parte desse processo.

O projeto gerou um impacto positivo na aprendizagem dos alunos e a escola está novamente receptiva para mais experiências. A biblioteca tornou-se um espaço visitado pelos alunos não só para a leitura, mas como um lugar em que se sentem acolhidos e pertencentes. E eu pude, através das aldravias, gênero que me acolheu como poeta, transmitir o meu amor pela poesia, mostrando a todos os meus alunos, participantes desse projeto, que eles também podem ser poetas.

E, hoje, muito mais consciente de meu papel como professora, aproprio-me de meus conhecimentos com autonomia e protagonismo, lições muito bem ensinadas pelos professores do Mestrado em Letras, ProfLetras. Longe de pensar que não encontrarei obstáculos pela frente, estou pronta para enfrentar outros desafios em prol de uma educação consistente e significativa.

10 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino – outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. “Ensino e Língua Portuguesa e contextos teórico-metodológicos”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **O professor pesquisador - introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa, terceiro e quarto ciclos**. Brasília: 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos – O direito à Literatura**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHRISTIE, Ágatha. **A aventura do pudim de Natal**. Trad. Vânia A. Salek. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Editora Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN *apud* COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, Angela Cristina. **Aldravipaeas – Temas e Poemas**. Belo Horizonte: Ophicina de arte & prosa, 2015.

ISER, Wolfgang. **O repertório do texto**. In: O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Trad.: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

J.R, Celso Ferrarezi e CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica - o que saber, como fazer**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Leitura, texto e sentido; Leitura, sistemas de conhecimento e processamento textual. In: (Orgs.) **Ler e compreender e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEAL, Andreia Donadon. **Aldravismo: Movimento Mineiro do Século XXI**. 1ª edição. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2014.

LEAL, Andreia Donadon; BICALHO, Gabriel; FERREIRA, J. S.; LEAL, J. B. Donadon- organizadores. **O Livro I das Aldravepeias**. 1ª ed., 288 páginas, Mariana: Aldrava Letras e Artes.

LEAL, J. B. Donadon-. **Reinvenção da Arte pelo Jornalismo Cultural – Ensaios**. 1ª ed. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2018.

LEAL, J. B. Donadon- (org.). **Aldravismo – a literatura do sujeito: Cânone, antologia poética & ensaios e crônicas de cultura popular**. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRANDA, Neuza Salim. **Reflexão metalinguística do ensino fundamental: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006.

NÓVOA, Antonio. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. SINPRO/SP, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>. Acesso em: 25 out. 2016.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, Magda. “A escolarização da literatura infantil e juvenil” in: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

11 ANEXO

Anexo A



Anexo B



Anexo C



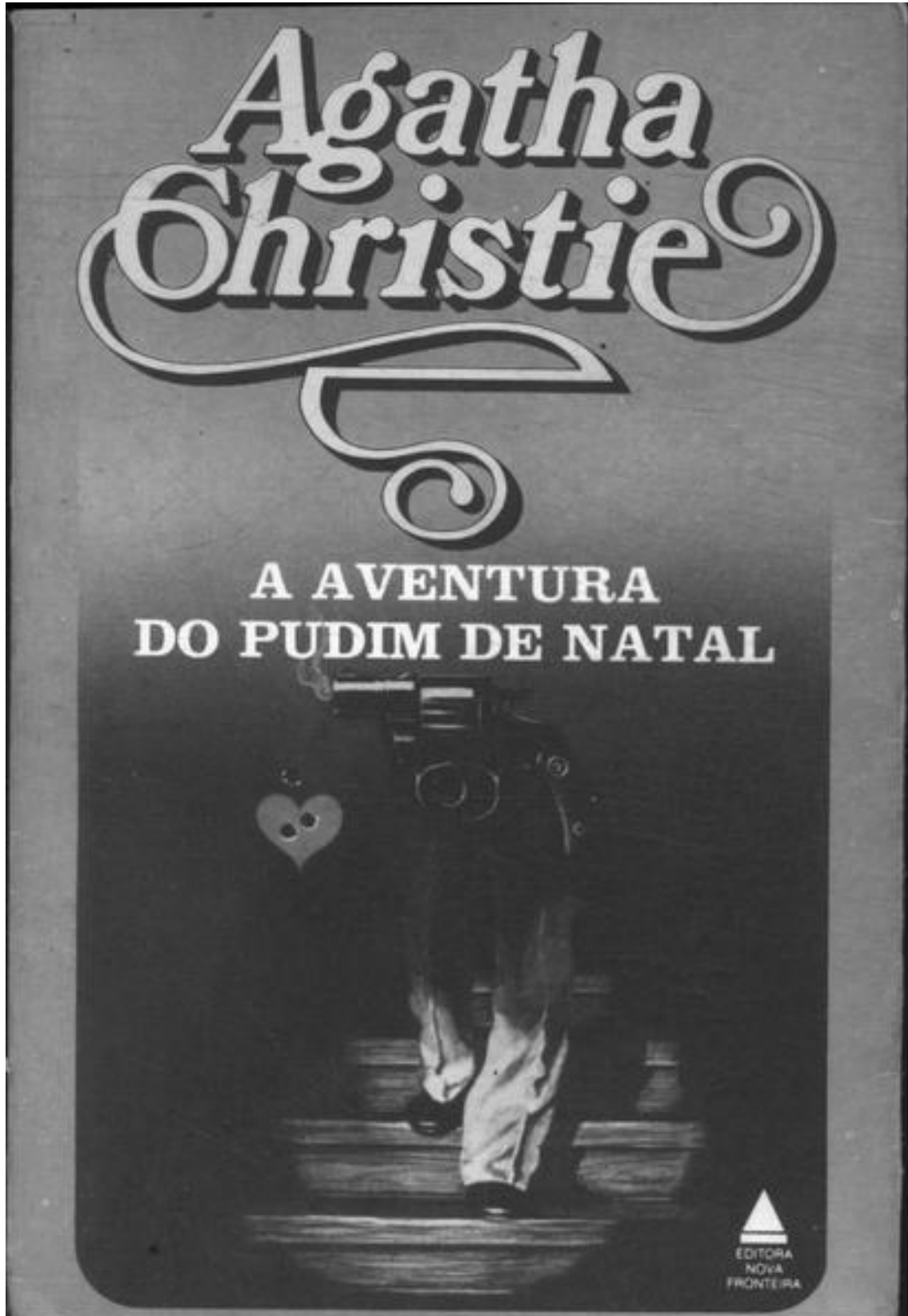
Anexo D



Anexo E



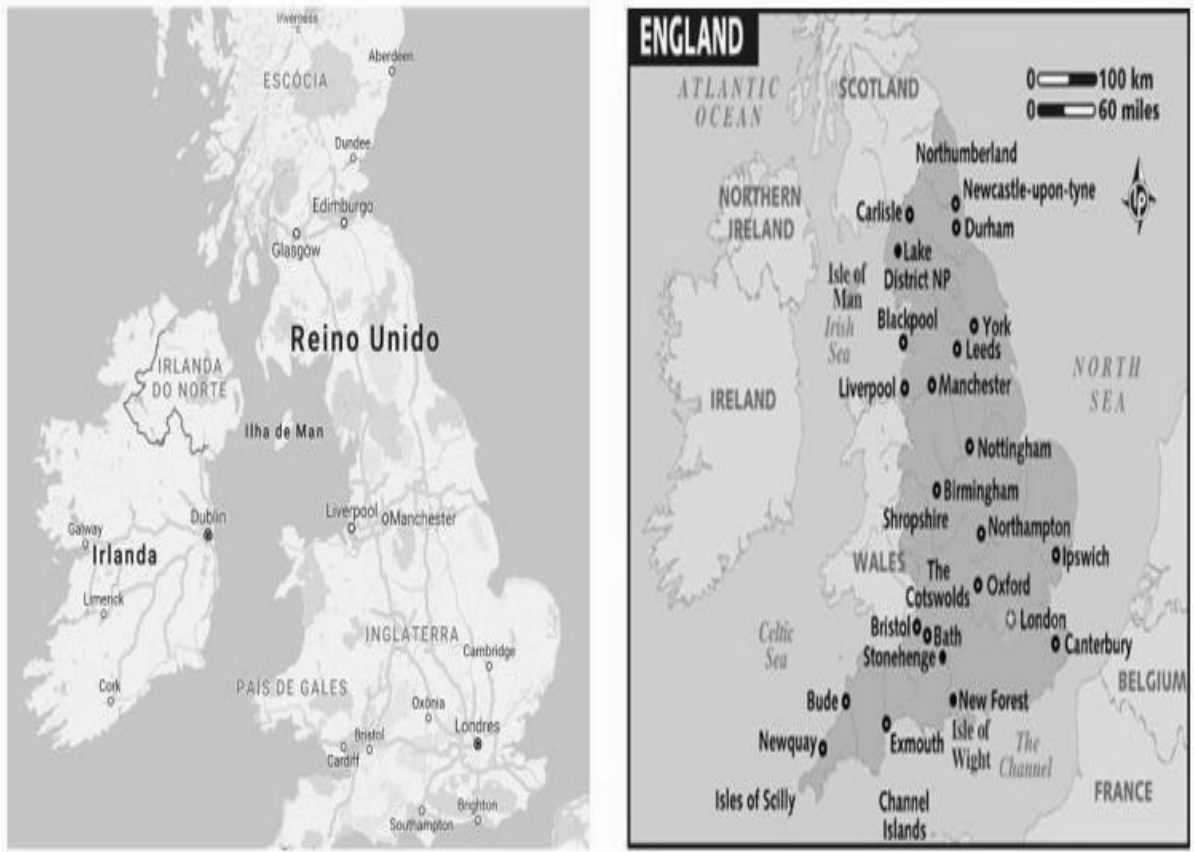
Anexo F



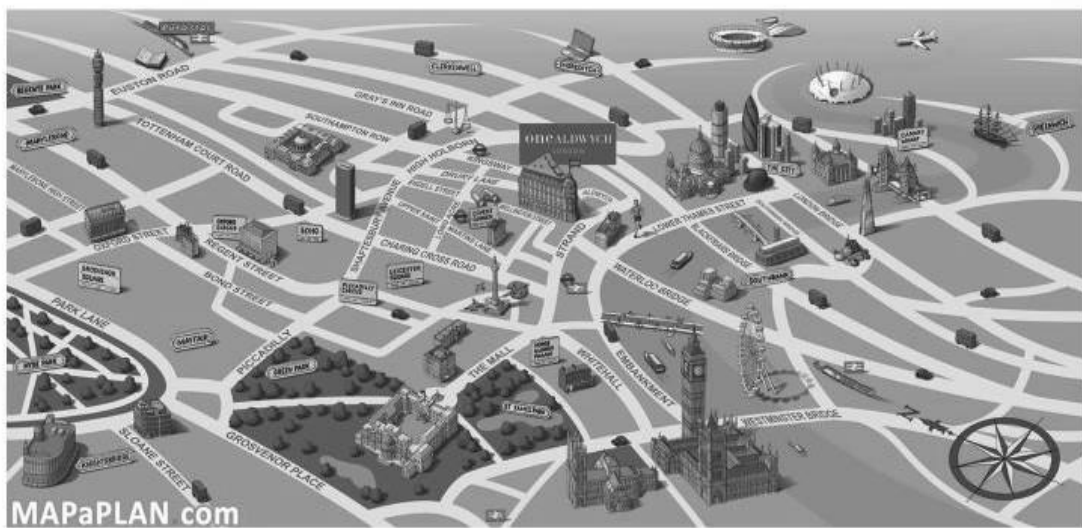
Anexo G



Anexo H



Anexo I



Anexo J

Como é o Natal na Inglaterra? Listamos 6 tradições inglesas

Dezembro é aquele mês que a gente sempre aguarda com certa ansiedade. Além de ser uma época de **renovação**, ainda tem as festas de final de ano que sempre aproximam as pessoas e ajudam a trazer **boas energias** para o próximo ano. Impossível não gostar desse **clima festivo** que, mesmo com tradições distintas, é comum em diversos lugares do mundo. O Natal no Brasil tem suas peculiaridades, assim como na Inglaterra. Aliás, muitas das tradições que seguimos por aqui, são de origem inglesa. É natural que existam muitas semelhanças entre as celebrações, mas hoje nós vamos falar sobre algumas **tradições natalinas do nosso país favorito**: a Inglaterra, claro!

1. Diferente do Brasil, os ingleses não festejam o Natal na virada do dia 24 para o dia 25. As atividades típicas do dia 24 podem ser bem variadas como ir à **missa da meia noite** ou sair pelas ruas cantando músicas natalinas. Para as crianças, a noite do dia 24 é muito importante, já que é o momento em que elas penduram suas meias de Natal nas lareiras para que o Papai Noel busque durante a madrugada. Também é comum que as crianças deixem algumas guloseimas para o Papai Noel e a renas. Mas é no dia 25 que acontece a **ceia de Natal na Inglaterra**, geralmente mais para o fim do dia. Essa é a hora em que as **famílias se reúnem para celebrar a data** e jantar na companhia de pessoas queridas.



2. Se você acha que a **ceia natalina** é igual em todos os cantos do mundo, se engana. Na Inglaterra, por exemplo, em comum com a nossa ceia, tem o famoso peru de natal (turkey) como prato principal, mas como acompanhamento, é comum servir batatas assadas ou em forma de purê, gravy (um molho feito a partir da redução de caldo de carne), pigs in blankets (uma linguiça assada coberta com bacon) e legumes cozidos.



3. Para a sobremesa, nada de rabanada como estamos acostumados aqui no Brasil. Na Inglaterra, o protagonista é o **Christmas Pudding**, uma espécie de **bolinho recheado** com frutas secas e molho de conhaque. Ele sempre está presente na mesa de todas as famílias nessa época do ano.



4. Não dá para falar do Natal britânico sem falar dos **Christmas Crackers**, eles estão nas mesas das festas natalinas, seja na celebração com a família ou então no trabalho. O cracker é uma espécie de bombom gigante com um presentinho e uma coroa de papel dentro. Eles ficam na mesa junto à ceia e existe uma tradição em que as pessoas cruzam os braços, como se fossem abraçar a si mesmas, segurando em uma ponta do cracker enquanto a pessoa que está ao seu lado segura a outra ponta, formando uma corrente. Todos devem **puxar as pontas juntos** para ver de que lado fica o presentinho. No geral, a lembrança são miudezas como um chaveiro, mas o mais importante é não esquecer de colocar a coroa de papel na cabeça, pois ela é um **símbolo muito importante do natal inglês**.



5. É de praxe que no dia 25, os ingleses assistam atentos ao **discurso de Natal da Rainha**, uma tradição britânica que acontece desde a sua coroação.



6. No dia seguinte do Natal, tem o **Boxing Day**, um dos feriados mais importantes da Inglaterra. Estima-se que esse feriado surgiu há muitos anos quando os chefes davam uma caixa com uma bonificação a cada funcionário no dia de Natal, em forma de agradecimento pelo trabalho de um ano todo. Era comum que no dia após o Natal, as pessoas saíssem às ruas para **fazer compras** com esse dinheiro extra. Assim originou-se o Boxing Day, o dia em que todo o comércio britânico entra em liquidação e você consegue fazer **ótimas compras** por preços menores do que os praticados diariamente pelo mercado.



Anexo K

Os campos ingleses

Uma casa de pedra tradicional na vila Edale, Peak District.



Pôneis selvagens em Exmoor, West Somerset.



Paisagem de vila rural inglesa no inverno



Londres



Anexo L

Quem é Hercule Poirot?

De nacionalidade belga (embora muitos o julguem francês), Poirot é uma personagem extremamente extravagante, não é nada modesto, e está sempre se gabando da forma como usa as suas células cinzentas. Possui um grande e belo bigode que é o que melhor o identifica, e tem sempre uma aparência elegante e impecável. O seu nome é deliberadamente absurdo, pois Hercule relembra o herói Hércules da mitologia grega, porém o detetive é um homem pequeno. O sobrenome Poirot tem origem em *poireau*, que em francês significa alho-porro ou verruga. O personagem apareceu pela primeira vez em 1921, no romance "O misterioso caso de Styles" (*The mysterious affair of Styles*).

Poirot é um grande fã da ordem e do método, daí estar sempre impecavelmente vestido. Chega, em certos momentos, a ser rabugento. Costuma dizer ao seu amigo Hastings que: "o seu crime de sonho seria realizado com ordem e método" e acredita que "se houvesse um criminoso assim, seria impossível, incluindo o próprio Hercule Poirot, descobrir o verdadeiro culpado".

Ao contrário dos outros grandes detetives da Scotland Yard, Poirot diz que pode resolver um crime estando "apenas sentado na sua poltrona". Ele compara os seus colegas a "cães de caça humanos", pois eles usam as pequenas pistas no chão, as pegadas e as impressões digitais como método de trabalho; enquanto que Poirot usa, como único meio, a psicologia humana e o que ele chama de "pequenas células cinzentas". Não é um detetive de ação, mas meramente dedutivo, que para resolver seus crimes prefere interrogar todos os envolvidos, porém muitas vezes precisa investigar, a pedido de Hastings ou por extrema necessidade.

Poirot diz que a mente humana não tem nenhuma originalidade, pois quando um criminoso comete um crime, o seu método psicológico é sempre o mesmo, o detetive também acrescenta a isso o fato de "conhecer a natureza humana".

Nos livros de Agatha Christie, Poirot vive na Faraway Street, 14, onde está localizado o Florin Court, mais conhecido como Whitehaven Mansions.

Anexo M

A AVENTURA

DO PUDIM DE NATAL

I

— Sinto muitíssimamente — disse M. Hercule Poirot.

Foi interrompido. Não rudemente interrompido. A interrupção foi delicada, jeitosa, mais persuasiva do que contraditória.

— Por favor, não recuse precipitadamente, M. Poirot. Trata-se de um grave problema de Estado. Sua cooperação será apreciada nos mais altos escalões.

— Muita bondade sua — Poirot fez um aceno com a mão — mas, realmente, não posso fazer o que o senhor me pede. Nesta época do ano...

Novamente o Sr. Jesmond o interrompeu.

— Natal — disse ele persuasivamente. — Um Natal como os de antigamente, no campo inglês.

Hercule Poirot estremeceu. A idéia do campo inglês nesta época do ano não o atraía.

— Um Natal bom como os de antigamente! — enfatizou o Sr. Jesmond.

— Quanto a mim, eu não sou inglês — disse Hercule Poirot. — No meu país, o Natal é das crianças. O Ano Novo, sim, este nós comemoramos.

— Ah — falou o Sr. Jesmond, — mas o Natal na Inglaterra é uma grande instituição, e eu lhe garanto que em Kings Lacey o senhor o verá em sua melhor forma. O senhor poderá conhecer um velho casarão maravilhoso. Basta dizer que uma das alas data do século quatorze.

Novamente Poirot estremeceu. A idéia de uma mansão inglesa do século quatorze encheu-o de apreensão. Ele já sofrera, com muita freqüência até, nas históricas casas de campo da Inglaterra. Passou os olhos, com satisfação, por seu apartamento moderno e confortável, com aparelhos de calefação e os mais recentes artificios para eliminar quaisquer tipos de correntes de ar.

— No inverno — falou com firmeza, — eu não saio de Londres.

— Acho que o senhor não percebeu exatamente, M. Poirot, a gravidade do assunto. — O Sr. Jesmond deu uma rápida olhada para seu companheiro, e depois voltou-se novamente para Poirot.

Até aquele momento, o segundo visitante de Poirot limitara-se a dizer, apenas, um “Como vai o senhor” educado e formal. Ele estava sentado, os olhos perdidos em seus sapatos muito bem polidos, o rosto cor de café expressando a mais profunda melancolia. Era um jovem de vinte e três anos no máximo, e encontrava-se, visivelmente, num estado de completo abandono.

— Sei, sei — disse Hercule Poirot. — É claro que o assunto é grave. Já percebi, sim. Sua Alteza merece minhas sinceras condolências.

— A situação é extremamente delicada — replicou o Sr. Jesmond.

Poirot transferiu seu olhar do jovem para o seu companheiro mais velho. Se se quisesse resumir o Sr. Jesmond em uma única palavra, essa palavra seria discrição. Tudo no Sr. Jesmond era discreto. As roupas eram bem talhadas, mas sóbrias, a voz suave e educada, que raramente abandonava o tom agradavelmente monótono, o cabelo castanho-claro, começando a escassear junto das têmporas, o rosto pálido e sério. A impressão de Hercule Poirot era que ele não conhecera apenas um Sr. Jesmond, mas uma dúzia de Srs. Jesmonds em toda a sua vida, sendo que todos eles, mais cedo ou mais tarde acabavam dizendo a mesma frase — “uma posição extremamentedelicada”.

— Apólicia—disse Hercule Poirot— também pode ser muito discreta, o senhor sabe.

O Sr. Jesmond abanou a cabeça com firmeza:

— A polícia, não. Para recuperar o... é... o que queremos recuperar, será preciso, quase que inevitavelmente, recorrer às cortes de justiça, e nós sabemos muito pouca coisa. Nós suspeitamos, mas não sabemos.

— O senhor merece minhas condolências — disse Hercule Poirot novamente.

Se ele imaginava que suas condolências teriam algum significado para os dois visitantes, enganava-se. Eles não queriam condolências, queriam ajuda prática. O Sr. Jesmond, mais uma vez, começou a falar sobre as delícias do Natal inglês.

— Está em extinção, o senhor sabe — explicou ele —, o verdadeiro Natal de antigamente. Hoje em dia as pessoas passam-no em hotéis. Mas o Natal inglês com toda a família reunida, as crianças e suas meias penduradas, a árvore de Natal, o peru e o pudim de passas, os fogos de Natal. O boneco de neve visto pela janela...

Em nome da exatidão, Hercule Poirot interveio:

— Para se fazer um boneco de neve, é necessário que se tenha neve — observou com severidade. — E não é possível fazer um pedido de neve, nem mesmo para um Natal inglês.—

Hoje mesmo estive falando com um amigo meu que trabalha no serviço de meteorologia — explicou o Sr. Jesmond — e ele me disse que é muito provável que tenhamos neve neste Natal.

Não foi a coisa mais acertada para se dizer. Hercule Poirot estremeceu com mais violência do que todas as outras vezes.

— Neve no campo — falou. — Seria mais abominável ainda. Uma mansão de pedra, grande efria.

— De maneira nenhuma — replicou o Sr. Jesmond. — As coisas mudaram muito nos últimos dez anos. Já tem aquecimento central.

— Eles têm aquecimento central em Kings Lacey? — perguntou Poirot. Pela primeira vez pareceu hesitar.

O Sr. Jesmond se agarrou à oportunidade:

— Mas é claro! É um esplêndido sistema de água quente. Radiadores em todos os quartos. Posso lhe garantir, meu caro M. Poirot, que Kings Lacey é a personificação do conforto no inverno. Talvez o senhor até ache a casa quentademais.

— Isto é bastante improvável — disse Hercule Poirot.

Com grande habilidade, o Sr. Jesmond mudou um pouco de assunto.

— O senhor bem percebe o terrível dilema em que nos encontramos — disse em tom confidencial.

Hercule Poirot assentiu com a cabeça. Na verdade, o problema não era dos mais felizes. Um jovem futuro potentado, filho único do governante de uma Nação estrangeira, chegara a Londres há umas poucas semanas. Seu país passara por um período de agitação e descontentamento. Embora leal ao pai, cujo modo de vida permanecera estritamente oriental, a opinião popular era um tanto ambígua em relação ao jovem. Suas farras tinham sido tipicamente ocidentais e, por causa disto, vistas com desaprovação.

Recentemente, no entanto, seu noivado fora anunciado. Ele deveria se casar com uma prima do mesmo sangue. Uma jovem que, embora educada em Cambridge, tinha o cuidado de não demonstrar, em seu próprio país, as influências sofridas no ocidente. O dia do casamento fora anunciado e o jovem príncipe viajara para a Inglaterra, trazendo algumas das famosas jóias de sua casa para receberem engastes mais modernos por Cartier. Dentre elas, vinha um famoso rubi, que fora retirado de um colar antiquado e pesadão, e ganhara uma nova aparência nas mãos dos famosos joalheiros. Até aí, nada de mais, mas foi então que aconteceu a coisa. Não era de se esperar que um rapaz jovem, possuidor de grande fortuna, propensão festeira, não cometesse algumas tolices do tipo mais agradável. Quanto a isso, ninguém teria o direito de censurá-lo. Todos imaginavam que os jovens príncipes devessem se divertir dessa forma. Se um príncipe levasse a sua namorada do momento para um passeio a pé em Bond Street, e lhe desse uma pulseira de esmeraldas ou uma presilha de diamantes como recompensa pelo prazer que lhe proporcionara, o fato seria visto com bastante naturalidade, correspondendo, a bem da verdade, aos Cadillacs que seu pai, invariavelmente, dava de presente às suas dançarinas preferidas na ocasião.

Mas o príncipe fora bem mais indiscreto do que isso. Lisonjeado pelo interesse da moça, o príncipe lhe mostrara o famoso rubi em seu novo engaste e cometera, finalmente, a insensatez de permitir que ela o usasse — apenas por uma noite!

O resultado foi curto e triste. A moça se retirara da mesa de jantar para empoar o rosto. Passou-se o tempo. Ela não voltou. Saíra do restaurante por uma outra porta e, desde então, sumira no espaço. O fato mais importante e trágico é que o rubi em seu novo engaste desaparecera com ela.

Estes eram os fatos que não podiam ser tornados públicos sem as mais calamitosas conseqüências. O rubi era mais do que um rubi, era um objeto histórico de grande significado para seu possuidor, e as circunstâncias de seu desaparecimento eram tais, que qualquer publicidade indevida traria conseqüências políticas da maior gravidade.

O Sr. Jesmond não era do tipo de expor estes fatos em linguagem simples. Ele os embrulhava, por assim dizer, num monte de verbosidade. Quem era exatamente o Sr. Jesmond, Hercule Poirot não sabia. Conhecera outros Srs. Jesmonds ao longo de sua carreira. Se ele pertencia ao Ministério do Interior, ao Ministério de Relações Exteriores, ou a algum outro

ramo do serviço público, isto não estava explícito. Ele agia no interesse do país. O rubi tinha que ser recuperado.

M. Poirot, de acordo com a delicada insistência do Sr. Jesmond, era o homem capaz de recuperá-lo.

— Talvez... sim — admitiu Poirot — mas as informações são tão poucas. Sugestão... suspeita... não é muito para se começar.

— Ora, Monsieur Poirot, tenho certeza de que o caso não está além de sua capacidade. Ah, deixei isso.

— Nem sempre eu resolvo tudo.

Mas isso era falsa modéstia. O tom de voz de Poirot indicava claramente que, quando ele assumia uma missão, era quase sinônimo de ser bem sucedido.

— Sua Alteza é muito jovem — acrescentou o Sr. Jesmond. — Seria triste se toda a sua vida fosse arruinada por uma simples tolice cometida na juventude.

Poirot olhou com bondade para o abatido rapaz.

— A juventude é que é o tempo certo de se fazer pequenas loucuras — disse para encorajá-lo — e, em se tratando de um jovem comum, não tem muita importância. O bondoso papai, este paga; advogado da família, este o ajuda a se desembaraçar dos inconvenientes; quanto ao jovem, este aprende por experiência própria, e tudo acaba bem. Já na sua posição, aí sim, fica verdadeiramente difícil. Seu casamento se aproxima...

— É isso. É exatamente isso. — Pela primeira vez, as palavras jorravam da boca do rapaz. — Ela é muito, muito séria, o senhor entende? Ela leva a vida a sério. Em Cambridge, ela adquiriu muitas idéias bastante sérias. É preciso que haja educação em meu país. É preciso que haja escolas. É preciso que haja diversas coisas. Tudo em nome do progresso, entende, da democracia. Nada vai ser, diz ela, como no tempo de meu pai. Naturalmente ela imaginava que eu iria me divertir em Londres, mas não me meter em escândalos. Não! O escândalo é que me preocupa. Veja o senhor que este rubi é muito, muito famoso. Há toda uma história por detrás dele. Muito derramamento de sangue — muitas mortes!

— Mortes — disse Hercule Poirot, pensativo. Olhou para o Sr. Jesmond. — Espero que não chegue atanto.

O Sr. Jesmond fez um barulho estranho, como o de uma galinha que havia decidido pôr um ovo e depois mudou de idéia.

— Não, não, realmente — falou, parecendo um tanto afetado. — Não existe a menor hipótese, tenho certeza, de nada deste tipo.

— O senhor não pode ter certeza — replicou Hercule Poirot. — Alguém está de posse do rubi no momento, mas pode haver outras pessoas desejando possuí-lo, e que não se prenderiam a detalhes, meu amigo.

— Realmente não creio — voltou o Sr. Jesmond, parecendo mais afetado do que nunca — que devamos entrar em especulações deste tipo. Seria bastante inútil.

— Quanto a mim — disse Hercule Poirot, subitamente se tornando deveras estrangeiro —, eu examino todas as possibilidades, como os políticos.

O Sr. Jesmond olhou para ele com ar de dúvida. Readquirindo o domínio de si, falou:

— Bem, então está combinado, M. Poirot? O senhor irá a KingsLacey?

— E como explicarei minha presença lá? — perguntou Hercule Poirot.

—

O Sr. Jesmond sorriu confiantemente.

— Isto, creio eu, pode ser arranjado com facilidade — falou. — Posso lhe garantir que tudo parecerá bastante natural. O senhor achará os Laceys encantadores. Gentedeliciosa.

— E o senhor não está me enganando quanto ao aquecimento central?

— Não, não, de maneira nenhuma — o Sr. Jesmond parecia deveras ofendido. — Tenho certeza que o senhor terá todo o conforto.

— Tout confort moderne — murmurou Poirot para si mesmo, como quem se recorda de alguma coisa. — Eh bien, eu aceito.

II

A temperatura na longa sala de estar de Kings Lacey estava confortavelmente em torno de vinte e três graus, enquanto Hercule Poirot conversava com a Sra. Lacey, perto de uma das grandes janelas com pinázios. A Sra. Lacey ocupava-se com umas costuras. Mas ela não estava fazendo o petit point e nem bordando flores sobre a seda. Ao invés disso, parecia estar entretida na prosaica tarefa de dar bainha em uns panos de prato. Enquanto costurava, falava com voz macia e cheia de reminiscências, que Poirot achava encantadora.

— Espero que o senhor goste de nossa festa de Natal, M. Poirot. É só para a família, o senhor sabe. Minha neta, um neto com um amigo, Bridget, minha sobrinha-neta, Diana, uma prima, e David Welwyn, um velho amigo. Apenas uma reunião de família. Mas Edwina Morecombe me disse que era isso o que o senhor realmente queria ver. Um Natal como os de antigamente. Ninguém poderia ser mais antiquado do que nós! Meu marido, o senhor sabe, vive completamente no passado. Ele gosta que tudo seja exatamente como era quando ele tinha doze anos, e costumava vir passar as férias aqui. — Ela sorriu para si mesma. — As mesmas coisas de sempre, a árvore de Natal e as meias penduradas, e a sopa de ostras e o peru — dois perus, um cozido e outro assado — e o pudim de passas com o anel e o emblema de solteirão, e tudo o mais que tem lá dentro. Hoje em dia não se pode mais pôr a moeda de seis pence, porque elas já não são feitas apenas de prata. Mas todas as outras velhas sobremesas, as ameixas de Elvas e as ameixas de Carlsbad e as amêndoas e passas, frutas cristalizadas e gengibre. Céus, eu mais pareço um catálogo do Fortnum e Mason.

— A senhora estimula meus sucos gástricos, Madame. — Imagino que amanhã à noite teremos todos uma tremenda indigestão — disse a Sra. Lacey. — As pessoas não estão mais acostumadas a comer tanto, não é verdade?

Foi interrompida pelos altos gritos de risadas vindas do lado de fora. Ela deu uma olhadela.

— Não sei o que estão fazendo lá fora. Brincando de alguma coisa, suponho. O senhor sabe, eu sempre tive muito receio que esses jovens se aborrecessem com este nosso Natal. Mas acontece justamente o oposto. Já meus próprios filhos, um rapaz e uma moça, costumavam ser um tanto sofisticados quanto ao Natal. Diziam que tudo bobagem e muita confusão, e que seria

muito melhor irmos dançar num hotel qualquer. Mas a geração mais nova parece achar tudo isso incrivelmente divertido. Além do mais — acrescentou a Sra. Lacey, com senso prático — esses meninos e meninas estão sempre com fome, não é verdade? Acho que eles passam fome na escola. Afinal de contas, todo mundo sabe que crianças dessa idade comem tanto quanto três homens fortes.

Poirot riu e falou:

— Foi muita bondade sua e de seu marido, Madame, terem me incluído desta forma numa festa familiar.

— É um prazer para nós dois, posso lhe garantir — disse a Sra. Lacey. — E se o senhor achar Horace um pouco mal-humorado — prosseguiu — não repare. Ele é assim mesmo, o senhoresentende.

Seu marido, o Coronel Race, realmente dissera o seguinte:

— Não consigo entender por que você quis convidar esse maldito estrangeiro para se intrometer aqui em nossa festa de Natal. Por que ele não veio em outra ocasião qualquer? Não suportoe estrangeiros! Está certo, está certo, foi Edwina Morecombe quem quis trazê-lo. O que ele tem a ver com ela, é isso o que eu gostaria de saber. Por que ela quis convidá-lo para o Natal?

— Porque você sabe muito bem — respondera a Sra. Lacey — que Edwina sempre vai a Claridge's.

O marido lhe lançara um olhar penetrante edissera:

— Você não tem nada em mente, tem, Em?

— Alguma coisa em mente? — disse Em, arregalando os olhos muito azuis. — É claro que não. Por que haveria deter?

O velho Coronel Lacey deu uma risada profunda e estrondosa.

— Eu não ponho a minha mão no fogo por você, Em — falou. — Quando você aparenta maior inocência, aí sim, é que tem alguma coisa em mente.

Revolvendo estas idéias na cabeça, a Sra. Lacey prosseguiu:

— Edwina disse que talvez o senhor pudesse nos ajudar... Não sei bem como, mas ela disse que o senhor foi muito útil para uns amigos dela num... num caso semelhante ao nosso. Eu... bem, talvez o senhor não saiba do que eu estou falando.

Poirot olhou-a para que ela tivesse ânimo. A Sra. Lacey tinha quase setenta anos, era firme como uma rocha, o cabelo com a alvura da neve, faces rosadas, olhos azuis, um nariz ridículo e queixo determinado.

— Se eu puder ajudar em alguma coisa, ficarei muito contente em fazê-lo — disse Poirot. — Trata-se, se não me engano, de uma paixão desagradável de umamoça.

A Sra. Lacey assentiu.

— Exatamente. O extraordinário é que eu queria... bem, que queria falar com o senhor sobre o caso. Afinal de contas, o senhor é um perfeito estranho...

— E estrangeiro — acrescentou Poirot, de modocompreensivo.

— Exato — concordou a Sra. Lacey — mas talvez isso facilite de alguma forma. Enfim, Edwina parecia pensar que o senhor talvez pudesse saber qualquer coisa... como direi... qualquer coisa de útil a respeito desse jovem DesmondLee-Wortley.

Poirot fez uma pausa para admirar a engenhosidade do Sr. Jesmond e a facilidade com que se utilizara de Lady Morecombe para levar adiante seus próprios objetivos.

— Ele não tem, se não me engano, uma reputação muito boa, esse rapaz — começou eledelicadamente.

— Ih, mas não tem mesmo! Uma péssima reputação! Mas para Sarah, isso de nada adianta. Nunca adianta, não é verdade, dizer às moças que os homens têm má reputação. Só serve... só serve paraincité-las.

— A senhora tem toda a razão — respondeu Poirot.

— No meu tempo — prosseguiu a Sra. Lacey — (Céus, mas há tanto tempo atrás!) costumávamos ser alertadas, o senhor entende, a respeito de certos rapazes e, é claro, isto apenas aumentava nosso interesse por eles, e se alguém conseguisse dançar com um deles, ou ficar a sós num canto escuro — ela sorriu. — É por isso que não deixo Horace fazer nada de que ele gostaria.

— Diga-me — falou Poirot — o que exatamente apreocupa?

— Nosso filho foi morto na guerra — disse a Sra. Lacey. — Minha nora morreu quando Sarah nasceu, de forma que ela sempre viveu conosco e nós a educamos. Talvez nossa educação não tenha sido muito sensata — não sei. Mas sempre achamos que devíamos lhe dar a maior liberdade possível.

— Mas isto é desejável, creio eu — disse Poirot. — É preciso dançar conforme o ritmo da música.

— Exato — concordou a Sra. Lacey, — era isso o que eu sentia. E, é claro, as moças de hoje realmente fazem este tipo de coisa.

Poirot olhou-a com ar indagador.

— Não sei como se diz ao certo — falou a Sra. Lacey — mas acho que Sarah se juntou a esses grupinhos que freqüentam bares. Ela não vai a festinhas de dança, e nem quis entrar na sociedade como debutante, nada disso. Pelo contrário, ela tem dois quartos bastante desagradáveis em Chelsea, próximo ao rio, e usa essas roupas engraçadas que elas gostam de usar, com meias pretas ou de um verde berrante. Meias bastante grossas. (Eu sempre acho que devem ser muito espinhentas!) E ela sai sem tomar banho e sem pentear o cabelo.

— Ça, c'est tout à fait naturelle — disse Poirot. — É a moda atual. Depois elas a abandonam.

— Sim, sei disso — concordou a Sra. Lacey. — E nem eu me preocuparia com este tipo de coisa. Mas ela se apegou a esse tal de Desmond Lee-Wortley, o senhor entende, e a reputação dele é realmente detestável. Ele vive, mais ou menos, com o dinheiro de jovens abastadas. E elas parecem ficar doidinhas por ele. Ele quase, quase casou com a jovem Hope, mas a família dela conseguiu tutela judicial ou coisa do gênero. Isto é o que Horace quer fazer, é

claro. Mas não acho que seja uma boa idéia, M. Poirot. Quer dizer, eles fugiriam juntos para a Escócia, ou Irlanda, ou Argentina, ou qualquer outro lugar, e lá se casariam ou viveriam juntos do mesmo jeito. E embora isto possa parecer desprezo pela justiça e tudo o mais — bem, isto não resolve o caso no final, não é verdade? Principalmente se vier um bebê. Aí a gente tem que ceder e permitir que se casem. E depois, quase sempre vem o divórcio com dois ou três anos de casados, assim me parece. E aí a moça volta para casa e, passados um ou dois anos, ela se casa com um homem tão bom, quase maçante, e se ajeita. Mas tudo isso é particularmente triste, é minha impressão, quando existe um filho, porque não é a mesma coisa ser criado por um padrasto, por melhor que ele seja. Não, acho que seria muito melhor se se fizesse como no meu tempo. Quero dizer, o primeiro rapaz por quem a gente se apaixonava era sempre indesejável. Eu me lembro de ter ficado perdidamente apaixonada por um rapaz chamado — como era mesmo o nome dele? — que estranho, não lembro o primeiro nome dele de maneira nenhuma! Tibbitt era o sobrenome. O jovem Tibbitt. Meu pai, é claro, mais ou menos expulsou-o de nossa casa, mas ele costumava ser convidado para as mesmas festas, e nós dançávamos juntos. E às vezes conseguíamos escapar e ir lá fora, ou alguns amigos combinavam piqueniques para nós dois irmos juntos. E claro que era tudo muito emocionante e proibido, e nós nos divertíamos demais. Mas também não chegávamos... bem, não chegávamos a extremos, como essas meninas de hoje. Sendo assim, depois de um tempo os Srs. Tibbitts desapareciam. E quer saber de uma coisa? Quando eu o vi, quatro anos depois, fiquei espantada tentando imaginar o que eu jamais poderia ter visto nele! Me pareceu um rapaz tão chato. Espalhafatoso, o senhor entende. E uma conversa muitodesinteressante.

— As pessoas sempre acham que sua juventude foi melhor do que a dos outros — falou Poirot, um tantogravemente.

— Sei disso — retrucou a Sra. Lacey. — É repetitivo, não é mesmo? Não devo ser repetitiva. Mas, mesmo assim, eu não quero que Sarah, uma menina realmente muito querida, se case com Desmond Lee-Wortley. Ela e David Welwyn, que está aqui conosco, sempre foram tão amigos, sempre gostaram tanto um do outro, que nós realmente desejávamos, Horace e eu, que eles se casassem quando crescessem. Mas é claro que, agora, ela o acha aborrecido e está completamente apaixonada por Desmond.

— Eu não entendo muito bem, Madame — disse Poirot. — Ele está aqui agora, hospedado nesta casa, esse tal de DesmondLeeWortley?

— Isto foi arranjo meu — explicou a Sra. Lacey. — Horace queria proibi-la de vê-lo a todo custo. Mas é claro, pois no tempo de Horace o pai ou responsável teria ido à casa do rapaz com um chicote! Horace queria, a todo custo, proibi-lo de freqüentar nossa casa e proibir Sarah de vê-lo. Eu disse a ele que esta era uma atitude totalmente errada. “Não”, falei. “Vamos convidá-lo. Ele passará o Natal aqui, junto com toda a família”. Meu marido, é claro, disse que eu estava maluca! Mas eu falei: “De qualquer forma, querido, vamos tentar. Vamos deixar que ela o veja em nosso ambiente e em nossa casa, vamos ser agradáveis e educados e pode ser que, então, ele se torne menos interessante para ela!”

— Eu acho, como se costuma dizer, que a senhora tem coisa na cabeça, Madame — disse Poirot. — Acho seu ponto de vista muito sensato. Mais sensato do que o de seu marido.

— Bem, espero que seja — disse a Sra. Lacey com ar de dúvida. — Parece que ainda não está dando certo. Mas, é claro, ele está aqui há apenas dois dias. — Uma covinha apareceu subitamente em sua face enrugada. — Vou lhe confessar uma coisa, M. Poirot. Eu mesma não consigo deixar de gostar dele. Não quero dizer que eu gosto dele realmente, racionalmente, mas percebo o charme dele, sim. Ah, e como! Eu consigo ver que Sarah vê nele. Mas sou uma mulher bastante velha, e tenho muita experiência para saber que ele não presta mesmo. Mesmo que eu aprecie de fato sua companhia. Embora ache — acrescentou a Sra. Lacey, um pouco desejosamente, — que ele tenha alguns aspectos positivos. Ele perguntou se poderia trazer a irmã para cá, o senhor sabe. Ela foi operada e estava no hospital. Ele disse que ela ficaria tão triste de passar o Natal numa enfermaria e perguntou se seria muito incômodo trazê-la para cá. Disse que levaria todas as refeições dela no quarto e tudo o mais. Bem, para dizer a verdade, acho que foi muita bondade dele, o senhor não acha, M. Poirot?

— Demonstra uma consideração — respondeu Poirot, pensativo — destoante de seu caráter em geral.

— Ah, não sei. É possível se ter afeição pela família e, ao mesmo tempo, se aproveitar de uma moça rica. Sarah vai ser muito rica, o senhor sabe, não só pelo que nós vamos deixar para ela — o que, é claro, não será muito porque a maior parte do dinheiro, juntamente com a casa, ficará para Colin, meu neto. Mas a mãe dela era uma mulher muito rica, e Sarah herdará todo o dinheiro quando completar vinte e um anos. Ela ainda está com vinte. Não, acho mesmo que foi bondade de Desmond se preocupar com a irmã. E ele não mentiu, não disse que ela era nenhuma maravilha. Ela é taquígrafa, eu imagino — trabalha como secretária em Londres. E ele foi fiel à palavra, realmente leva as refeições para ela. Nem sempre, é claro, mas quase sempre. De forma que eu acho que ele tem alguns aspectos positivos. Mas mesmo assim — disse a Sra. Lacey com grande determinação, — não quero que Sarah se case com ele.

— Pelo que ouvi — disse Poirot — seria um terrível desastre.

— O senhor acha que seria possível nos ajudar de alguma forma? — perguntou a Sra.

Lacey.

— Acho que é possível, sim — respondeu Poirot, — mas não gostaria de prometer demais. Porque os Desmond Lee-Wortleys da vida são inteligentes, Madame. Mas não se desespere. É possível, talvez, se fazer um pouquinho. De qualquer forma, usarei de todos os meus recursos, nem que seja para apenas demonstrar minha gratidão por me haver convidado para as festividades natalinas. — Passou os olhos em torno de si. — E não deve ser muito fácil programar festividades natalinas nos dias de hoje.

— Não, não é mesmo — suspirou a Sra. Lacey. Inclinou-se para frente. — O senhor sabe, M. Poirot, qual é realmente meu sonho... o que eu adoraria ter?

— Mas diga, Madame.

— Eu simplesmente adoraria ter um bangalô simples e moderno. Não, talvez não exatamente um bangalô, mas uma casinha moderna, fácil de administrar, construída em algum

lugar deste parque aqui, e viver nela, com uma cozinha absolutamente moderna e sem corredores compridos. Tudo fácil e simples.

— É uma idéia muito prática, Madame.

— Não é muito prática para mim — retrucou a Sra. Lacey. — Meu marido adora esta casa. Ele ama morar aqui. Ele não liga que seja ligeiramente desconfortável, não liga para as inconveniências e detestaria viver numa casinha moderna no parque.

— Então a senhora se sacrifica aos seus desejos?

A Sra. Lacey se apurou.

— Não considero isso um sacrifício, M. Poirot — respondeu. — Casei com meu marido com o propósito de fazê-lo feliz. Ele tem sido um bom marido para mim, e eu tenho sido feliz durante todos estes anos, e desejo-lhe a felicidade.

— Então a senhora continuará morando aqui — disse Poirot.

— Na verdade não é tão desconfortável — replicou a Sra. Lacey.

— Não, não — disse Poirot, apressadamente. — Pelo contrário, é extremamente confortável. Seu aquecimento central e sua água para o banho são a própria perfeição.

— Gastamos um bocadinho de dinheiro para tornar esta casa confortável — explicou a Sra. Lacey. — Conseguimos vender alguma terra. Livre de embaraços, acho que é assim que eles dizem. Felizmente não dá para ser vista desta casa, do outro lado do parque. Um terreno realmente feio, sem vista bonita, mas conseguimos um bom preço. De forma que fizemos todos os melhoramentos possíveis.

— Mas e o serviço, Madame?

— Ah, bem, ele apresenta menos dificuldades do que o senhor poderia imaginar. É claro que não se pode esperar um atendimento como se costumava ter. Vêm diversas pessoas da aldeia. Duas mulheres de manhã, outras duas fazem o almoço e lavam a louça, e mais umas outras à tarde. Existem muitas pessoas querendo trabalhar algumas horas por dia. É claro que, no Natal, temos muita sorte. A querida Ross sempre vem no Natal. Ela é uma cozinheira maravilhosa, de primeira classe realmente. Ela se aposentou há cerca de dez anos, mas sempre vem nos ajudar em alguma emergência. E temos, também, o querido Peverell.

— Seu mordomo?

— É. Ele é aposentado e mora numa casinha perto da do jardineiro, mas é tão devotado, e insiste em vir nos servir no Natal. Na verdade eu fico apavorada, M. Poirot, porque ele é tão velho e tão trêmulo que eu tenho certeza que se ele carregar qualquer coisa mais pesada, vai deixar cair. É uma verdadeira agonia olhar para ele. E o coração dele também já não está muito bom, de forma que eu tenho medo que ele se exceda. Mas ficaria terrivelmente ofendido se não o deixasse vir. Ele gagueja e engasga e faz ruídos desaprovadores quando vê o estado em que se encontra nossa prataria, e nos três dias que passa aqui tudo volta a ficar maravilhoso. É. Ele é um amigo querido e leal. — Ela sorriu para Poirot. — Então, veja o senhor, estamos todos preparados para um feliz Natal. E um Natal branco, também — acrescentou, olhando para a janela. — Está vendo? Está começando a nevar. Ah, as crianças estão entrando. O senhor precisa conhecê-las, M. Poirot.

Poirot foi apresentado com a devida cerimônia. Primeiro a Colin e Michael, o neto em idade escolar e seu amigo, rapazes simpáticos de quinze anos, um moreno e outro louro. Depois à prima deles, Bridget, uma menina de cabelos pretos, mais ou menos da mesma idade, e com enorme vitalidade.

— E esta é minha neta Sarah — disse a Sra.Lacey.

Poirot olhou para Sarah com algum interesse. Era uma moça atraente, com uma mecha de cabelos ruivos; suas maneiras lhe pareceram atrevidas e um pouco rebeldes, mas demonstrava afeição verdadeira pelaavó.

O Sr. Lee-Wortley vestia uma camisa de malha e uma calça preta e justa, de jeans; o cabelo era um tanto longo, e não dava para saber ao certo se ele fizera a barba naquela manhã. Contrastando com ele, havia um rapaz apresentado como David Welwyn, sério e calmo, de sorriso agradável, e visivelmente viciado em água e sabão. Havia um outro membro do grupo, uma moça bonita de olhar profundo, apresentada como Diana Middleton.

Trouxeram o chá. Uma refeição completa com bolinhos assados em chapa, pães-de-minuto, sanduíches e três tipos de bolo. Os mais jovens do grupo apreciavam o chá. Finalmente chegou o Coronel Lacey, observando em tom evasivo:

— Ei, chá? Ah, sim, ochá.

Recebeu sua xícara de chá das mãos da mulher, serviu-se de dois bolinhos, deu um olhar de aversão a Desmond Lee-Wortley e sentou-se o mais longe dele possível. Era um homem grande, com sobrancelhas espessas e rosto vermelho, curtido pelo tempo. Parecia mais um agricultor do que o senhor damansão.

— Começou a nevar — falou. — Vai ser mesmo um Natal branco.

Depois do chá, o grupo sedispersou.

— Espero que resolvam brincar com os gravadores agora — disse a Sra. Lacey a Poirot. Olhou o neto com prazer, enquanto este saía da sala. Seu tom de voz parecia dizer “Agora as crianças vão brincar com seus soldadinhos.” — Eles são tremendamente técnicos, é claro, e dão extrema importância a tudo.

Os meninos e Bridget, no entanto, resolveram ir até o lago para ver se o gelo já permitia que se patinasse.

— Eu acho que poderíamos ter patinado hoje de manhã — disse Colin. — Mas o velho Hodgkins disse que não. E ele sempre é terrivelmentecuidadoso.

— Vamos dar uma volta, David — disse Diana Middleton, com vozmacia.

David hesitou por meio minuto, os olhos fixos nos cabelos vermelhos de Sarah. Ela estava de pé ao lado de Desmond Lee-Wortley, segurando o braço do rapaz e olhando seu rosto.

— Está bem — disse David Welwyn — vamos, sim.

Diana escorregou a mão rapidamente pelo braço de David, e saíram em direção ao jardim.

— Que tal irmos também, Desmond? — perguntou Sarah. — Está terrivelmente

abafado aqui dentro.

— E quem quer andar? — disse Desmond. — Eu vou buscar o carro. Iremos até o Speckled Boar beber algumacoisa.

Sarah hesitou um instante antes de dizer:

— Vamosaté o White Hart, no Market Ledbury. É muito maisdivertido.

Embora por motivo algum do mundo Sarah transformasse isso em palavras, ela rejeitava instintivamente a idéia de ir ao bar local com Desmond. De alguma forma, aquilo não pertencia à tradição de Kings

Lacey. As mulheres de Kings Lacey jamais freqüentaram o bar do Speckled Boar. Sarah tinha a sensação obscura de que, indo lá, deixaria o Coronel Lacey e sua mulher em má situação. E por que não? — teria dito Desmond Lee-Wortley. Num momento de exasperação Sarah sentiu que ele deveria saber por que não! Não se devia aborrecer velhinhos tão queridos como o vovô e a querida Em, a não ser em caso de necessidade. Na verdade, eles tinham sido extremamente bondosos permitindo que ela levasse sua própria vida, sem entender nem um pouquinho por que ela preferia morar em Chelsea daquela maneira, mas aceitando o fato. É claro que aquilo era coisa de Em. O avô nem hesitaria em aprontar o maiorrebuliço.

Sarah não se iludia em relação à atitude do avô. Ela sabia que não fora pelo avô que Desmond tinha sido convidado para Kings Lacey. Fora por Em, e Em era muito querida, como sempre tinha sido.

Quando Desmond saiu para buscar o carro, Sarah enfiou a cabeça na sala de estar.

— Nós vamos dar um pulo em Market Ledbury — falou. — Vamos beber alguma coisa no WhiteHart.

Havia um ligeiro desafio em seu tom de voz, mas a Sra. Lacey não pareceu perceber.

— Muito bem, querida — disse. — Tenho certeza de que irão se divertir. David e Diana foram dar uma volta. Fico tão contente. Eu realmente acho que foi uma idéia brilhante de minha parte ter convidado Diana para vir aqui. Que tristeza ficar viúva tão jovem — apenas vinte e dois anos — espero que ela se case logo,logo.

Sarah lançou-lhe um olhar cortante.

— O que você está pretendendo,Em?

— É um pequenino plano — respondeu a Sra. Lacey alegremente. — Acho que ela é ideal para David. Ê claro que sei que ele estava terrivelmente apaixonado por você, Sarah querida, mas você não serve para ele e creio que ele não é seu tipo. Mas não quero que ele continue infeliz, e acho que Diana combina muito bem comele.

— Que grande alcoviteira você é, Em — disseSarah.

— Sei disso — retrucou a Sra. Lacey. — As velhas sempre são alcoviteiras. Diana já gosta imensamente dele, creio eu. Você não acha que ela seria perfeita paraele?

— Eu não diria isso — respondeu Sarah. — Acho Diana extremamente... bem, profunda demais, séria demais. Acho que David ficaria entediado se se casasse comela.

— Bem, veremos — disse a Sra. Lacey. — De qualquer maneira, você não quer casar com ele, não équerida?

— Não mesmo — respondeu Sarah rapidamente, e acrescentou de súbito: — Você realmente gosta de Desmond, não gosta, Em?

— Tenho certeza de que ele é muito simpático — respondeu a Sra. Lacey.

—

— O vovô não gosta dele.

— E nem você poderia esperar que gostasse, poderia? — disse a Sra. Lacey sensatamente. — Mas ousou dizer que ele cederá assim que se acostumar com a idéia. Você não deve apressá-lo, Sarah querida. Os velhos costumam muito a mudar de idéia, e seu avô é deveras obstinado.

— Não me importo com o que vovô pense ou diga — replicou Sarah. — Eu vou me casar com Desmond quando eu quiser!

— Eu sei, querida, eu sei. Mas procure ser realista. Seu avô poderia criar uma série de problemas, você sabe disso. Você não é maior ainda. Daqui a um ano você poderá fazer o que quiser. Espero que Horace tenha mudado de idéia muito antes disso.

— Você está do meu lado, não está, querida? — perguntou Sarah. Jogou os braços em volta do pescoço da avó e deu-lhe um beijoafetuoso.

— Quero que você seja feliz — disse a Sra. Lacey. — Ah! Lá está o seu jovem trazendo o carro. Sabe, eu gosto dessas calças bem apertadas que os rapazes usam hoje em dia. São tão elegantes... só que, é claro, realçam os joelhos pontudos.

É mesmo, pensou Sarah, os joelhos de Desmond eram pontudos e ela nunca percebera isso antes...

— Vá, minha querida, edivirta-se.

Viu a neta se encaminhar para o carro e depois, lembrando-se de seu convidado estrangeiro, dirigiu-se para a biblioteca. Ao chegar lá, viu que Hercule Poirot tirava uma agradável soneca e, sorrindo para si mesma, atravessou o vestíbulo e foi para a cozinha conferenciar com a Sra. Ross.

— Vamos, beleza — disse Desmond. — Sua família estava criando caso porque você vai a um bar? Eles vivem há anos atrás da realidade, não é mesmo?

— É claro que não estavam criando caso nenhum — respondeu Sarah asperamente, ao entrar no carro.

— Que idéia foi essa de trazer esse estrangeiro para cá? Ele é detetive, não é? O que é que tem aqui para ele descobrir?

— Ah, mas ele não veio como profissional, Edwina Morecombe, minha madrinha, perguntou se ele podia vir. Acho que ele já se aposentou há muito tempo.

— Ele parece uma carroça quebrada, bem velha — disse Desmond.

— Ele queria ver um Natal inglês tradicional, creio eu — disse Sarah vagamente.

Desmond sorriu zombeteiramente.

— Um monte de baboseiras, esse negócio todo. Não sei como é que você agüenta.

Sarah jogou os cabelos vermelhos para trás e levantou seu queixinho agressivo.

— Eu me divirto! — respondeu Sarah.

— Não é possível, baby. Vamos acabar com isso amanhã. Vamos para Learborough, ou para qualquer outro lugar.

— Não posso fazer isso.

— Por quênão?

— Ah, eles ficariam magoados.

— Ai, caramba! Você sabe que não gosto desta porcaria sentimentalóide infantil.

— Bem, talvez não, mas... — Sarah desmoronou. Ela percebeu, com sensação de culpa, que esperava com verdadeira ansiedade as comemorações do Natal. Ela gostava da movimentação toda, mas tinha vergonha de admiti-lo a Desmond. Por um momento ela desejou que Desmond não tivesse vindo no Natal. Era muito mais divertido ver Desmond em Londres do que em casa.

Enquanto isso, os meninos e Bridget voltavam do lago, ainda discutindo seriamente os problemas da patinação. Os flocos de neve continuavam a cair e, olhando-se para o céu, poder-se-ia profetizar que dentro em breve haveria neve pesada.

— Vai nevar a noite toda — disse Collin. — Aposto com vocês que na manhã de Natal teremos uns sessenta centímetros de neve.

A perspectiva era agradável.

— Vamos fazer um boneco de neve — disse Michael.

— Nossa! — exclamou Colin. — Eu não faço um boneco de neve desde... bem, desde que eu tinha uns quatro anos.

— Não acho que seja assim tão fácil de fazer — disse Bridget. — Quer dizer, é preciso saber fazer.

— Poderíamos fazer a efígie do M. Poirot — acrescentou Colin. — A gente bota um bigodão preto. Tem um lá no baú de fantasias.

— Eu não entendo, sabe — disse Michael, pensativo — como é que o M. Poirot podia ser detetive. Não vejo como ele podia se disfarçar.

— É mesmo — concordou Bridget, — e não dá para imaginar ele com uma lente, procurando pistas e medindo pegadas.

— Tive uma idéia — disse Colin. — Vamos fazer uma encenação para ele!

— O que é que você quer dizer com encenação? — perguntou Bridget.

— Bem, preparar um crime para ele.

— Que idéia brilhante! — exclamou Bridget. — Você quer dizer um corpo na neve — esse tipo de coisa?

— Exatamente. Ele se sentiria em casa, não é mesmo?

Bridget deu um risadinha.

— Nunca pensei que eu pudesse chegar atanto.

— Se nevar — disse Colin, — teremos um ambiente perfeito. Um corpo e pegadas — teremos que combinar tudo cuidadosamente, apanhar um dos punhais do vovô e fazer um pouco de sangue.

Deram uma parada e, esquecidos da neve que caía rapidamente, iniciaram uma discussão animada.

— Tem uma caixa de tinta lá na velha sala de aula. Poderíamos preparar um pouco de sangue — carmesim, eu acho.

— Carmesim é muito rosado, eu acho — discordou Bridget. — Tem que ser um pouco mais puxado para o marrom.

— Quem vai ser o corpo? — perguntou Michael.

— Eu! — respondeu Bridget rapidamente.

— Ah, essa não — disse Colin. — A idéia foiminha.

— Não, não e não — retrucou Bridget, — tem que ser eu. Tem que ser uma menina. É mais emocionante. Bela menina estendida morta sobre a neve.

— Bela menina! Ah-ha — disse Michael zombando.

— Além do mais, meu cabelo é preto — acrescentou Bridget.

— E daí?

— Bem, é que sobressai na neve, e aí eu vi o meu pijama vermelho.

— Se você usar pijama vermelho, as manchas de sangue não vão aparecer — disse Michael, com espírito prático.

— Mas causa tanto efeito na neve — disse Bridget, — e é enfeitado de branco, onde poderia ficar o sangue. Não vai ser ótimo? Vocês acham que ele vai acreditar mesmo?

— Vai sim, se nós capricharmos — disse Michael. — Vamos fazer as suas pegadas na neve e as de uma outra pessoa indo até o corpo e voltando — um homem, é claro. Ele não vai querer desmanchá-las, e aí não vai saber que você não está morta de verdade. Vocês não acham

— Michael parou subitamente, atingido por uma idéia. Os outros olharam para ele. — Vocês não acham que ele pode ficar chateado com a brincadeira?

— Ah, eu acho que não — respondeu Bridget, de otimismo fácil.

— Tenho certeza que ele vai entender que fizemos a brincadeira só para diverti-lo. Uma espécie de trote de Natal.

— Acho que não deveríamos fazer no dia de Natal — disse Colin pensativo. — Acho que vovô não ia gostar muito.

— Um dia depois do Natal, então — disse Bridget.

— Está bem — concordou Michael.

— E nós teremos mais tempo, também — prosseguiu Bridget. — Afinal de contas, temos muito o que fazer. Vamos dar uma olhada nas coisas que a gente vai usar.

Correram para dentro da casa.

III

A noite foi bem movimentada. Azevinho e visco foram trazidos em grande quantidade, e uma árvore de Natal foi feita numa das extremidades da sala de jantar. Todos ajudaram a decorá-la, a arrumar os ramos de azevinho atrás dos quadros e a pendurar o visco num lugar adequado do vestíbulo.

— Nunca pensei que ainda existisse coisa tão arcaica — murmurou Desmond a Sarah, com ar dedeboche.

— Sempre fizemos isso — respondeu Sarah, na defensiva.

— Bela explicação!

— Ora, não seja enjoado, Desmond. Eu acho divertido.

— Sarah, minha boneca, não é possível!

— Bem, pode ser que não, mas de certa forma eu acho.

— Quem vai enfrentar a neve para ir à Missa do Galo? — perguntou a Sra. Lacey, aos vinte minutos para meia-noite.

— Eu não — disse Desmond. — Venha cá, Sarah.

Segurando o braço da moça, Desmond levou-a para a biblioteca e foram para junto do gravador.

— Tudo tem limites, querida — disse Desmond. — Missa do Galo!

— É sim — disse Sarah. — É mesmo.

Vestindo os casacos e pisando firme no chão, quase todos os demais saíram, em meio a muita risada. Os dois meninos, David e

Diana, se dispuseram a caminhar durante dez minutos, com a neve caindo, até a igreja. As risadas foram sumindo na distância.

— Missa do Galo! — exclamou o Coronel Lacey, bufando. — Nunca fui à Missa do Galo em minha juventude! Missa, essa é boa! Carolice, isso sim! Oh, perdão, M. Poirot.

Poirot fez um aceno com a mão.

— Está tudo bem. Não se preocupe comigo.

— As missas matinais são suficientes para todo mundo, diria eu — acrescentou o Coronel. — Como as missas das manhãs de domingo. “Escutai os anjos cantando” e todos os belos hinos de Natal. E depois a ceia de Natal. Isso é o bastante, não é, Em?

— É, querido — respondeu a Sra. Lacey. — Isto é o que nós fazemos. Mas os jovens gostam de missa da meia-noite. E acho mesmo muito bom que eles queiram ir.

— Sarah e aquele sujeito não quiseram ir.

— Bem, querido, acho que você está enganado — disse a Sra. Lacey. — Sarah, você bem sabe, queria ir, embora não quisesse admitir.

— Não entendo como ela se preocupa com a opinião daquele sujeito.

— Ela é realmente muito jovem — disse a Sra. Lacey placidamente. — O senhor vai se deitar, M. Poirot? Boa noite. Espero que durmam bem.

— E a senhora, Madame? Não vai se deitar ainda?

— Daqui a pouquinho — respondeu a Sra. Lacey. — Tenho que encher as meias, o senhor sabe. Ah, eu sei que já são todos praticamente adultos, mas eles realmente gostam das meias. A gente faz umas brincadeirinhas! Coisa tola, mas sempre serve para alegrar um bocadinho.

— A senhora trabalha demais para tornar esta casa feliz no Natal — disse Poirot. — Meus cumprimentos.

Poirot levou a mão dela a seus lábios, de maneira cortês.

— Ha — grunhiu o Coronel Lacey quando Poirot saiu. — Um tipo um tanto rebuscado. Ainda assim ... ele parece gostar devocê.

A Sra. Lacey sorriu para ele.

— Você reparou, Horace, que eu estou debaixo de um visco? — perguntou, com o decoro de uma menina de dezenoveanos.

Hercule Poirot entrou em seu quarto. Era bastante grande, equipado com radiadores. Ao se encaminhar para sua imponente cama, observou um envelope em cima do travesseiro. Abriu-o e retirou um pedaço de papel. Era uma mensagem escrita com letras tremidas e maiúsculas:

“NÃO COMA NENHUM PEDAÇO DO PUDIM DE PASSAS.
UMA PESSOA QUE LHE QUER BEM.”

Hercule Poirot olhou a mensagem fixamente. Levantou as sobrancelhas. — Enigmático — murmurou — e altamenteinesperado.

IV

A ceia de Natal começou às duas horas da tarde, e foi um verdadeiro banquete. Enormes toras de madeira crepitavam alegremente na grande lareira, e mais alto que o crepitar elevava-se a babel de muitas línguas falando ao mesmo tempo. A sopa de ostras havia sido consumida, dois enormes perus tinham chegado e saído, meras carcaças da forma anterior. E agora, o momento sublime, o pudim de Natal foi servido com toda pompa. O velho Peverell, as mãos e os joelhos trêmulos devido à fraqueza de seus oitenta anos, não permitia que ninguém além dele o trouxesse. Á Sra. Lacey permanecia sentada, pressionando as mãos em nervosa apreensão. Em algum Natal, tinha certeza, Peverell cairia morto. Tendo que escolher entre deixá-lo cair morto ou ferir seus sentimentos a tal ponto que ele talvez preferisse estar morto a vivo, até o momento preferira a primeira alternativa. Numa bandeja de prata, o pudim de Natal repousava em sua glória. Um pudim do tamanho de uma grande bola de futebol, com um ramo de azevinho espetado como uma bandeira triunfante e gloriosas chamas vermelhas e azuis ao seu redor. Ouviram-se aplausos e exclamações de “Oh!,Ah!”.

Uma coisa a Sra. Lacey fizera: convencera Peverell a colocar o pudim à sua frente para que ela pudesse servir, ao invés de ele ir passando ao redor da mesa para que cada um se servisse. Suspirou de alívio quando o pudim foi depositado em segurança à sua frente. Os pratos foram passando rapidamente, as chamas ainda lambendo ospedaços.

— Faça um desejo, M. Poirot — gritou Bridget. — Faça um desejo antes que a chama se apague. Depressa, vizinho,depressa.

A Sra. Lacey se recostou com um suspiro de satisfação. Em frente de cada um havia um pedaço com a chama ainda acesa. Houve um silêncio momentâneo em toda a mesa, todos desejando com fervor.

Ninguém pôde perceber a expressão um tanto curiosa do rosto de M. Poirot, enquanto ele examinava o pedaço de pudim em seu prato. “Não coma nenhum pedaço do pudim de passas.” Que significado poderia ter tão sinistra recomendação? Não podia haver nada de diferente entre o seu pedaço do pudim de passas e os dos demais! Suspirando ao se reconhecer desconcertado — e Hercule Poirot jamais gostou de se reconhecer desconcertado — apanhou a colher e o garfo.

— Calda de açúcar, M. Poirot?

Poirot serviu-se consideravelmente de calda de açúcar.

— Surrupiou meu melhor conhaque outra vez, hein, Em? — disse o Coronel, bem-humorado, da outra extremidade da mesa. A Sra. Lacey piscou para ele.

— A Sra. Ross insistia em usar o melhor conhaque, querido — falou. — Diz ela que tudo dependeu disso.

— Bem, bem — disse o Coronel Lacey, — Natal só temos uma vez por ano, e a Sra.

Ross é uma excelente pessoa. Excelente pessoa e excelente cozinheira.

— E é mesmo — concordou Colin. — Este pudim de passas está divino. Mmmm. — Encheu a boca com leite.

Gentilmente, quase com escrúpulos, Hercule Poirot atacou seu pedaço de pudim. Comeu uma enorme colherada. Estava delicioso! Investigou com o garfo. Bridget, à sua esquerda, veio em sua ajuda. Alguma coisa retiniu de leve em seu prato.

— O senhor ganhou alguma coisa, M. Poirot — disse ela. — Nem imagino o que seja, Poirot destacou um pequenino objeto de prata das passas que se agarravam a ele.

— Ih! — disse Bridget — é o emblema do solteiro! M. Poirot ganhou o emblema do solteiro.

Hercule Poirot mergulhou o pequeno botão de prata no vaso-dedados colocado ao lado de seu prato, para tirar as migalhas do pudim.

— Muito bonitinho — observou.

— Quer dizer que o senhor vai ficar solteiro, M. Poirot — explicou Colin prestativamente.

— Já era de se esperar — disse Poirot com gravidade. — Sou solteiro há muitos e muitos anos e é pouco provável que mude de status agora. Ah, jamais diga dessa água não beberei — disse Michael. — Eu li outro dia no jornal que um sujeito de noventa e cinco anos se casou com uma moça de vinte e dois.

— Você me estimula — disse Hercule Poirot.

O Coronel Lacey soltou uma exclamação súbita. Seu rosto tornou-se rubro e levou as mãos à boca.

— Raios a partam, Emmeline — urrou, — por que você deixou a cozinheira pôr vidro no pudim?

— Vidro?! — exclamou a Sra. Lacey, atônita.

O Coronel Lacey retirou o material cortante da boca.

— Poderia ter quebrado um dente — resmungou. — Ou ter engolido esta droga e ficado com apêndice.

Mergulhou o pedaço de vidro no vaso-de-dedos, lavou-o e depois levantou-o.

— Meu santo Deus! — exclamou. — É uma pedra vermelha caída de um daqueles broches de fantasia. — Segurou-a no alto.

— O senhor me permite?

Com muito cuidado, Poirot esticou-se na frente de seu vizinho, retirou a pedra dos dedos do Coronel Lacey e examinou-a atentamente. Conforme dissera o dono da casa, era uma enorme pedra vermelha, da cor de um rubi. Girando a pedra, Poirot percebeu que suas facetas brilhavam. Em algum lugar da mesa, uma cadeira foi empurrada abruptamente, e depois voltou a posição anterior.

— Fiu! — assoviou Michael. — Que estranho se ela fosse verdadeira.

— Talvez seja verdadeira — disse Bridget, esperançosamente.

— Ora, não seja idiota, Bridget. Puxa, um rubi deste tamanho valeria milhares e milhares e milhares de libras. Não é mesmo, M. Poirot?

— Valeria mesmo — respondeu Poirot.

— Mas o que eu não consigo entender — interrompeu a Sra. Lacey, — é como ele foi parar dentro do pudim.

— Uau! — exclamou Colin, entre tido com a última colherada. — E uganhei porco. Não é justo.

Bridget cantou imediatamente:

— Colin ganhou o porco! Colin ganhou o porco! Colin é o porco guloso e beberrão.

— Eu tirei o anel — disse Diana, em voz alta e clara.

— Sorte a sua, Diana. Você vai se casar antes de todos nós.

— Eu tirei o dedal — lamentou-se Bridget.

— Bridget vai ficar para tia — cantaram os dois meninos. — Bridget vai ficar para tia.

— Quem tirou o dinheiro? — perguntou David. — Tem uma moeda verdadeira de dez shillings, de ouro, no pudim. Eu sei. A Sra. Ross me contou.

— Acho que sou eu o felizardo — disse Desmond Lee-Wortley.

Os dois vizinhos do Coronel Lacey ouviram-no murmurar:

— É, tinha que ser.

— E eu também ganhei um anel — disse David. Olhou para Diana. — Que coincidência, não é?

As risadas prosseguiram. Ninguém percebeu que Poirot, assim como quem está pensando em outra coisa, havia displicentemente guardado a pedra em seu bolso.

As tortas de frutas e as sobremesas de Natal seguiram-se ao pudim. Depois, os mais velhos do grupo se retiraram para uma merecida sesta, antes da cerimônia do chá e do acender das luzes da árvore de Natal. Hercule Poirot, no entanto, não tirou sua soneca. Ao invés disso, encaminhou-se para a enorme e antiquada cozinha.

— Será que me permitem — perguntou, correndo os olhos e sorrindo, — que eu felicite a cozinheira pela esplêndida refeição que acabo desaborear?

Houve um momento de pausa, e então a Sra. Ross aproximou-se de maneira imponente. Era uma mulher grávida, de constituição nobre e dignidade teatral de uma duquesa. Duas mulheres magras e grisalhas estavam mais adiante, na copa, lavando os pratos, é uma moça de cabelos louro-pálido caminhava de lá para cá, entre a copa e a cozinha. Mas estas, nitidamente, apenas obedeciam ordens. A Sra. Ross era a rainha do setor deculinária.

— Alegra-me o senhor ter gostado, sir — dissegraciosamente.

— Gostado! — gritou Hercule Poirot. Com um gesto extravagantemente estrangeiro, levou sua própria mãos aos lábios, beijou-a e jogou o beijo para o teto. — A senhora é um gênio, Sra. Ross! Um gênio! Jamais provara eu comida tão maravilhosa. A sopa de ostras — fez um barulho expressivo com os lábios — e o recheio. O recheio de nozes do peru, este foi para mim uma experiênciaúnica.

— Bem, e engraçado que o senhor diga isso, sir — falou Sra. Ross, graciosamente.
— É uma receita muito especial, a do recheio. Me foi dada por um mestre-cozua austríaco com quem trabalhei há muitos anos. Mas o resto — acrescentou — não passa da simples e boa cozinha inglesa.

— E existe algo melhor? — indagou Poirot.

— É muita bondade sua dizer isso, sir. É claro que, sendo o senhor estrangeiro, talvez preferisse o estilo do continente. Não que eu não saiba preparar pratos do continente também.

— Tenho certeza, Sra. Ross, que a senhora seria capaz de executar qualquer coisa! Mas a senhora deve saber que a cozinha inglesa — a boa cozinha inglesa, não a que se encontra em hotéis ou restaurantes de segunda classe — é muito apreciada pelos gourmets do continente, e, se não me engano, no início do século dezenove enviaram uma expedição especial a Londres, que mandou um relatório para a França falando das maravilhas dos pudins ingleses. “Não existe nada no gênero na França”, escreveram. “Vale a pena fazer a viagem até Londres nem que seja só para provar as variedades e delícias dos pudins ingleses”. E acima de todos os pudins — prosseguiu Poirot, já enlevado num tipo de rapsódia — está o pudim de passas de Natal, como o que saboreamos hoje. Foi feito em casa, não foi?

— Mas é claro, sir. Eu mesma o fiz, seguindo minha própria receita de muitos e muitos anos. Quando vim para cá, a Sra. Lacey disse que havia encomendado um pudim numa loja de Londres. Não, Madame, falei, foi muita bondade sua, mas nenhum pudim comprado pronto se compara ao feito em casa. Veja bem — disse a Sra. Ross, entusiasmando-se com a arte do assunto — que ele não foi feito muito antes do dia de ser comido. Um bom pudim de Natal tem que ser feito semanas antes, para poder apurar o gosto. Quanto mais tempo antes, dentro de limites, melhor ele fica. Lembro-me agora que, quando eu era criança e íamos à igreja aos domingos, esperávamos pela coleta que começava assim: “Despertaí, ó Senhor, nós Vos imploramos”, porque esta coleta era o sinal, por assim dizer, de que os pudins deveriam ser feitos naquela semana. E eram sempre feitos. Havia a coleta no domingo, e naquela semana, com toda certeza, minha mãe fazia os pudins de Natal. E assim é que deveria ter sido este ano. Mas, na verdade, o pudim foi feito há apenas três dias, um dia antes do senhor chegar. No entanto, mantive o velho costume. Todas as pessoas da casa vieram até a cozinha, deram uma mexida no pudim e fizeram um desejo. É um velho costume, sir, e não me desligodele.

— Muito interessante — disse Hercule Poirot. — Muito interessante. Quer dizer que todos estiveram na cozinha?

— Sim, senhor. O jovem cavalheiro, a Srta. Bridget e o rapaz de Londres que está hospedado aqui, e a irmã dele, e o Sr. David e a Srta. Diana — Sra. Middleton, melhor dizendo. Todos deram uma mexida, sim.

— Quantos pudins a senhora fez? Sóeste?

— Não, sir, fiz quatro pudins. Dois grandes e dois pequenos. O outro pudim grande eu pretendia servir no dia de Ano Novo, e os pequenos eram para o Coronel e a Sra. Lacey, quando estiverem sozinhos, sem o resto da família.

— Entendo, entendo — disse Poirot.

— A bem da verdade, sir — disse a Sra. Ross — os senhores comeram o pudim errado no almoço.

— O pudim errado? — Poirot franziu a testa. — Como assim?

— Bem, sir, nós temos uma fôrma grande de Natal. Uma fôrma de louça com o desenho de azevinhos e viscos na base e sempre cozinhamos nela o pudim do dia de Natal. Mas houve um acidente muito desagradável. Hoje de manhã, quando Annie estava tirando a fôrma da prateleira da despensa, ela escorregou, a fôrma caiu e se quebrou. Bem, sir, é claro que eu não poderia servi-lo, não é mesmo? Podia ter alguns cacos. Então tivemos que servir o outro — o do dia de Ano Novo, que estava numa vasilha lisa. Tem um formato bonito, mas não é tão decorativa quanto a fôrma de Natal. Na verdade não sei aonde vamos conseguir outra fôrma daquela. Ninguém faz mais nada daquele tamanho. É tudo muito miudinho. Ora, basta dizer que não se consegue mais comprar um prato para café da manhã onde caibam de oito a dez ovos e o bacon. Ah, as coisas não são mais como antigamente.

— Não mesmo — disse Poirot. — Mas hoje foi diferente. Este Natal foi igualzinho aos Natais de antigamente, não é verdade?

A Sra. Ross suspirou.

— Bem, alegre-me que o senhor diga isso, sir, mas é claro que não tive a mesma ajuda que costumava ter. Ajuda especializada, entende? Essas meninas de hoje — ela baixou ligeiramente a voz — elas se esforçam e têm boa vontade, mas não foram treinadas, sir, se o senhor me entende.

— É, o tempo muda — disse Hercule Poirot. — Eutambémficou poucotriste, às vezes.

— Estacasa, sir — prosseguiu a Sra. Ross — é muito grande para a patroa e o

Coronel, o senhor sabe. A patroa sabe disso. Viver apenas num canto, como eles fazem, não é a mesma coisa. A casa só ganha vida no Natal, quando a família se reúne.

— É a primeira vez, creio eu, que o Sr. Lee-Wortley e a irmã vêm aqui?

— E sim, sir. — Uma nota de ligeira reserva se insinuou na voz da Sra. Ross. — Ele é muito gentil, mas, bem... é um amigo um pouco estranho para a Srta. Sarah, de acordo com nossas idéias. Mas, que fazer? Em Londres tudo é diferente! É uma pena que a irmã dele esteja tão mal. Fez uma operação. Ela parecia estar bem no dia em que chegou, mas naquele mesmo dia, depois que todos mexeram o pudim, ela teve uma recaída e está de cama até agora. Acho que se levantou logo depois da operação. Ah, esses médicos de hoje, eles mandam a gente para fora do hospital antes mesmo da gente conseguir se firmar sobre as pernas. Ora, a esposa do meu próprio sobrinho...

E a Sra. Ross iniciou uma longa e espirituosa fábula sobre tratamento hospitalar, segundo seus parentes, comparando-a desfavoravelmente com a consideração que costumava ser dispensada aos doentes em outras épocas.

Como era seu dever, Poirot se compadeceu dela.

— Resta ainda — falou — agradecer-lhe pela refeição suntuosa e requintada. A senhora permite um pequeno reconhecimento de minha apreciação?

Uma nota novinha de cinco libras foi empurrada da mão de Poirot para a da Sra. Ross, que disse negligentemente:

— O senhor não precisava fazer isto, sir.

— Eu insisto. Eu insisto.

— Bem, é muita bondade sua, sir. — A Sra. Ross aceitou o tributo, como era sua obrigação. — E eu lhe desejo, sir, um Natal muito feliz e um Próspero Ano Novo.

V

O dia de Natal acabou como costuma acabar a maioria dos dias de Natal. Acenderam a árvore, serviram um esplêndido bolo de Natal na hora do chá, que foi recebido com alegria, mas consumido com moderação. Houve um jantar frio.

Tanto Poirot como seus anfitriões recolheram-se cedo.

— Boa noite, M. Poirot — disse a Sra. Lacey. — Espero que tenha se divertido.

— Foi um dia maravilhoso, Madame, maravilhoso.

— O senhor está muito pensativo — observou a Sra. Lacey.

— Faço considerações sobre o pudim inglês.

— Será que talvez estivesse um pouco pesado? — perguntou a Sra. Lacey, delicadamente.

— Não, não, não são considerações gastronômicas. Considero seu significado.

— É tradicional, é claro — disse a Sra. Lacey. — Bem, boa noite, M. Poirot, e não sonhe demais com pudins de Natal e tortas de frutas.

— É — murmurou Poirot ao se despedir. — Não deixa de ser um problema, este pudim de passas do Natal. Existe nele algo que não compreendo de maneira nenhuma. — Abanou a cabeça de modo irritado. — Bem...veremos.

Depois de algumas preparações, Poirot se deitou, mas não para dormir.

Sua paciência foi recompensada umas duas horas depois. A porta de seu quarto foi aberta gentilmente. Sorriu de si para si. Era exatamente como ele pensou que seria. Sua mente se voltou, por pouco tempo, para a xícara de café que lhe fora entregue por Desmond LeeWortley, com toda polidez. Logo depois, quando Desmond virou de costas, Poirot pôs a xícara na mesa por alguns instantes. Depois pegou de novo, aparentemente, e Desmond teve a satisfação, se aquilo era satisfação, de vê-lo tomar o café até a última gota. Mas um breve sorriso levantou o bigode de Poirot, enquanto ele refletia que uma outra pessoa, e não ele, deveria estar dormindo um sono profundo.

— O jovem e simpático David — disse Poirot de si para si — ele está preocupado, infeliz. Não lhe fará mal algum dormir um sono realmente profundo. E agora, o que vai acontecer?

Ele estava completamente imóvel, respirando de maneira regular, sugerindo ocasionalmente, mas muito de leve., um ronco.

Alguém se aproximou da cama e curvou-se sobre ele. Então, satisfeito, este alguém virou-se de costas e foi até a penteadeira. O visitante examinava os pertences de Poirot, muito bem arrumados sobre o móvel, à luz de uma pequenina lanterna. Os dedos examinaram a carteira de dinheiro, abriram gentilmente as gavetas, e depois passaram a vasculhar os bolsos das roupas de Poirot. Finalmente, o visitante aproximou-se da cama e, com extrema cautela, escorregou a mão sob o travesseiro. Ao retirar a mão, permaneceu um ou dois minutos parado, sem saber bem o que fazer em seguida. Andou pelo quarto olhando seus enfeites, entrou no banheiro contíguo, de onde saiu logo depois. Então, com uma ligeira exclamação de desapontamento, retirou-se do quarto.

— Ah — disse Poirot, num sussurro. — Ficou desapontado. Sim, sim, seriamente desapontado. Ora! Imaginar, então, que Hercule Poirot esconderia alguma coisa onde você pudesse encontrar. — Depois, virando-se para o outro lado, dormiu empaz.

Na manhã seguinte, foi acordado por batidas leves e insistentes em sua porta.

— Oui est là? Entre,entre.

A porta se abriu. Sem respiração, o rosto vermelho, Colin estava de pé no limiar da porta. Atrás dele estava Michael.

— Monsieur Poirot, MonsieurPoirot.

— Sim? — Poirot sentou-se na cama. — Já é o café da manhã? Ah, não. É você, Colin. O quehouve?

Por um momento, Colin ficou sem fala. Parecia estar sob grande impacto emocional. A bem da verdade, fora a visão da touca de dormir usada por Hercule Poirot que lhe afetara momentaneamente os órgãos da fala. Logo depois conseguiu se controlar edisse:

— Eu acho ... M. Poirot, o senhor poderia nos ajudar? Aconteceu uma coisaterrível.

— Aconteceu alguma coisa? Mas oquê?

— É... é Bridget. Ela está lá fora na neve. Eu acho... ela não se move e nem diz nada... Oh, é melhor o senhor ir ver pessoalmente. Estou com muito medo... ela pode estarmorta.

— O quê? — Poirot jogou de lado as cobertas. — Mademoiselle Bridget...morta!

— Acho... acho que alguém a matou. Tem... tem sangue e... oh, venha, porfavor!

— Mas é claro. Mas é claro. Irei nesteminuto.

Com grande habilidade, Poirot enfiou os pés no sapato e vestiu um casaco forrado de pele sobre o pijama.

— Estou indo — falou. — Irei neste minuto. Vocês acordaram o restante dacasa?

— Não. Não, até agora não falamos com ninguém além do senhor. Achei que seria melhor. Vovô e vovó ainda não se levantaram. O café está sendo servido lá embaixo, mas não falei nada com Peverell. Ela — Bridget — está do outro lado da casa, perto do terraço e da janela dabiblioteca.

— Entendo. Mostrem-me o caminho. Eu vouatrás.

Virando-se de costas para esconder um sorriso de satisfação, Colin desceu as escadas na frente de todos. Saíram pela porta lateral. A manhã era límpida e o sol ainda não estava acima do horizonte. Não nevava no momento, mas nevara bastante durante a noite e, por toda parte, havia um tapete intacto de neve espessa. O mundo parecia muito puro e branco e belo.

— Ali! — disse Colin sem fôlego. — Eu... bem... ali! — Apontoudramaticamente.

A bem da verdade, a cena era um tanto dramática. A poucos metros de distância, Bridget estendia-se na neve. Usava um pijama escarlate e um agasalho de lã branca sobre os ombros. O agasalho de lã branca estava manchado de carmesim. A cabeça estava virada de lado e escondida pela massa de seus negros cabelos, espalhados. Um dos braços estava debaixo de seu corpo, o outro estendido, os dedos da mão cerrados e, surgindo de bem do centro da mancha carmesim, o cabo de uma grande faca do Curdistão que o Coronel Lacey mostrara a seus convidados nada mais nada menos do que no dia anterior.

— Mon Dieu! — exclamou M. Poirot. — Parece coisa de teatro. Michael emitiu um ligeiro ruído de riso abafado. Colin pôs-se a falarrapidamente.

— Eu sei — disse ele. — Bem... de alguma forma não parece real, não é? Mas o senhor está vendo estas pegadas? Acho que não deveríamosdesmanchá-las.

— Ah, sim, as pegadas. Não, devemos ter cuidado para não desmanchá-las.

— Foi o que pensei — disse Colin. — Por isso é que não deixei ninguém chegar perto dela antes do senhor vir até aqui. Achei que o senhor saberia o que fazer.

Mesmo assim — disse Hercule Poirot, rapidamente — em primeiro lugar temos que ver se ela ainda está viva! Não é mesmo?

— Bem... sim... é claro — disse Michael, um pouco em dúvida, — mas sabe, nós pensamos ... quer dizer, não gostaríamos...

— Ah, vocês são prudentes! Leram histórias de detetives. É da maior importância que não se mexa em nada e que o corpo permaneça como está. Mas ainda não podemos ter certeza de que se trata de um corpo, ou podemos? Afinal de contas, embora a prudência seja admirável, os sentimentos humanos vêm em primeiro lugar. Temos que pensar no médico, não é mesmo, antes de pensarmos napolícia.

— Ah, sim. É claro — disse Colin, ainda um pouco desconcertado.

— Nós apenas achamos... quer dizer... achamos que devíamos chamar o senhor antes de qualquer coisa — disse Michael, apressadamente.

— Então fiquem vocês dois aqui — disse Poirot. — Vou pelo outro lado para não desmanchar as pegadas. Pegadas excelentes, não é mesmo, muito bem delineadas. Pegadas de um homem e de uma menina indo para o local onde ela se encontra. E depois as pegadas do homem volta, mas as da menina — não.

— Devem ser as pegadas do assassino — disse Colin, o fôlego contido.

— Exatamente — disse Poirot. — As pegadas do assassino. Um pé longo e estreito, com um sapato característico. Muito interessante. E fácil, creio eu, de reconhecer. Sim, estas pegadas serão muito importantes.

Nesse momento, Desmond Lee-Wortley saiu de casa com Sarah, e se juntaram ao grupo.

— Que diabo vocês estão fazendo aqui? — perguntou de maneira um tanto teatral. — O que houve? Santo Deus, o que é aquilo? Pa... parece...

— Exatamente — disse Hercule Poirot. — Parece um assassinato, não é mesmo?

Sarah ficou boquiaberta, depois lançou um olhar rápido e suspeito aos dois meninos.

— O senhor quer dizer que alguém matou a garota... como é mesmo o nome dela. — Bridget? — perguntou Desmond. — Quem quereria matá-la? Inacreditável!

— Existem muitas coisas inacreditáveis — disse Poirot. — Principalmente antes do café, não é mesmo? E o que diz um dos clássicos de vocês. Seis coisas impossíveis antes do café da manhã. — E acrescentou: — Por favor esperem aqui, todosvocês.

Fez a volta cuidadosamente, aproximou-se de Bridget e curvou-se sobre o corpo durante alguns instantes. Colin e Michael já se sacudiam todos, por causa do riso contido. Sarah juntou-se a eles, murmurando:

— O que é que vocês andaram aprontando?

— Bridget, amiga velha — sussurrou Colin. — Ela não está maravilhosa? Nem um movimentozinho!

— Nunca vi nada tão morto como Bridget parece estar agora — sussurrou Michael.

Hercule Poirot levantou-se de novo.

— Que coisa mais terrível — disse. Sua voz demonstrava uma emoção inexistente até aquele momento.

Dominados pelo riso, Michael e Colin viraram-se de costas. Com voz sufocada, Michael perguntou:

— O que... o que vamos fazer agora?

— Só há uma coisa a fazer — disse Poirot. — Temos que chamar a polícia. Será que um de vocês poderia telefonar, ou preferem que eu o faça?

— Eu acho — disse Colin, — eu acho... o que é que você acha, Michael?

— É — disse Michael — acho que está na hora de acabar a brincadeira. — Deu um passo adiante. — Pela primeira vez aparentava insegurança. — Mil desculpas — falou, — espero que o senhor não fique muito zangado. Foi... bem... foi uma espécie de brincadeirinha de Natal, o senhor entende. Nós achamos que... bem, achamos que poderíamos encenar um crime para o senhor.

— Acharam que poderiam encenar um crime para mim? Quer dizer que então que... entãoisso...

— É apenas um espetáculo que criamos — explicou Colin, — Para... para que o senhor se sentisse à vontade, entende?

— Ah — disse Hercule Poirot. — Compreendo. Pregaram-me um primeiro-de-abril, não é isso? Mas acontece que hoje não é primeiro de abril, é vinte e seis dedezembro.

— Acho que, na verdade, não deveríamos ter feito isso — disse Colin, — mas... mas... o senhor não ficou muito zangado, ficou, M. Poirot? Pronto, Bridget — gritou ele, — pode se levantar. Você já deve estar quasecongelada.

A figura na neve, entretanto, não se moveu.

— Estranho — disse Hercule Poirot — ela não parece estar ouvindo vocês. — Olhou para os dois com ar pensativo. — Vocês disseram que é uma brincadeira? Vocês têm certeza de que é brincadeira?

— Ora, é claro — disse Colin, pouco à vontade. — Nós... nós não queríamos fazer nada demais.

— Mas então por que Mademoiselle Bridget não selevanta?

— Não faço a menor idéia — disse Colin.

— Vamos, Bridget — disse Sarah com impaciência. — Não fique aí deitada que nem uma boba.

— Sentimos muito mesmo, M. Poirot — disse Colin, apreensivo. — Milperdões.

— Não precisam ficar se desculpando — disse Poirot, num tom peculiar.

— O que o senhor quer dizer? — Colin olhou-o fixamente. Virouse de novo. —

Bridget! Bridget! O que é que está havendo? Por que ela não se levanta? Por que fica lá deitada?

Poirot fez um sinal para Desmond.

— O senhor, Sr. Lee-Wortley. Venha cá.

Desmond aproximou-se.

— Tome o pulso dela — disse Poirot.

Desmond Lee-Wortley abaixou-se. Tocou o braço, o pulso.

— Não tem pulso... — arregalou os olhos para Poirot. — O braço dela está duro.

Santo Deus, ela está morta mesmo!

Poirot confirmou com a cabeça.

— Sim, ela está morta. Alguém transformou esta comédia em tragédia.

— Alguém — quem?

— Existem várias pegadas indo e vindo. Pegadas extremamente semelhantes às que o senhor fez neste minuto, Sr. Lee-Wortley, para vir até aqui.

Desmond Lee-Wortley girou o corpo.

— Que diabo... O senhor está me acusando? A MIM? O senhor está maluco? Por que cargas d'água eu iria matar essa garota?

— Ah... porquê? Eu posso imaginar... vejamos...

Abaixou-se, e gentilmente abriu os dedos enrijecidos da mão fechada da menina.

Desmond perdeu a respiração. Olhava fixamente para baixo sem acreditar. Na palma da mão da menina morta estava o que parecia ser um imenso rubi.

— É aquele troço que estava dentro do pudim! — gritou.

— É — perguntou Poirot. — Tem certeza?

— Claro que é.

Com um movimento rápido, Desmond se abaixou e tirou a pedra vermelha da mão de Bridget. — O senhor não deveria ter feito isso — disse Poirot, com um ar de reprovação. — Não se deve mexer em nada.

— Eu não mexi no corpo, mexi? Mas esta coisa poderia... poderia se perder e é uma evidência. O mais importante é fazer com que a polícia chegue aqui o mais rápido possível. Vou telefonar imediatamente.

Fez a volta e disparou em direção a casa. Sarah veio rapidamente para o lado de Poirot.

— Eu não entendo — murmurou ela. Seu rosto aparentava uma palidez mortal. — Eu não entendo. — Segurou o braço de Poirot. — O que o senhor quis dizer com... com aquele negócio das pegadas?

— Veja com seus próprios olhos, Mademoiselle.

As pegadas que iam e vinham do corpo eram iguais às que iam e saíam do lado de Poirot.

— O senhor quer dizer... que foi Desmond? Bobagem!

Subitamente, o barulho de um carro cortou o ar límpido. Todos se voltaram. Viram

nitidamente o carro se afastando numa velocidade incrível, e Sarah o reconheceu.

— É Desmond — falou. — É o carro de Desmond. Ele... ele deve ter ido buscar a polícia ao invés de telefonar.

Diana Middleton saiu de casa correndo e se juntou a eles.

— O que houve? — gritou, quase sem fôlego. — Desmond entrou em casa voando. Disse qualquer coisa a respeito de Bridget ter sido assassinada, começou a sacudir o telefone, mas estava mudo. Disse que a única coisa a fazer era pegar o carro e ir até a polícia. Por que a polícia?...

Poirot fez um gesto.

— Bridget? — Diana olhou-o fixamente. — Mas naturalmente... não seria uma espécie de piada? Ouvi algo... algo a respeito ontem à noite. Pensei que iam pregar uma peça no senhor, M. Poirot.

— Exato — disse Poirot, — era essa a intenção... pregar uma peça a mim. Mas vamos para casa, todos nós. Vamos pegar uma gripe mortal aqui e, além do mais, nada há a fazer até que o Sr. Lee-Wortley volte com a polícia.

— Espere aí — disse Colin, — não podemos... não podemos deixar Bridget aqui sozinha.

— Não adianta nada você ficar — disse Poirot, gentilmente. — Vamos, é uma tragédia, muito triste, mas não há nada que possamos fazer para ajudar Mademoiselle Bridget. Então vamos entrar, nos aquecer e, quem sabe, tomar uma xícara de chá ou de café.

Seguiram-no obedientemente para dentro de casa. Peverell estava prestes a soar o gongo. Se achou estranho que a maioria dos hóspedes estivesse fora de casa, e que Poirot fizesse sua aparição de pijama e sobretudo, nada demonstrou. Apesar da idade avançada, Peverell ainda era um perfeito mordomo. Não observava nada que não lhe fosse pedido. Entraram na sala de jantar e sentaram-se. Quando todos já se tinham servido de café e o tomavam em pequenos goles, Poirot falou:

— Tenho uma pequenina história para lhes contar. Não posso entrar em detalhes, isso não. Mas posso dar uma idéia geral. Trata-se de um jovem príncipe que veio a este país. Trouxe consigo uma famosa jóia, que receberia um novo engaste antes de ser dada de presente à moça com quem iria se casar. Mas, infelizmente, antes disso ele conheceu uma jovem muito graciosa. Esta jovem graciosa não dava muita importância ao rapaz, mas dava extrema importância à jóia — tanto assim que ela desapareceu juntamente com o objeto histórico, que pertencia à casa do príncipe há várias gerações. De forma que, como vocês podem perceber, o infeliz jovem encontra-se num dilema. O escândalo precisa ser evitado, acima de tudo. Impossível recorrer à polícia. Então, ele recorre a mim, a Hercule Poirot. “Recupere para mim”, disse ele, “meu histórico rubi”. Eh bien, esta jovem tem um amigo que já efetuou diversas transações duvidosas. Esteve envolvido em chantagens e em venda de jóias no exterior. Tem sempre demonstrado muita inteligência. Há suspeitas sobre ele, sim, mas nada pode ser provado. Chegou a meu conhecimento que este inteligente cavalheiro viria passar o Natal aqui nesta casa. É importante que a jovem graciosa, uma vez conseguida a jóia, suma de circulação por uns tempos, para que não sofra pressões e para que não responda perguntas. Fica combinado, portanto, que ela venha aqui para Kings Lacey, ostensivamente como irmã do cavalheiro inteligente...

Sarah respirou fundo.

— Ah, não. Ah, não, aqui não! Não comigo aqui!

— Mas é assim que é — disse Poirot. — E, com um pequenino arranjo, eu também sou convidado para o Natal. A tal jovem supostamente acaba de sair do hospital. Ao chegar aqui, está bem melhor. Mas depois chega a notícia de que eu viria também, um detetive — um detetive famoso. Na mesma hora ela tem uma recaída. Esconde o rubi no primeiro lugar que lhe vem à mente e depois, com grande rapidez, tem a tal recaída que a leva de volta para a cama. Ela não quer que eu a veja porque, sem dúvida alguma, tenho uma fotografia e vou reconhecê-la. E muito maçante para ela, sim, mas tem que ficar em seu quarto enquanto o irmão lhe leva as bandejas.

— E o rubi? — perguntou Michael.

— Eu acho — prosseguiu Poirot — que no momento em que minha vinda foi mencionada, a moça estava na cozinha com vocês, todos rindo e falando e mexendo os pudins de Natal. Os pudins são colocados em tigelas e a moça esconde o rubi, empurrando-o para o fundo de uma das tigelas com pudim. Não o que vamos comer no Natal. Ah, não, este ela sabe que está numa tigela especial. O rubi é posto numa outra, na que deve ser servida no Dia de Ano Novo. Antes disso ela irá embora e, ao sair, sem dúvida alguma levará o pudim de Natal. Mas vejam a mão do destino. Na manhã do dia de Natal acontece um acidente. O pudim de Natal, em sua fôrma própria, cai no chão duro e a fôrma se estilhaça por completo. O que pode ser feito, então? A bondosa Sra. Ross apanha o outro pudim para servir.

— Santo Deus — disse Colin, — quer dizer, então, que no dia de Natal era um rubi de verdade aquilo que foi parar na boca do vovô?

— Precisamente — respondeu Poirot, — e você bem pode imaginar as emoções do Sr. Desmond Lee-Wortley ao ver aquilo. Eh bien, o que acontece em seguida? O rubi passa de mão em mão. Eu o examino e consigo colocá-lo em meu bolso sem ser notado. De modo displicente, como se aquilo não me interessasse. Mas uma pessoa, pelo menos uma, observa o que fiz. Ao me deitar, essa pessoa dá uma busca em meu quarto. Dá uma busca em mim. Não encontra o rubi. Porquê?

— Porque — disse Michael, sem fôlego — o senhor o havia entregue a Bridget. Por isso. Então foi por isso... mas não estou entendendo direito... quer dizer... Escute aqui, o que aconteceu de fato?

Poirot sorriu para ele.

— Venha até a biblioteca — falou — e olhem pela janela, porque lhes mostrarei algo que talvez explique o mistério.

Saiu andando na frente e todos o seguiram.

— Examinem mais uma vez — disse Poirot — a cena do crime.

Apontou para fora da janela. Uma exclamação simultânea partiu dos lábios de todos. Não havia corpo algum sobre a neve, nenhum vestígio da tragédia, a não ser um monte de neve amarrotada.

— Não foi sonho, aquilo, foi? — perguntou Colin, com voz sumida. — Eu... alguém levou o corpo?

— Ah — disse Poirot. — Estão vendo? O Mistério do Corpo Desaparecido. — Fez um gesto afirmativo com a cabeça e piscou gentilmente.

— Santo Deus — gritou Michael. — M. Poirot, o senhor está... o senhor não... ora, vejamos só, ele nos tapeou o tempo todo!

Poirot piscou mais do que nunca.

— É verdade, meus garotos. Também eu preguei minha pequenina peça. Eu sabia do arranjo de vocês, entendem, de forma que combinei um contra-arranjo meu mesmo. Ah, voilá, Mademoiselle Bridget. Não lhe aconteceu nada por ter ficado exposta na neve? Assim espero. Jamais me perdoaria se você pegasse une fluxion depoitrine.

Bridget acabara de entrar no aposento. Vestia uma saia grossa e um suéter de lã. Estava rindo a valer.

— Mandei um tisane para o seu quarto — disse Poirot, muito sério. — Já obebeu?

— Um gole foi suficiente! — respondeu Bridget. — Eu estou bem. Saí-me bem, M. Poirot? Nossa, meu braço ainda dói, mesmo depois daquele torniquete que o senhor me mandou usar.

— Você esteve esplêndida, minha filha — disse Poirot. — Esplêndida. Mas veja, os outros ainda estão meio perdidos. Ontem à noite procurei Mademoiselle Bridget. Disse-lhe que sabia da existência do pequeno complô de vocês e perguntei se ela poderia representar um papel para mim. Ela o fez com muita inteligência. Fez as pegadas com um par de sapatos do Sr. Lee-Wortley.

Sarah falou com voz áspera:

— Qual o objetivo de tudo isso, M. Poirot? Para que o senhor mandou Desmond ir chamar a polícia? Vão ficar muito zangados quando descobrirem que tudo não passa de piada.

— Mas não creio nem por um minuto, Mademoiselle, que o Sr. Lee-Wortley tenha ido chamar a polícia. Assassinato é o tipo da coisa com que o Sr. Lee-Wortley não gostaria de se ver envolvido. Ele perdeu completamente o controle. A única coisa que conseguia ver era a oportunidade de recuperar o rubi. Apanhou-o, fingiu que o telefone estava enguiçado e fugiu em seu carro, pretensamente para ir buscar a polícia. Eu, particularmente, acho que foi a última vez que você o viu, pelo menos durante um bom tempo. Ele tem, se não me engano, seus próprios meios de sair da Inglaterra. Ele tem um avião particular, não é verdade, Mademoiselle?

Sarah assentiu com a cabeça.

— Tem. Nós estávamos pensando em... — Parou de falar.

— Ele queria que você fugisse com ele dessa forma, não é verdade? Eh bien, é uma boa maneira de se contrabandear uma jóia para fora do país. Quando você está fugindo com uma moça, e o fato ganha publicidade, ninguém suspeitará que você também esteja contrabandeando uma jóia histórica para o exterior. Ah, sim, a camuflagem seriaperfeita.

— Não acredito — disse Sarah. — Não acredito em nada disso!

— Então pergunte à irmã dele — disse Poirot, gentilmente acenando a cabeça sobre o ombro. Sarah virou o rosto rapidamente.

Uma mulher de cabelos louros esbranquiçados encontrava-se de pé na soleira da porta. Vestia um casaco de peles e trazia o cenho franzido. Estava visivelmente furiosa.

— Irmã uma ova! — disse, com um riso breve e desagradável. — Aquele imbecil não

é meu irmão porcaria nenhuma! Quer dizer que ele se arrancou, não é, e me deixou na pior? Foi tudo idéia dele. Ele é que me meteu nisso! Disse que a grana era garantida. Que nunca haveria processo, por causa do escândalo. A todo momento eu podia ameaçar dizer que Ali me dera a pedra histórica. Des e eu íamos dividir a moamba em Paris... e agora o animal me deixa na mão! Se eu pudesse eu o matava! — Virou-se abruptamente. — Quanto mais rápido eu sair daqui... Será que alguém pode chamar um táxi?

— Há um carro à sua espera na porta da frente, para lhe levar até a estação, Mademoiselle — disse Poirot.

— O senhor pensa em tudo, não é?

— Quase tudo — respondeu Poirot, complacientemente.

Mas Poirot não conseguiu se livrar com tanta facilidade. Ao voltar para a sala de jantar, depois de ver a falsa Senhorita Lee-Wortley entrar no carro, encontrou Colin à sua espera. A vontade de rosto infantil tinha um ar carrancudo.

— Escute aqui, M. Poirot. E o rubi? Quer dizer que o senhor permitiu que o levassem? As feições de Poirot tomaram um ar de desânimo. Torceu os bigodes. Parecia pouco à vontade ainda....

— Ainda hei de recuperá-lo — disse com voz fraca. — Existem outros meios. Ou

— Muito bonito! — exclamou Michael. — Deixar aquele imbecil fugir com o rubi. Bridget foi mais incisiva.

— Ele está nos tapeando de novo! — gritou. — Não é verdade, M. Poirot?

— Vamos fazer nosso último truque em parceria, Mademoiselle? Apalpe o meu bolso.

Bridget enfiou uma mão. Retirou-a com uma exclamação de triunfo e segurou no alto o enorme rubi, brilhando em esplendoroso carmesim.

— Você entende — explicou Poirot, — que o que pus em sua mão foi uma perfeita réplica. Trouxe-o de Londres, caso precisasse fazer alguma substituição. Entendem? Não queremos escândalos. Monsieur Desmond tentará se desfazer do rubi em Paris ou na Bélgica, ou onde quer que ele tenha seus contatos. Descobrirá, então, que a pedra não é a verdadeira! Poderia haver algo melhor? Tudo acaba bem. Evita-se o escândalo, o meu jovem príncipe recupera o rubi, volta para o seu país e realiza um casamento sóbrio e, esperamos, feliz. Tudo acababem.

— Menos eu — murmurou Sarah, com voz sumida.

Ela falou tão baixo que ninguém a ouviu, exceto Poirot. Abanou a cabeça, gentilmente.

— Você se engana, Mademoiselle Sarah, nisso que está dizendo. Você ganhou experiência. E toda experiência é valiosa. À sua frente, eu profetizo, encontra-se a felicidade.

— Isto é o que o senhor diz — retrucou Sarah.

— Mas escute aqui, M. Poirot — Colin franziu a testa, — e como é que o senhor sabia da peça que tínhamos combinado?

— Meu ofício é saber as coisas — respondeu Hercule Poirot. Torceu o bigode.

— Eu sei, mas não entendo como conseguiu ficar sabendo. Alguém deu com a língua nos dentes... alguém lhe disse alguma coisa?

— Não, não, issonão.
 — Então, como? Diga como foi.

Todos repetiram em coro:

— Diga como foi.
 — Isso não — protestou Poirot. — Isso não. Se eu lhes disser como deduzi, perderia

todo o valor. É como se o mágico, ao fim do espetáculo, explicasse todos os seus truques!

— Conte, M. Poirot! Vamos, digalogo!
 — Vocês realmente querem que eu resolva este último mistério para vocês?
 — Queremos sim. Digalogo.
 — Ah, acho que não posso. Vocês ficariam tão desapontados...
 — Ora, M. Poirot, conte. Como é que o senhor sabia?

— Bem, vamos lá. Eu estava numa cadeira perto da janela da biblioteca, depois do chá, um dia desses, repousando. Eu havia adormecido e, quando acordei, vocês estavam discutindo seus planos lá fora, bem pertinho da minha janela, que estava aberta no alto.

— Só isso? Exclamou Colin, aborrecido. — Como foi simples!
 — Não foi? — disse Hercule Poirot, sorrindo. — Viram? Vocês ficaram

desapontados.

— Bem — disse Michael, — mas, de qualquer maneira, agora sabemos tudo.
 — Sabemos? — murmurou Hercule Poirot para si mesmo. — Eu não. Eu, cujo ofício

é saber as coisas.

— Dirigiu-se para o vestibulo, abanando vagarosamente a cabeça. Pela vigésima vez, mais ou menos, retirou do bolso um pedaço de papel um tanto sujo. “NÃO COMA NENHUM PEDAÇO DO PUDIM DE PASSAS. ALGUÉM QUE LHE QUER BEM”.

Hercule Poirot abanou a cabeça, pensativo. Ele, que tudo podia explicar, não tinha explicação para isso! Humilhante. Quem teria escrito? Por que teria sido escrito? Até descobrir tudo, não teria um momento de paz. Subitamente despertou em seus sonhos e percebeu a exclamação peculiar de alguém que leva um susto. Olhou rápido para baixo. No chão, ocupada

com uma escova e uma pá, havia uma criatura de cabelos louros pálidos, vestida num macacão florido. Tinha os olhos grandes e redondos fixados no pedaço de papel.

— Oh sir — disse a aparição. — Oh sir, por favor, sir.

— E quem é você, mon enfant? — indagou Poirot, jovialmente.

— Annie Bates, sir, por favor, sir. Estou aqui para ajudar a Sra. Ross. Não tive a intenção, sir, não tive intenção de... de fazer o que não devia. Minha intenção foi boa, sir. Pelo seu bem, quer dizer.

A mente de Poirot se iluminou. Mostrou o pedaço de papel sujo.

— Foi você que escreveu isso, Annie?

— Não quis fazer mal algum, sir. Não quis mesmo.

— Claro que não, Annie. — Sorriu para ela. — Mas vamos conversar. Por que escreveu isso?

— Bem, foram eles dois, sir. O Sr. Lee-Wortley e a irmã dele. Não que ela era irmã dele, tenho certeza. Nenhuma de nós achava isso! E ela não estava nem um tiquinho doente. Todo mundo podia ver isso. Pensamos — todas nós pensamos — que estava acontecendo alguma coisa esquisita. Vou contar tudo direitinho, sir. Eu estava no banheiro dela, botando as toalhas limpas, e ouvi pela porta. Ele estava no quarto dela, e os dois estavam conversando.

Ouvi o que eles disseram, tintim por tintim. “O detetive”, ele falou. “Esse tal de Poirot que vem para cá. Temos que fazer alguma coisa. Temos que nos livrar dele o mais rápido possível”. E depois ele falou, de maneira meio grosseira, sinistra, baixando a voz, “Onde foi que você colocou?” E ela respondeu “No pudim”. Oh, sir, meu coração deu um pulo tão grande que eu pensei que ia parar de bater. Pensei que eles estavam querendo envenenar o senhor com o pudim de Natal. Eu não sabia o que fazer! A Sra. Ross, ela não ia me dar ouvidos. Foi então que eu tive a idéia de escrever um bilhete. Escrevi e pus no seu travesseiro, onde o senhor ia ver na hora de deitar. — Annie fez uma pausa, já semfôlego.

Poirot examinou-a gravemente durante alguns segundos.

— Acho que você vê muitos filmes sensacionalistas, Annie — disse ele por fim, — ou será que está sendo afetada pela televisão? Mas o que importa é que você tem um bom coração e um pouco de engenhosidade. Quando eu voltar a Londres lhe enviarei um presente.

— Oh, eu agradeço, sir. Muito obrigada, sir.

— O que você gostaria, Annie, de ganhar de presente?

— O que eu quiser, sir? Posso pedir o que eu quiser?

— Dentro de limites — disse Hercule Poirot, prudentemente, — pode.

— Oh, sir, posso pedir um estojo de cosméticos? Que nem um daqueles estojos de verdade que a irmã do Sr. Lee-Wortley, sei que não era irmã, tinha?

— Pode — respondeu Poirot, — pode, acho que isso não é difícil. Interessante — refletiu ele, — outro dia eu estava num museu analisando algumas antigüidades da Babilônia, ou de um desses lugares, com milhares de anos — e dentre elas havia estojos de cosméticos. O coração da mulher não muda.

— Como disse, sir? — perguntou Annie.

— Nada — respondeu Poirot. — Estava pensando. Você ganhará seu estojo, minha filha.

— Oh, obrigada, sir. Oh, muitíssimo obrigada, sir.

Annie saiu em êxtase. Poirot seguiu-a com os olhos, balançando a cabeça, satisfeito.

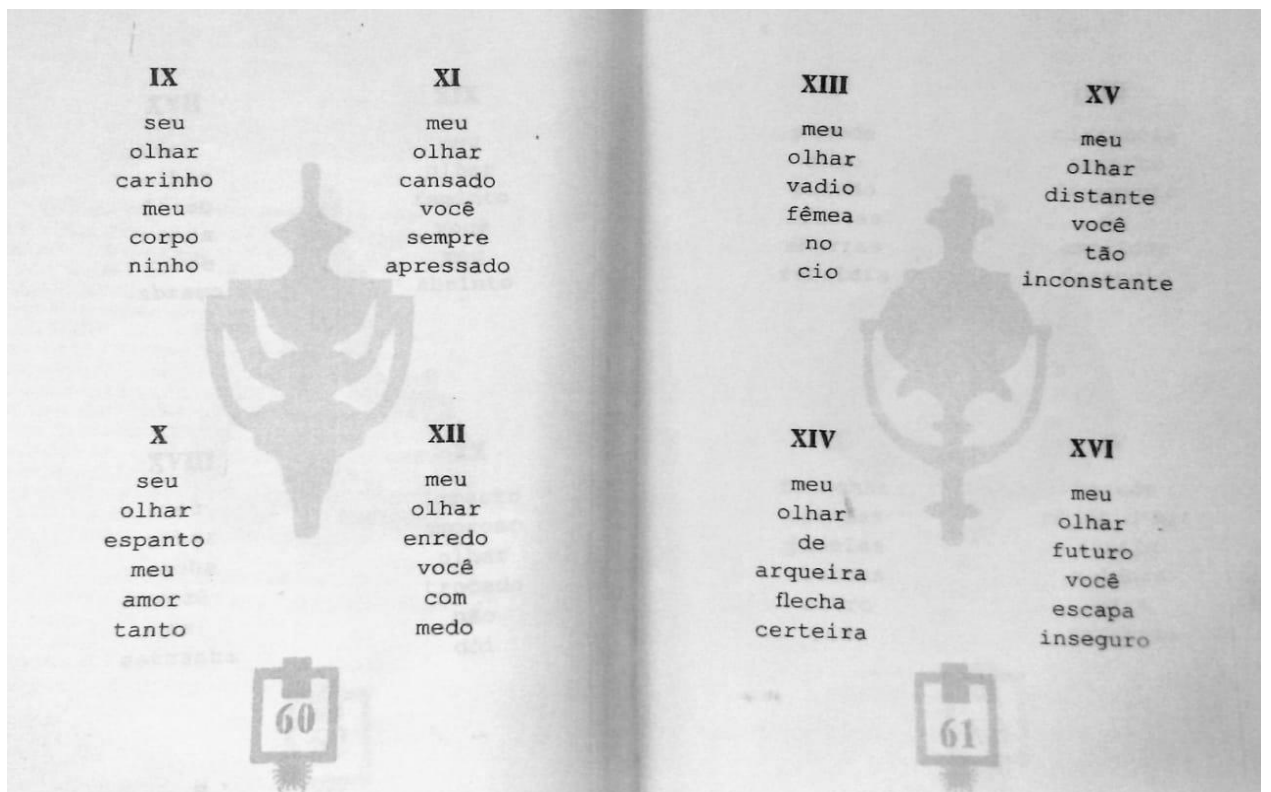
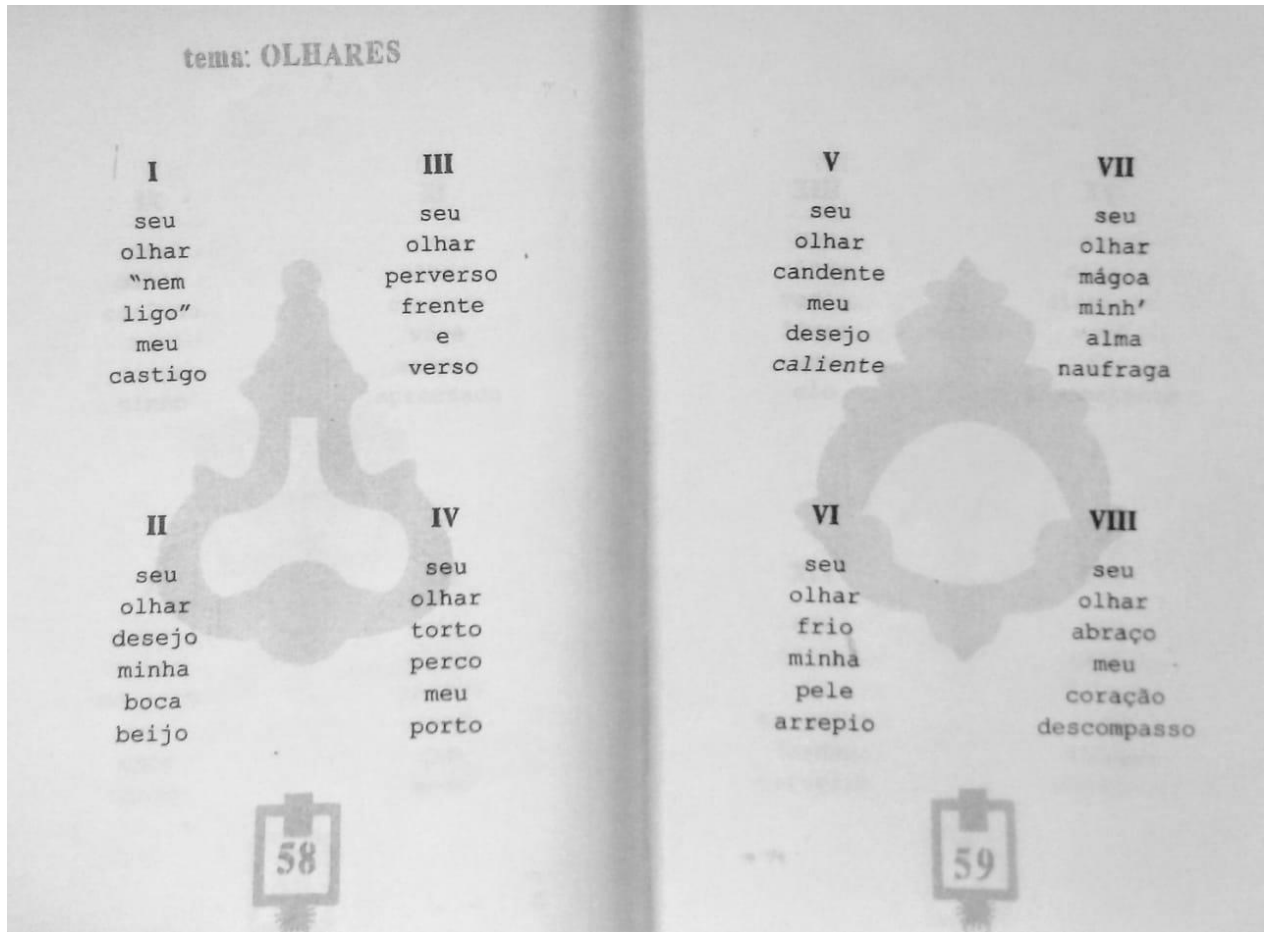
— Ah — disse para si mesmo. — E agora... me vou. Não há mais nada a fazer aqui.

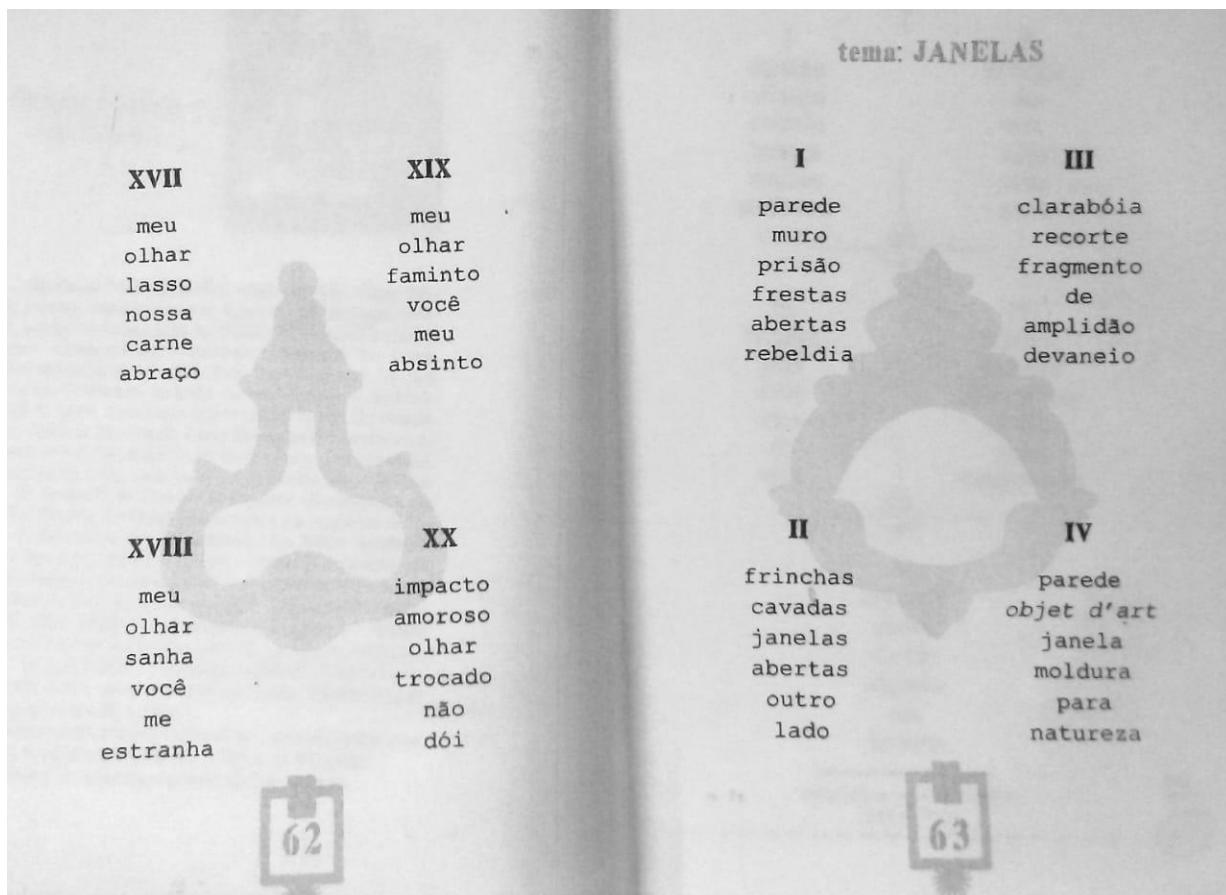
Um par de braços envolveu seus ombros, inesperadamente.

— Se o senhor quiser ficar de pé debaixo de um visco... — disse Bridget.

Hercule Poirot se divertiu. Divertiu-se bastante. Disse para si mesmo que tivera um excelente Natal.

Anexo N






Anexo O

o livro I das aldraviepas

Alcione Sortica
- RS / Brasil -



Gaúcho de Cachoeira do Sul, reside em Porto Alegre. Têm contos, poesias, crônicas e ensaios literários em antologias, coletâneas, jornais, revistas e sites da INTERNET. Diversos trabalhos premiados. Ativista cultural. Embaixador Universal da Paz - Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix, Suisse & France. Da Casa do Poeta Rio-Grandense, Instituto Cultural Português, Instituto Estadual do Livro, Associação Internacional Poetas Del Mundo, Proyecto Cultural Sur Brasil, União Brasileira de Escritores do Rio Grande do Sul, Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas. Da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves de Porto Alegre. Da Academia de Estudos e Pesquisas Literárias/RJ. Da Academia Literária Rio-Cidade Maravilhosa Da Academia de Letras de Teófilo Otoni /MG. Embaixador da Divine Académie Française des Arts, Lettres et Culture - Paris/FR. Comenda pela Academia Pelotense de Letras. Comenda Escritor Frederico Eduardo Wollmann da Real Academia de Letras. Troféu Pedro Aleixo - Itabira/MG/2012. Troféu Carlos Drummond de Andrade - Itabira/MG/2012. Co-fundador da Revista Literária CAOSótica. Livros publicados: "Cacos do tempo", "Peneirando estrelas" e "Beira de água", contendo contos, poesias e crônicas. Lema: "Poesia-Grito de esperança por um mundo melhor."
E-mails: escritor.sortica@portoweb.com.br - caco35@gmail.com
Site: www.alcionesortica.com Página na Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcione_Sortica

I
menina
criança
embala
boneca
sonhos
maternos

II
criança
de
rua
anjo
sem
asas

III
criança
pais
avós
elos
de
vida

IV
criança
fofinha
adolescente
esbelta
vovó
enrugadinha

V
criança
livro
aberto
páginas
em
branco

Aldraviepa de ALCIONE SORTICA
Tema: CRIANÇA

22 23

o livro I das aldraviepas

VI
gritinhos
de
criança
alegria
no
ar

VII
criança
lambuzada
de
feijão
adulto
fortão

VIII
sorriso
de
criança
raio
de
sol

IX
criança
andreaia
menina
prodígio
belas
aldravias

X
criança
com
avós
alfa
mais
ômega

Aldraviepa de ALCIONE SORTICA
Tema: CRIANÇA

XI
criança
realização
de
tudo
que
faltou

XII
futebol
bola
cheia
criança
barriga
vazia

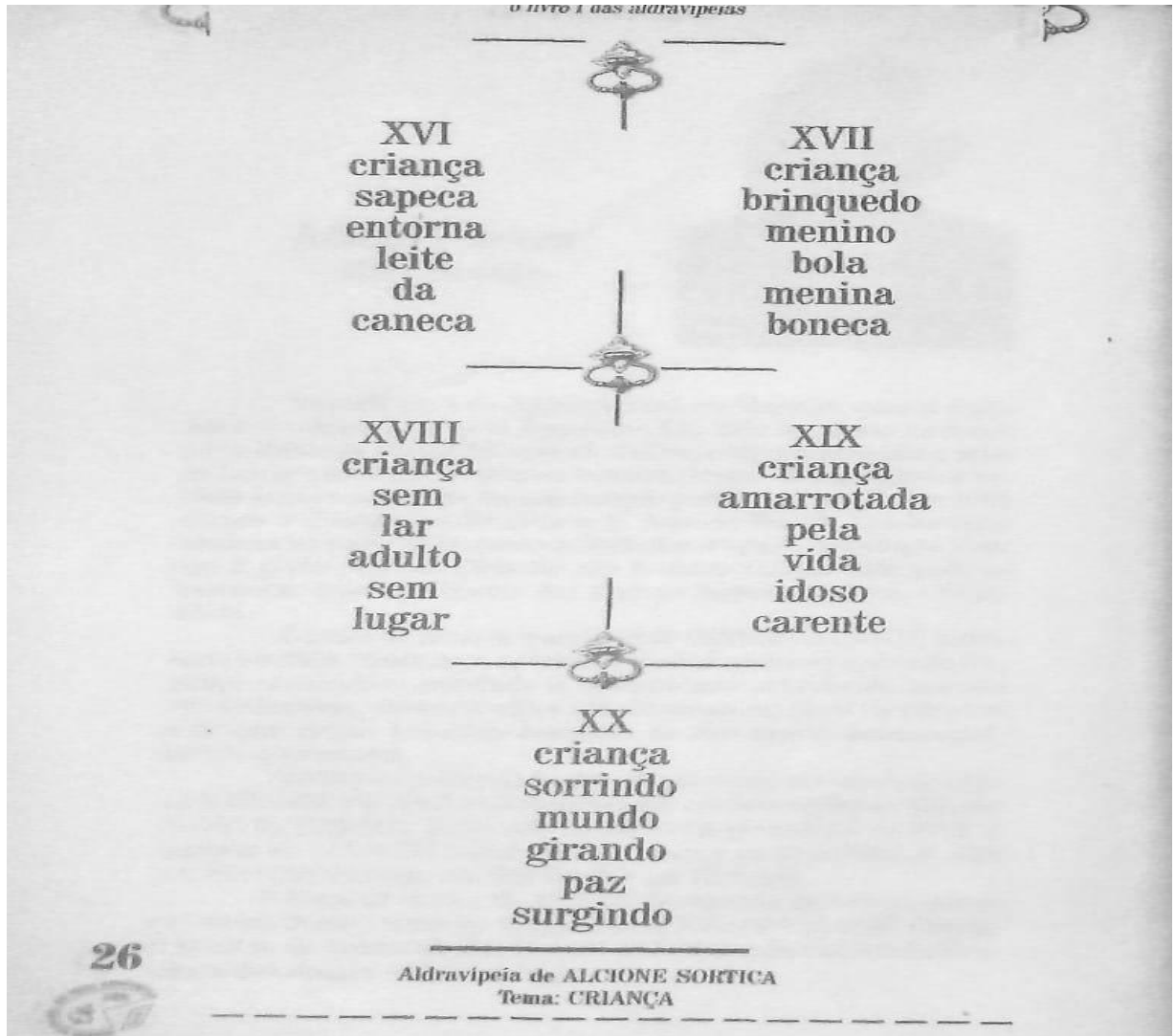
XIII
criança
sem
ler
adulto
sem
saber

XIV
criança
semente
viva
da
nossa
esperança

XV
poeta
adulto
conserva
espírito
de
criança


Aldraviepa de ALCIONE SORTICA
Tema: CRIANÇA

24 25



Anexo P

Anício Chaves
- MG / Brasil -



Nascido aos 4 de Junho de 1940 em Mariana, cursou o primário no Grupo Escolar D. Benevides. Em 1954 ingressou no Seminário Menor de Miguel Burnier (S. Julião) onde fez o ginasio e além do Latim e do Francês estudou também Grego e Italiano. Neste período iniciou-se na arte da composição poética e musical. Em 1960 cursou o Clássico no Seminário S. José do Rio de Janeiro onde também fez parte da Orquestra Sinfônica daquela instituição. Cursou 2 (dois) anos de Filosofia nos Estados Unidos onde pôde se aprimorar no conhecimento das línguas Inglesa, Italiana e Espanhola.

É autor do livro de poesia *POR DETRÁS DA FACE*, publicado em 2009. Neste livro os leitores podem conhecer muito do trabalho construtivo prestado à comunidade através de poesias reivindicativas, promocionais e até ufanistas em favor de um povo e de uma cidade histórica detentora de rico acervo patrimonial, artístico e cultural.

Participou juntamente com outros escritores da Antologia *LUMENS EM PROSA E VERSO* (livro que recebeu o prêmio "Walmir Ayala" da UBE-RJ), publicado no início da primavera de 2011, e também de *O LIVRO I DAS ALDRAVIAS* e de *O LIVRO II DAS ALDRAVIAS*, lançado em São Paulo e em Portugal.

É Membro efetivo da ALACB (Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil), tendo participado do *LIVRO I DA ALACB* (2013). É Membro da Academia Marianense de Letras e da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas.

01 da janela do quarto vejo rio

02 riqueza da fazenda nascente do rio

03 alevinos nascem crescem dominam o rio

04 rio calmo aprendi a nadar escondido

05 rio jordão berço do batismo cristão

Aldravipeia de ANÍCIO CHAVES
Tema: RIO

06 rio divide terras mas une pessoas

07 chuva na cabeceira sinaliza rio cheio

08 rio rola pedra abaixo revolto raivoso

09 na planície sem tropeços rio calmo

10 rio adoce se perde seu leite

Aldravipeia de ANÍCIO CHAVES
Tema: RIO

11 atravessar rio a pé foi milagre

12 a liberdade estava além do rio

13 rejeito represa água rio invade agressor

14 rio transporta riqueza e carrega mágoas

15 peixes escalam rios para gerar vidas

Aldravipeia de ANÍCIO CHAVES
Tema: RIO

o livro I das aldravípeias

16
menino
no
cesto
flutua
no
rio

17
rio
move
enormes
mós
moendo
milho

18
rio
tragou
barco
cheio
de
peixes

19
sinto-me
bem
cantando
menino
do
rio

20
coisas
da
vida
enquanto
choras
rio

46



Aldravípeia de ANÍCIO CHAVES
Tema: RIO

Anexo Q

o livro e as antologias



Benedita Azevedo

– RJ / Brasil –

Maranhense. Reside no Rio de Janeiro desde janeiro 1987. Poeta, haicaísta, aldravianista, escritora e ativista cultural. Formada em Letras, especialista em Educação e pós-graduada em Linguística. Participante da Primeira Antologia dos poetas aldravianistas, com 1º lançamento na Casa das Rosas em SP e depois em Portugal na Semana Luso Brasileira realizada em 2013, da qual participou de todas as atividades e recebeu os diplomas de Acadêmico Correspondente da Academia Portuguesa de *EX LIBRIS*; da Academia Internacional de Heráldica, Portugal; Honorário da Academia de Ciências Letras e Artes Brasil; Honorário da Tertúlia Rafael Bordalo Pinheiro, Portugal. Pertence a várias outras Instituições como Membro Efetivo, Honorário e Correspondente. Fundou e coordena o Grêmio Haicai Sabiá, Magé-RJ e o Grêmios Haicai Águas de Março, na cidade do Rio de Janeiro. Membro Fundador da ACLAL – Portugal. Premiada haicaísta: 1º lugar no 17º Encontro Brasileiro de haicai, novembro/2005 e o 1º lugar no V Concurso Nacional de Haicai “Caminho das Águas”, Santos – SP/2011; Cônsul de Poetas Del Mundo Magé-RJ; Recebeu a *Medalha de Mérito Cultural “Austregésilo de Athayde*, outorga da ALAP-RJ/2011. Recebeu o título de “Dama Grã-Cruz” da Real Academia de Letras – *Prêmio Jucá Santos*-outubro/2011 e o *XI Prêmio Cultura Nacional, da Ordem da Confraria dos Poetas – Brasil* / novembro de 2011. *Melhores do ano de 2011*, categoria prosador do Estado do RJ, outorgado pelo Congresso da Sociedade de Cultura Latina - Seção Brasil, Mogi das Cruzes-SP. *Comenda Arcádia Real*, pelo conjunto de sua obra - Real Academia de Letras, Porto Alegre-RS, 2012. Recebeu com louvor o título de *Cônsul Honorífico de Magé, RJ* - Real Academia de Letras de Porto Alegre -RS. Recebeu o *XII Prêmio Cultura Nacional, Real Academia de Letras – Porto Alegre – RS* (2012). *Medalha Jorge Amado*, outorgada pelo InBrasCI. Em 2013 recebeu o *XIII Prêmio Cultura Nacional, Real Academia de Letras – Porto Alegre – RS*. Publicou 19 livros individuais e 01 em parceria com o escritor Demétrio Sena. Organizou 17 antologias. Autora do *PROJETO HAICAI NA ESCOLA*, desde 2004. É verbete na Enciclopédia da Literatura Brasileira Contemporânea, volume XIV, 2009.

57



Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO

<p>I na linha do horizonte solidão poesia</p>	<p>II costuro sonhos com linha de seda</p>
<p>III com linha no anzol pesco sereias</p>	<p>IV na linha horizontal encontro meu amor!</p>
<p>V sonhamos em cada linha do poema!</p>	

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO
Tema: LINHA

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO

<p>VI todo na linha correndo pra mim!</p>	<p>VII embarcamos na linha do ônibus paixão</p>
<p>VIII na linha de chegada encontro você!</p>	<p>IX metrô lotado na linha da esperança</p>
<p>X minha linha telefônica emudeceu: declaração d'amor!</p>	

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO
Tema: LINHA

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO

<p>XI julgamento em primeira linha precisa fundamentação</p>	<p>XII construção da linha do metrô: solução</p>
<p>XIII minha linha de pensamento é diferente</p>	<p>XIV amor estamos na linha do equador!</p>
<p>XV vans fazem linha para o infinito!</p>	

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO
Tema: LINHA

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO

<p>XVI linha aérea brasil - paris cansativa: depois felicidade!</p>	<p>XVII invasão da linha da trave: gool!</p>
<p>XVIII planejou uma linha de opções criativas?</p>	<p>XIX ultrapassou linha do tempo: pobre criança!</p>
<p>XX cada linha um sentido diferente: polissemia</p>	

Aldravieira de BENEDITA AZEVEDO
Tema: LINHA

Anexo R

o livro I das aldraviceias



Matusalém Dias de Moura

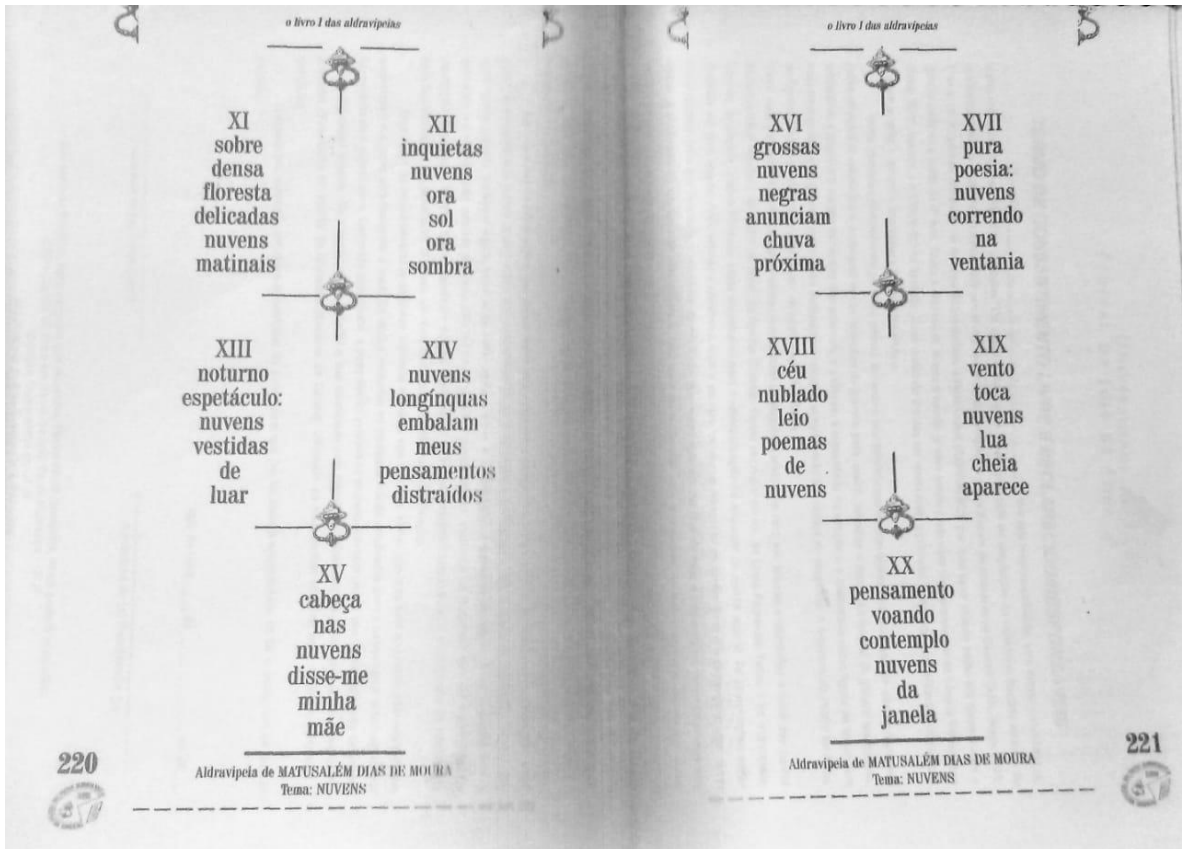
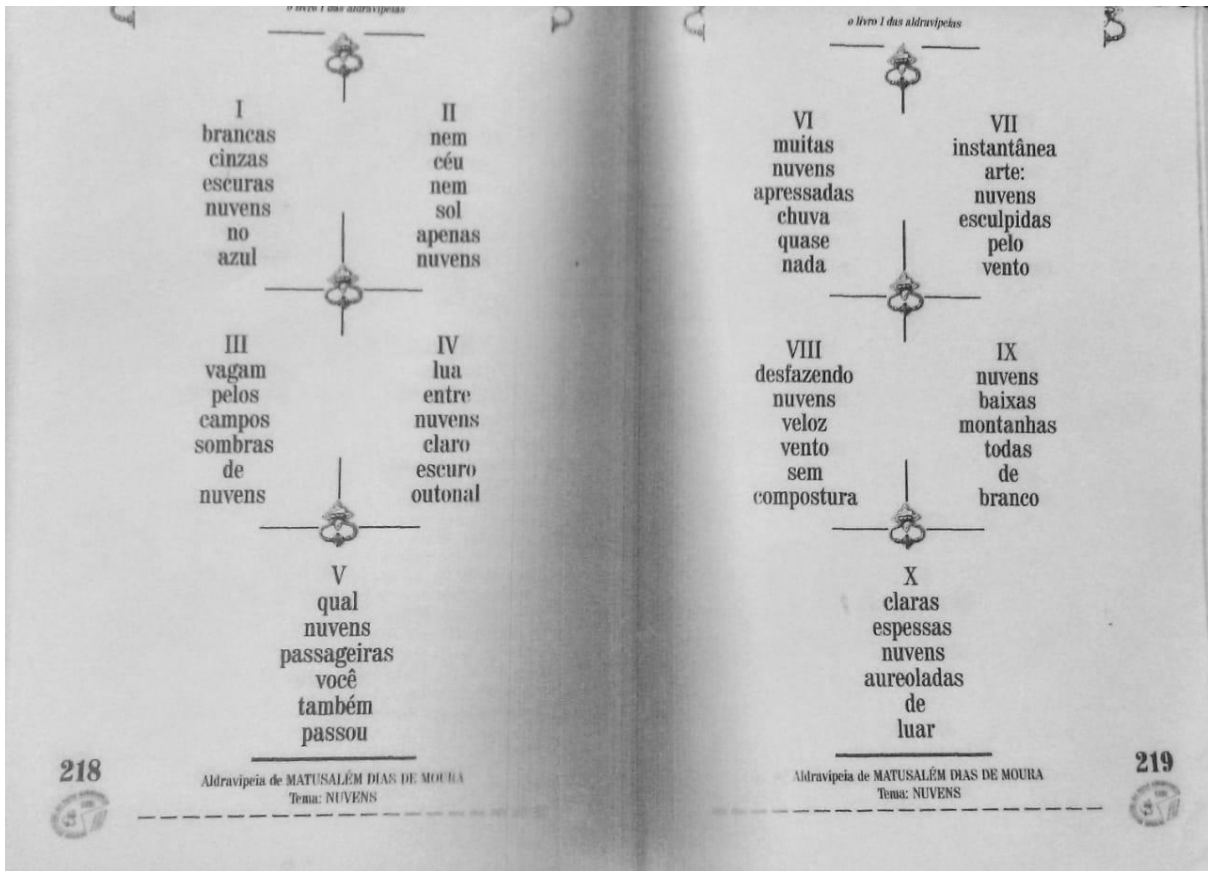
– ES / Brasil –

Matusalém Dias de Moura é advogado e procurador de carreira da Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Escritor, poeta e historiador, já com 23 livros publicados e alguns outros aguardando edição. Em concursos literários, no Brasil e no exterior, alcançou, ao longo de suas atividades literárias, mais de 20 (vinte) primeiros lugares, além de vários outros prêmios e menções honoríficas. É membro efetivo da Academia Espírito-Santense de Letras (Cadeira 34), da Academia de Letras Humberto de Campos de Vila Velha (cadeira 18), da Academia Iunense de Letras (Cadeira 26), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Associação Espírito-Santense de Imprensa e de outras instituições culturais. Faz parte, ainda, como Membro Correspondente, da Academia Mineira de Letras, da Academia Cachoeirense de Letras, da ALA (Academia de Letras e Artes), de Portugal, da *Academia de Artes y Letras de Valparaíso*, República do Chile, e do *Núcleo de Letras y Artes de Buenos Aires*, República da Argentina, dentre outras entidades congêneres. Atuando na política, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Iúna.

E-mail: matusalem diasdemoura@gmail.com


217





Anexo S

o livro I das aldraviepas



Miriam Stella Blonski
- MG / Brasil -

Miriam Stella Blonski é natural da cidade de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro. Professora do Ensino Fundamental, Médio e Superior e Inspetora Escolar. É pesquisadora da Cultura Popular, dedicando-se ao registro de lendas, casos, testemunhos, fazeres e lembranças das pessoas que encontra, nas trilhas que percorre, em especial na cidade de São Gonçalo do Rio Abaixo, Estado de Minas Gerais, onde reside. Especializou-se, na UFMG, em Literatura Brasileira, defendendo a dissertação de Mestrado: "A Representação do Saci na Cultura Popular e em Monteiro Lobato". É membro efetivo da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil de Mariana, MG. Exerceu o cargo de Diretora do Centro Cultural de São Gonçalo do Rio Abaixo e atualmente é Assessora Cultural da Secretaria de Cultura, na mesma cidade. É articulista do jornal "São Gonçalo Notícias". Publicou alguns livros dentre eles: *O Pescador de Lembranças - breve introdução à leitura de Max's de Figueiredo Portes*; *Corporação Musical Santa Cecilia - Memória afetiva e histórica de São Gonçalo do Rio Abaixo*; *Lilá* (infanto-juvenil); *Trilha de Lembranças*, Vols. 01 e 02; *As andorinhas de São Gonçalo* (infanto-juvenil); *Dueto em Fê Maior*; *A teus pés, Senhor!*; *São Gonçalo do Rio Abaixo - pessoas que ajudaram a construir sua história*; *E assim eles pensam o Natal*. Participou das Antologias *Ecrivains Contemporains Du Minas Gerais*, Paris; *Lumens*; *O Livro I das Aldravias*; *O Livro II das Aldravias*. Faz parte de instituições culturais do Brasil e do estrangeiro. É membro do Rotary Club de São Gonçalo do Rio Abaixo, Distrito 4520.

01
faz
silêncio
no
coração
dos
homens

02
silêncio
esperança
de
palavras
no
papel

03
ternura
silêncio
sonhos
tempo
de
aldravias

04
aldravias
buliçosas
rompem
silêncios
espalhando
ternuras

05
andorinhas
invadiram
céus
lusitanos
chilreando
aldravias

Aldraviepa de MIRIAM STELLA BLONSKI
Tema: SILÊNCIO

o livro I das aldraviepas

06
poemas
aldravianos
compõem
sonatas
musicando
silêncios

07
silêncio
sorriso
divino
acaricia
alma
viajante

08
som
misterioso
sibila
segredos
no
silêncio

09
sou
poeta
incurável
inebriado
de
silêncio

10
perplexidade
sentindo
silêncios
na
pela
arrepiada

11
estrondos
dinamites
destruição
Catungui
feita
silêncio

12
voltar
ao
passado
sentindo
silêncio
dolorido

13
aperto
de
mãos
fortes
silenciosa
mensagem

14
pai
amor
vivido
no
silêncio
diuturno

15
paixão
silenciosa
vibra
fimbrias
desnudas
dolorosas

Aldraviepa de MIRIAM STELLA BLONSKI
Tema: SILÊNCIO

o livro I das aldravipeias

16
andarilha
por
trilhas
silenciosas
eu
sou


17
dói
no
coração
silêncio
de
afetos

18
creio
no
silêncio
enigma
das
palavras

19
silencioso
vento
assobia
acalantos
ninando
pessoas

20
transformei
silêncio
em
solidão
abrigoando
soluços


236



Aldravipeia de MIRIAM STELLA BLONSKI
Tema: SILÊNCIO

Anexo T

o livro 1 das aldraviepas



**SUZANA MARIA
CRUZ PEIXOTO**
– MG / Brasil –

o livro 1 das aldraviepas

<p>01 amor flama que aquece: fortalece corações</p>	<p>02 viver amar necessidade do ser humano</p>
<p>03 amor pontilha vida com esplêndidas quimeras</p>	<p>04 amor força maior para avigorar bem-querer</p>
<p>05 ouça coração felicidade tem nome: amor</p>	

Aldraviepa de SUZANA MARIA CRUZ PEIXOTO
Tema: AMOR

NATURAL: Sabará-MG; FORMAÇÃO ESCOLAR: Curso superior de História; licenciatura em História; ATIVIDADES: Profª. (aposentada) ensino fundamental, Profª. e consultora em História (aposentada); PARTICIPAÇÕES LITERARIAS: Textos em Antologias; Textos avulsos; Livros I e II das Aldravias (ALACIB-MARIANA-MG); Livro "Pela Janela dos Sentimentos: Coisas Minhas" – 2013 – Poesia/aldravias. (ISBN: 978-85-8124-027-5); HOMENAGENS: Troféu Borba Gato–Sabará, 1977 e 1979 (Social e cultural); Troféu Mariana da Costa, promoção Funil Clube / Diário da Tarde: Grande BH-MG, 1978; Mulheres de Expressão (Juiz de Fora – MG) – abril 2012; Diploma e Medalha de Mérito Cultural 2012, IBCI – Rio; Medalha e Diploma JK 2012- Rio (ABRAMIL); Homenageada especial: ITABIRA MG, agosto 2012; Medalha do Mérito Cultural Jorge Amado, Rio, 2012; Grande Mérito Cultural, Aldrava Letras e Artes, Mariana MG, 2013, Prêmio Destaque Rio 2013 (Cultura Latina); Certificado de Honra ao Mérito: RE-InBrasCI-RS (2013); ATIV. SOCIAIS-CULTURAIS e INTERESSE PÚBLICO: Conselheira: Fund. Casa de Cultura-Sabará-MG 2001/2004; Cons. Arte Sabará 1977-1990; OUTROS: Associada da Soc. Bras. Poetas Aldravianistas; Membro correspondente estrangeiro do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa (2014); Membro efetivo da Harmonia Universal (Lisboa-2014).

252 253

o livro 1 das aldraviepas

<p>06 juras troçadas corações espargando franco amor</p>	<p>07 ditoso amor coração vendo sentindo acolhendo</p>
<p>08 desmedido amor: toa sino do coração</p>	<p>09 coração acelerado sorri feliz recebe amor</p>
<p>10 luzidio olhar imenso amor no coração</p>	

Aldraviepa de SUZANA MARIA CRUZ PEIXOTO
Tema: AMOR

254 255

o livro 1 das aldraviepas

<p>11 meigo olhar mimo singular sincero amor</p>	<p>12 abraço afetuoso acalanto em puro amor</p>
<p>13 sussurro aconchego carinho palco iluminado amor</p>	<p>14 puro amor espalha semente: arte materna</p>
<p>15 olhar silencioso convivência entre dois amores</p>	

Aldraviepa de SUZANA MARIA CRUZ PEIXOTO
Tema: AMOR

255

o livro I das aldravipeias

16
 singeleza
 infantil
 consegue
 exprimir
 cristalino
 amor

17
 primavera
 flores
 namorados
 arrulhos
 só
 amor

18
 bodas
 em
 solenidade
 luminosa:
 amor
 vero

19
 curios
 entoam
 cantos:
 trinos
 formosos
 amor

20
 uirapuru
 oração
 cantiga
 lamento
 de
 amor

256



Aldraveia de SUZANA MARIA CRUZ PELXOTO
 Tema: AMOR

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO SOBRE LEITURA E LEITORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
 FACULDADE DE LETRAS
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

SOBRE LEITURA E LEITORES

Caro(a) Aluno(a)

Convido você a participar de uma pesquisa sobre a Leitura no Ensino Fundamental realizada por professores de Língua Portuguesa, Mestrado Profissional em Letras, sob a coordenação da Profª Drª Patrícia Pedrosa Botelho. Sua contribuição SINCERA e FRANCA a respeito de sua experiência com a leitura será de grande importância para esse trabalho. Não é necessário assinar esta pesquisa, sua identidade será preservada.

RESPONDA ÀS QUESTÕES ABAIXO COM INTERESSE E SINCERIDADE:

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: _____

1. Você tem o hábito de ler?

() Sim () Não

2. O que o(a) motiva a ler?

() Prazer () Exigência escolar () Motivos religiosos () Não sei

() Outros, especifique _____

3. Qual(is) tipo(s) de leitura de que você mais gosta? Mais de uma opção pode ser marcada.

Livros de histórias de amor ()

Livros de aventura ()

Livros de suspense ()

Livros de contos ()

Livros de terror ()

Livros de poesia ()

Livros de romances social ()

Livros de coletâneas ()

Livros de séries ()

Livros de mangás ()

Comic novels ()

Livros de HQs ()

Livros de viagens ()

Livros de contos de fada ()

Outros. Dizer quais:

4. Você tem aula de literatura? Se sim, com que

frequência? () Sim () Não

() 1 vez na semana () 2 vezes na semana () 2 vezes ou mais

5. Você gosta das aulas de Literatura?

() Sim () Não

6. Como os livros de Literatura são cobrados na prova ou em atividades avaliativas?

7. Você frequenta alguma biblioteca?

() Sim () Não

Se sim, qual biblioteca? _____

8. Com qual frequência você vai à biblioteca?

9. Com qual objetivo você frequenta a biblioteca? Para ler, estudar?

10. Você escolhe um livro para ler por qual razão?

- () Tema () Capa
() Autor () Indicação de outras pessoas
() Título () Outro motivo

Se assinalou "outro motivo", especifique:

11. Qual foi o último livro que você leu ou está lendo?

12. Qual o autor?

13. Você tem um autor preferido? Se sim, diga qual.

() Não () Sim

14. Qual a sua principal forma de acesso aos livros que lê? Marque as opções que correspondem à sua realidade. Mais de uma opção pode ser marcada.

- () Leio os livros que o professor pede em sala de aula.
- () Meus pais me dão livros para ler.
- () Peço aos meus pais os livros que gosto de ler e eles compram para mim.
- () Pego na biblioteca da escola.
- () Pego na biblioteca da cidade.
- () Empréstimo do projeto Leitura-AMA-SD.
- () Comprando livros com a minha mesada.
- () Comprando livros na banca da cidade.
- () Comprando livros no sebo da cidade.
- () Comprando livros em livrarias de outra cidade.
- () Leio os livros que meus amigos me emprestam.
- () Leio os livros que os meus amigos me indicam.
- () Leio os livros que baixei na internet.
- () Leio os livros que ganho de outros membros da família.
- () Leio os livros que ganho de amigos.
- () Leio livros distribuídos pelo governo.
- () Leio livros que meu professor empresta.
- () Outros.

Dizer quais: _____

15. Em relação à leitura, como é a sua experiência? (Você gosta de ler? Por quê? A que você atribui isso?)

16. Em sua casa, seus pais ou familiares possuem o hábito da leitura? Com que frequência? O que costumam ler?

17. Em sua opinião, o que poderia ser feito para que a leitura literária fizesse parte de seu cotidiano?

18. Quando uma obra é adaptada para a TV ou para o cinema desperta mais o seu interesse em ler o livro?

Porquê?

19. Há em sua escola algum projeto de leitura? Se sim, fale um pouco sobre ele.

20. Você conhece algum projeto de leitura em sua cidade? Se sim, fale um pouco sobre ele (como você teve acesso a esse projeto; de que maneira ele acontece; etc.)

21. Você conhece o gênero aldravia? De que forma você teve acesso a esse gênero?

22. Você gosta de ler aldravias? Que sentimentos ou emoções esse tipo de leitura lhe causa?

23. Você julga importante o estudo das aldravias nas aulas de Língua Portuguesa? Porquê?

24. Você gostaria de fazer parte de um projeto de leitura e escrita? Justifique sua resposta.

Agradecemos sua participação!

Mestranda Joseani A. Netto

Orientadora responsável: Prof^a Dr^a Patrícia Pedrosa Botelho